

Coleção
Sexualidade & Mídias

ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI
LEILANE RAQUEL SPADOTTO DE CARVALHO
BRENDA SAYURI TANAKA
(ORGANIZADORAS)

LEITURAS SOBRE A **SEXUALIDADE**

RELACIONAMENTOS AFETIVOS E SEXUAIS
NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

VOLUME 13



Pedro & João
editores

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:
relacionamentos afetivos e sexuais
no desenvolvimento humano**

**Coleção Sexualidade & Mídias
Volume 13**



Ana Cláudia Bortolozzi
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
Brenda Sayuri Tanaka
(Organizadoras)

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:
relacionamentos afetivos e sexuais
no desenvolvimento humano**

**Coleção Sexualidade & Mídias
Volume 13**



GPESEC

Grupo de Estudos e Pesquisa em
Sexualidade, Educação e Cultura


Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ana Cláudia Bortolozzi; Leilane Raquel Spadotto de Carvalho; Brenda Sayuri Tanaka [Orgs.]

Leituras sobre a sexualidade: relacionamentos afetivos e sexuais no desenvolvimento humano. Vol. 13. Coleção Sexualidade & Mídias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 249p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-5869-463-2 [Impresso]
978-65-5869-464-9 [Digital]**

1. Sexualidade. 2. Relacionamentos afetivos. 3. Relacionamentos sexuais. 4. Desenvolvimento humano. I. Título.

CDD – 150

Capa: Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho Ana Cláudia Bortolozzi	
Capítulo 1	13
HER: RELAÇÕES VIRTUAIS E SOLIDÃO NA SEXUALIDADE CONTEMPORÂNEA Raphael Mendonça Francisco	
Capítulo 2	29
EASY A: A MENTIRA (OU VERDADE) SOBRE A INICIAÇÃO SEXUAL DE JOVENS GAROTAS E GAROTOS Larissa Angelocci Bruna Letícia Seles Souza Bianca Silva Augusto	
Capítulo 3	47
MODERN FAMILY: UMA ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA DAS CONVERSAS ENTRE PAIS E FILHOS A RESPEITO DA SEXUALIDADE Bianca Stangherlin Giovana Maschieri Bicudo	

Capítulo 4	67
DISCUSSÕES SOBRE A MATERNIDADE COMPULSÓRIA NAS SOCIEDADES REPRESSIVAS NA SÉRIE <i>BRIDGERTON</i> : IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS PARA HOMENS E MULHERES Lara Sorita Contarin Isabella Janini Misson	
Capítulo 5	91
AMOR NO ESPECTRO: A SEXUALIDADE VIVENCIADA POR PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) Ana Luiza Zana Martins de Castro Elen Fernanda Sciensa Paloma Bonato Sponchiato	
Capítulo 6	111
A <i>TEORIA DE TUDO</i> : A CONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIA FRENTE À DEFICIÊNCIA ADQUIRIDA NA VIDA ADULTA Luciano Delphino de Azevedo Junior Guilherme Jacob Cintra	
Capítulo 7	127
<i>SECRETO E PROIBIDO</i> : MEMÓRIAS AFETIVAS E ENFRENTAMENTOS NA VIDA DE DUAS MULHERES LÉSBICAS IDOSAS Amanda Novaes Rosa Ana Ligia Alcaras	

Capítulo 8	147
FLORES RARAS: ENSAIO SOBRE PODER E DOMINÂNCIA EM UM RELACIONAMENTO LÉSBICO	
Alexandre Rimar Cintra Rafael Edgar da Silva	
Capítulo 9	165
A VERDADE NUA E CRUA: ANÁLISE SOBRE ESTRATÉGIAS SEXUAIS E MACHISMO	
Gabriel Ribeiro Cabral Gabrielli Aparecida da Silva Sandro Caramaschi	
Capítulo 10	187
COBRA KAI: ANÁLISE DOS EFEITOS DAS MASCULINIDADES	
André Melo Rios Gabriel Oliveira Mendes Correia Rodolpho Antonio Rufino	
Capítulo 11	203
A GAROTA DINAMARQUESA: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS ACERCA DA TRANSFOBIA E A TRANSIÇÃO DE GÊNERO	
Marcos Vinicius Santos Alencar Tainá Aparecida Pereira da Silva	

Capítulo 12	219
POSE: UM OLHAR SOBRE A AFETIVIDADE TRANS-CIS	
Camila Silva Berto	
Larissa Neves da Costa	
Sarah Fernandes Mascarenhas de Souza	
SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)	239
SOBRE AS ORGANIZADORAS	245

APRESENTAÇÃO

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho
Ana Cláudia Bortolozzi

O 13º Volume da **Coleção Sexualidade & Mídias**, “*Leituras sobre a Sexualidade: relacionamentos afetivos e sexuais no desenvolvimento humano*” têm 12 capítulos, escritos por alunos e alunas que cursaram a Disciplina “Desenvolvimento e Educação Sexual”, oferecida no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, *campus* de Bauru, sob a responsabilidade da prof.^a Ana Cláudia Bortolozzi Maia, com a monitoria de Brenda Tanaka.

Nesta disciplina, as questões teóricas são lidas e discutidas em aulas teóricas e aprofundadas em atividades práticas de análise de filmes e materiais midiáticos, cujos resultados se encontram nesta obra.

O volume reúne capítulos com foco nos relacionamentos amorosos, questões de gênero e também práticas sexuais ao longo do desenvolvimento humano, e várias outras temáticas entrelaçam essas discussões, tais como: a iniciação sexual na adolescência, diálogos sobre sexualidade entre familiares e filhos/as, masculinidades, feminilidades, conjugalidades na era da *internet*, relações amorosas de pessoas com deficiências, machismo, transfobia, violência, dentre outros.

O primeiro capítulo, **Her: relações virtuais e solidão na sexualidade contemporânea**, de Raphael Mendonça Francisco, aborda um tema tão atual e necessário como o amor nos tempos da tecnologia. Há solidão quando é possível se apaixonar e se envolver virtualmente? É possível que a tecnologia substitua a necessidade de

vínculos presenciais? O filme e a análise problematizam essas questões.

O Capítulo 2, **Easy A: a mentira (ou verdade) sobre a iniciação sexual de jovens garotas e garotos**, das autoras Larissa Angelocci, Bruna Letícia Seles Souza e Bianca Silva Augusto, apresenta uma discussão sobre como os jovens se preocupam com a “virgindade” quando se trata das meninas, cobrando e julgando quando, como e com quem deve ocorrer a “primeira vez” evidenciando as relações entre valores morais, virgindade e gênero. Ainda falando de jovens, o Capítulo 3, **Modern Family: análise sobre a dinâmica das conversas entre pais e filhos a respeito da sexualidade**, de Bianca Stangherlin e Giovana Maschieri Bicudo aborda a dificuldade de pais para dialogarem com seus filhos/as adolescentes sobre o assunto sexo e sexualidade, o que seria importante e recomendável.

Lara Sorita Contarin e Isabella Janini Misso apresentam uma reflexão sobre as consequências do patricarcado na vida reprodutiva das mulheres, isto é, a obrigatoriedade do casamento e da maternidade imposta como uma condição social do feminino no Capítulo 4, **Discussões sobre a maternidade compulsória nas sociedades repressivas na série Bridgerton: implicações psicossociais para homens e mulheres**.

Nos Capítulos 5 e 6, as análises apresentam a temática da sexualidade e deficiências, dando visibilidade as possibilidades de expressão e vivências amorosas e sexuais dessas pessoas. Ana Luiza Zana Martins de Castro, Elen Fernanda Sciensa e Paloma Bonato Sponchiato, no Capítulo 5, **Amor no Espectro: a sexualidade vivenciada por pessoas com transtorno do espectro autista (TEA)** e Luciano Delphino de Azevedo Junior e Guilherme Jacob Cintra no Capítulo 6, **A Teoria de Tudo: a constituição de família frente à deficiência adquirida na vida adulta**.

Os Capítulos 7 e 8 abordam a orientação sexual homossexual, tratando de análises de obras que falam de romances entre mulheres adultas e idosas. O Capítulo 7, **Secreto e proibido: memórias afetivas e enfrentamentos na vida de duas mulheres lésbicas idosas**, de Amanda Novaes Rosa e Ana Lígia Alcaras, analisam um belo documentário de duas idosas que contam na velhice aos familiares e amigos uma história de amor e cumplicidade. O Capítulo 8, **Flores Raras: ensaio sobre poder e dominância em um relacionamento lésbico**, de Alexandre Rimar Cintra e Rafael Edgar da Silva mostra um filme brasileiro, baseado na história real da vida da poetisa Elizabeth Bishop.

O Capítulo 9, **A Verdade Nua e Crua: análise sobre estratégias sexuais e machismo**, dos autores Gabriel Ribeiro Cabral, Gabrielli Aparecida da Silva e Sandro Caramaschi, a discussão que se apresenta é sobre as estratégias de sedução e sexuais em relacionamentos heterossexuais, a partir da Psicologia Evolucionista, destacando a questão do machismo no papel do homem. Também problematizando as masculinidades e sugerindo possibilidades de enfrentamento aos padrões rígidos, embora em outra vertente teórica, André Melo Rios, Gabriel Oliveira Mendes Correia e Rodolpho Antonio Rufino apresentam o Capítulo 10, **Cobra Kai: análise dos efeitos das masculinidades**.

Os últimos capítulos reúnem a temática da transgeneridade, apresentando conceitos, problematizando a transfobia, as dificuldades de vivências de pessoas trans e, principalmente, dialogando sobre o fenômeno em diferentes épocas e contextos: o Capítulo 11, **A Garota Dinamarquesa: considerações analítico-comportamentais acerca da transfobia e a transição de gênero**, de Marcos Vinicius Santos Alencar e Tainá Aparecida Pereira da Silva e o Capítulo 12, **Pose: um olhar sobre a afetividade trans-cis**, das autoras Camila Silva

Berto, Larissa Neves da Costa e Sarah Fernandes Mascarenhas de Souza.

Boa leitura a todos e todas!

Capítulo 1

HER: RELAÇÕES VIRTUAIS E SOLIDÃO NA SEXUALIDADE CONTEMPORÂNEA

Raphael Mendonça Francisco

Introdução

A popularização de termos como *nudes* e *sexting* desperta algumas questões: Existe diferença entre sexo *online* e *offline*? Algum deles é mais *real*? A solidão humana tem algo a ver com o sexo?

Para abrir a reflexão se faz necessário pensar de que ideia de sexualidade se trata. Partindo do que é posto por Maia e Ribeiro (2011, p.75), esta é tratada como

(...) um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são aprendidos e apreendidos durante a socialização.

Desta forma, vê-se que a sexualidade é exclusividade humana. Enquanto nos outros animais o instinto biológico direciona o sexo penetrativo para a reprodução, nos humanos este se mescla à cultura, possibilitando uma ampliação da ideia de atração, de desejo e de sexualidade.

Ao encontro disto, vem a ideia freudiana de que o objeto da pulsão é aquilo que ela tem de mais variável, sendo escolhido por ser adequado a tornar a satisfação possível

(FREUD, 1915/1996, p.74). Isto é, esta força que move o desejo dos viventes se direciona a um objeto que é contingente. Desta forma, a colaboração do autor para pensar a sexualidade é imensa, visto que rompe com o paradigma do ato sexual exclusivamente reprodutivo, passando a um modelo de sexualidade em que o desejo pode movimentar o humano a inúmeras formas de satisfação — muitas delas, ainda, desconhecidas.

O precursor da psicanálise também se faz pertinente ao recomendar que aqueles que se interessam por este saber deveriam “agregar à prática clínica do um a um, a função de críticos da cultura que testemunhassem” (FUKS; RUDGE, 2018). Em outras palavras, a psicanálise se faz por meio de clínica, teoria e cultura e possibilita uma escuta aos modos de subjetivação contemporâneos.

Assim sendo, estando na terceira década do século XXI, reconhecer diversas formas de subjetividades e sexualidades passa, evidentemente, por reconhecer a influência das relações virtuais em nosso tempo.

O virtual e a sexualidade

Busca por parceiros em aplicativos de relacionamento, troca de *nudes* (imagens de nudez corporal), sexo via mensagens de texto (*sexting*), por chamadas de voz ou de vídeo: práticas cada vez mais populares que apontam a virtualização da sexualidade. Estas novas formas de buscar prazer superam os limites do espaço e do tempo e têm tudo a ver com a pós-modernidade, este tempo marcado pela instantaneidade (BAUMAN, 2001 *apud* FREITAS, 2012), pela fragmentação e pela impermanência (HALL, 2005 *apud* FREITAS, 2012).

Tendo em vista estas reflexões, é possível enxergar, junto a Kallas (2016) e Viganò (2009), que esta nova realidade

virtual, em que precisamos estar *online* e visíveis, interfere na(s) subjetividade(s) do Humano contemporâneo, sendo um dos elementos que constituem a realidade social e causando variações nas atitudes sexuais.

A Solidão e a subjetividade no decorrer da história

Da mesma forma que a sexualidade se configura como um conceito histórico, a solidão segue o mesmo curso, se alterando e adaptando de acordo com o momento e o contexto, carregada com diferentes significados que constroem um panorama acerca da progressão e impacto dessa experiência no viver dos sujeitos em sua individualidade e, até mesmo, na concepção de sua convivência grupal.

Tendo em vista tal ideia, podemos configurar a solidão como sendo algo de cunho positivo ou negativo, de acordo com os valores culturais que embasam a subjetividade em cada época. Pode-se apenas afirmar que se trata de um processo inerente ao ser humano, em que “estar só” difere de “sentir-se só”.

Embora o conceito seja amplamente descrito nos diversos momentos em que se apresenta como pauta social e filosófica, percebe-se estar atrelado à noção de indivíduo, que se constrói a partir de uma lógica da superposição de seu próprio isolamento em relação à sua comunidade e as relações contratuais que os vincula aos outros. Tais fatores se justificam com a ascensão da modernidade e do liberalismo congruente a esta.

Com o passar do tempo, a cada vez mais se sufocam as individualidades para a irônica gênese de uma subjetividade individual. Como afirma Tanis (2003 *apud* FERRAZ, 2006), é através da transformação do conceito de

indivíduo nos discursos do Liberalismo e do Renascimento que se é possível, de fato, analisar o conceito de solidão.

Normatividade na relação entre sexualidade e solidão

Partindo deste ponto de vista acerca da solidão, podemos analisar a forma como há, com a ascensão do capitalismo na contemporaneidade, a presente correlação entre infelicidade e solidão, na consideração do não pertencimento.

Segundo Katz (1996 *apud* FERRAZ, 2006) surgem ideais normativos sobre estar acompanhado. Portanto, alguém sozinho, por opção ou não, é mal visto por terceiros e, por consequência disto, torna-se o indivíduo narcisista que surge pela consideração de sua autonomia e da inserção da experiência da intimidade como nova formadora da subjetividade, substituindo os laços sociais das sociedades tradicionais.

Dado então que os padrões referenciais da modernidade acerca do estar só se tornam embasados desta forma, na compreensão da solidão como sintoma cultural (LIMA, 2001 *apud* FERRAZ, 2006) interliga-se o “formar uma família” ao “não estar sozinho” e por sua vez “não estar infeliz”. Logo atribui-se uma importância regida pelos valores históricos, mais uma vez, sobre esse conceito. Os indivíduos que não o fazem da maneira convencional, ou sequer o fazem, tal como aqueles que se inseriram, propositalmente ou não, num contexto de “solidão”, são alvo de julgamento e desprezo pelo próprio sistema. Daí então, junto a um desenvolvimento tecnológico e cultural aliado ao passar do tempo, surgem novas maneiras para lidar com o sentimento de estar só.

Assim sendo, se pode perceber um crescente movimento em que a ampliação das conexões virtuais

possibilita, segundo Nobre e Moreira (2013), novas formas de se relacionar em que o tempo e o espaço físico não se interpõem como limites. Isto torna viável que não se adiem as gratificações (KALLAS, 2016) nas relações sociais e sexuais *online*. A solidão, a tentativa de solucioná-la, a socialização, a sexualidade, tudo ocorre ao mesmo tempo: agora.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Her</i>
Nome Traduzido	Ela
Gênero	(Drama)
Ano	2013
Local de lançamento e Idioma original	EUA – Inglês
Duração	2ho6 min
Direção	Spike Jonze

Ambientado no contexto de uma Los Angeles futurista, onde as relações humanas estão cada vez piores, e as pessoas cada vez mais carentes e infelizes, o filme conta um momento da história do protagonista Theodore Twombly (Joaquin Phoenix), um homem em estado de solidão, melancólico, funcionário há muitos anos do “*Beautiful Hand Written Letters*”, onde escreve cartas virtuais e personalizadas, para seus clientes que não sabem o que escrever, mas desejam agradar alguém com as palavras. Ele acabou de se separar, está em processo de divórcio conturbado — vive o fim do relacionamento com sua ex-esposa Catherine.

Em meio ao tédio e a rotina monótona em que se divide entre trabalhar, jogar videogames e interagir com pessoas desconhecidas na internet, Theodore leva sua vida

no automático sem nenhuma alegria ou emoção, até o momento em que decide comprar um novo sistema operacional, o OS1, para seu computador, em um movimento de amenizar sua solidão e organizar sua vida.

Um sistema operacional que promete interpretar o tom da voz, reconhecer a personalidade de quem o usa, e que tem acesso a tudo que está na internet, e principalmente tudo em relação ao próprio usuário. Um sistema que também cuida da vida pessoal, serve de agenda, apresenta conselhos de cunho social, e faz até as melhores escolhas pela pessoa que o possui.

A voz desse sistema é personalizável, podendo ser feminina ou masculina, e o de Theodore se autodenomina como Samantha (Scarlett Johansson). Essa personificação do sistema revela-se uma companhia bem-humorada para Theo, calorosa e complexa, e à medida que a figura de Samantha se complexifica enquanto consciência, os dois começam a criar laços e ela passa a ser uma importante presença na vida do escritor, com quem ele tem os mais diversos diálogos e reflexões e da qual ele aprecia tanto a companhia e o entusiasmo com a vida.

O que começa sendo uma ótima auxiliar virtual para as atividades diárias de Theodore, acaba se tornando um porto seguro de emoções que o faz voltar a enxergar as complicações e os encantos de uma relação, ao ponto que os dois se apaixonam e começam a ter um relacionamento amoroso com momentos de ciúmes, cobranças, reclamações, discussões de relação e até sexo.

Análise Crítica

Theodore é mostrado, de início, como alguém passando por um momento de perda, seu divórcio, e

sentindo isto repercutir em seu viver. Sentindo-se solitário, tenta, de alguns modos, lidar com isso.

Assim que aparecem as lembranças do objeto de amor perdido, sua ex-esposa, Theo tenta o movimento de investir em outra coisa. Acessa uma sala de sexo virtual, fala com algumas mulheres até encontrar uma com quem resolve flertar e acabam transando por voz. Como supracitado, Kallas (2016) afirma a possibilidade que o virtual abre em não adiar as gratificações, o que se mostra claramente neste momento em que a solidão é seguida pelo desejo e este é destinado à prática do sexo virtual, com gratificação instantânea.

É interessante notar como se inicia o contato entre Theo e Samantha. Ele avista a propaganda do sistema operacional, OS1 que viria a ser ela e, idealiza em sua imagem a solução para o difícil momento pelo qual passa, em que há solidão e carência afetivo-sexual. Segundo Machado (2015), o mercado de consumo faz crer que o objeto que pode complementar o sujeito, efetivamente, existe e se pode comprar. E é neste caminho que o sistema operacional é adquirido por Theodore.

Figura 1. Theodore é seduzido pela propaganda da OS1.



Fonte: Youtube

Outra passagem relevante do filme é o momento em que Theo demonstra a relação existente entre solidão e sexualidade: *“Eu queria transar com alguém, queria que alguém quisesse transar comigo. Talvez isso preenchesse esse buraco no meu coração, mas provavelmente não”*. Percebe-se um desejo sexual voltado a dirimir a angústia de se sentir sozinho e, em seguida, certa desilusão de quem, por um breve momento, imagina que isto não será o suficiente. Retomando a diferenciação feita entre o instinto do sexo biológico e o desejo da sexualidade humana, podemos notar que a solidão é vista como algo a ser resolvido por meio de atrações, de relacionamentos, de desejar, de ser desejado e não apenas de sexo.

Durante uma conversa entre Theo e sua amiga Amy, eles se questionam sobre a relação dele com Samantha: seria um relacionamento real? Não parece haver uma resposta clara e definitiva, mas Amy transparece uma opinião de que, como ela não está no relacionamento, não pode responder sobre sua realidade ou não. Esta visão se coloca em consonância com o que é dito por Nobre e Moreira (2013). Segundo esses, embora a internet seja

representada pelo imaterial, a socialização e a sexualidade virtuais têm para alguns usuários valor igual aos das relações *off-line* sendo, portanto, reais ainda que virtuais.

Por outro lado, Viganò (2009) contribui com as reflexões aqui propostas ao reiterar que nestas novas modalidades de virtualidade o que se ausenta é o impacto com o próprio semelhante, algo que se evita tendo como consequência evitar, também, experienciar angústia. Tal afirmação pode ser ilustrada pela obra da qual tratamos, visto que lidar com o *telexo* ou com a Inteligência Artificial parecem, a princípio, experiências que diminuem a angústia de Theo em certos momentos.

O que se nos apresenta no momento histórico de *Her* é o culto à velocidade, ao consumismo e à satisfação rápida como valores de uma sociedade ultra tecnológica. Isto posto, se pode dizer que o filme corrobora a hipótese de Maia (2011) de que a sexualidade é uma condição humana, construída sócio-culturalmente, visto que o contexto deste futuro (com um “quê” de presente) possibilitou uma relação afetiva e sexual entre homem e máquina.

Retomando aquilo que foi previamente dito sobre a solidão, podemos pensar sobre o protagonista, em diversos momentos do filme, refletindo sobre o que é a solidão naquele contexto distópico e ultra tecnológico. Durante toda a obra, Theodore está em constante contato com seu círculo social, principalmente Paul e Amy, mesmo antes do desenvolvimento de sua relação com Samantha, o sistema operacional. Ainda assim, percebemos seus momentos de solidão, considerando o “sentir-se só”, no entanto ele nunca está literalmente só, o que indica que a solidão que sente, adaptada a interpretação do momento histórico e social, se embasa de fato na solidão atrelada à sexualidade e ao amor que a envolve.

Em suas relações amorosas evidenciadas durante o desenvolvimento da trama, percebe-se, inclusive, que essa solidão se torna bem recorrente nos momentos de crise, até o ponto em que Samantha fica ausente quando ele a chama pelo aparelho pelo qual conversavam, em que demonstra, pela primeira vez em todo o filme, um extremo desespero. Corre pelas ruas e espera que ela o responda, mesmo sabendo que não a encontraria fisicamente em outro local. A forma como lida com a situação, nervoso e preocupado por não a encontrar, até mesmo tropeçando enquanto a busca ininterruptamente fora de sua residência, poderia representar sua angústia de perder o objeto de seu desejo de maneira tão abrupta.

Figura 2. Momento em que Theo corre em busca de Samantha.



Fonte: Netcine

Ao final da obra, no entanto, após a partida de Samantha junto dos outros sistemas operacionais, Theodore dessa vez sorri, diferentemente do que demonstrava após o fim de seu casamento com Catherine, em diversos momentos precedentes a este. A relação que havia protagonizado com a inteligência artificial, neste

ponto, se provava diferente do que fora com sua ex-esposa, dado que ao final, a envia uma carta, não escrevendo para alguém que desconhece como fazia em seu trabalho, mas pela primeira vez como ele mesmo.

Neste momento podemos perceber o viés da sexualidade como uma forma de expressão do sujeito para com seus próprios sentimentos e pensamentos, amadurecido por suas relações e franco para com sua identidade. Identidade esta que, díspar à lógica de imediatividade e informalidade do mundo onde vive, considerando a sociedade retratada como ulterior à qual vivemos, onde mesmo fugindo dos padrões normativos de relação e sexualidade, alcança seu próprio “final feliz”.

É importante notar que, no mundo ficcional da obra, a solidão é, sim, considerada um aspecto negativo, considerando os diversos esforços de seus amigos para que encontrasse um novo amor, posterior ao seu divórcio, no entanto a forma com que veem as relações se diferencia ao ponto de não haver um presentificado julgamento sobre por quem se apaixona, tanto que é o caso de outros usuários daquela tecnologia também se apaixonarem por seus sistemas operacionais, como a própria Samantha evidencia quando questionada sobre suas outras relações.

Figura 3. Momento em que Samantha informa a Theodore com quantas pessoas está falando simultaneamente na cena.



Fonte: Netcine

Se faz necessário ponderar que as questões aqui discutidas acerca de sexualidade, solidão e virtualidade dizem respeito a um tipo específico de vivência: a de pessoas brancas, jovens, sem deficiência. Cada um destes marcadores sociais de raça, de idade e de deficiência tornaria necessário uma ampliação das questões que aprofundariam o debate de maneira crítica.

Considerações Finais

Um filme que traz diversas e importantes contribuições reflexivas como *Her*, geralmente carrega consigo premiações e reconhecimento no meio cinematográfico, mas também do público em geral que o assiste. *Her* ganhou em 2014, o Oscar de melhor roteiro original, e merecidamente por diversos motivos.

Essa originalidade que o rendeu a premiação, é perceptível a partir do momento em que o enredo é construído em cima de uma história de amor não convencional passada em um futuro tecnológico, mas que

é aparentemente não tão distante. Apesar disso, um menor foco em torno da ambientação e da criação de uma atmosfera distópica (e muito tecnológica) e uma maior evidência do uso da tecnologia em si e sua relação com os indivíduos, sua relação com a sociedade e com as emoções dos personagens, nos faz criar certa identificação com a trama de Theodore e Samantha (mesmo sem ver uma representação visual dela).

Na sociedade do filme, que é marcada pela forte presença da tecnologia, pela conectividade, pelo individualismo e intenso fluxo e consumo de informações, é possível, observar alguns dos principais dramas da pós-modernidade, que atravessam as histórias dos personagens, de modo a desenvolver neles, ao decorrer do filme, narrativas que angustiam e, ao mesmo tempo, nos levam a essa identificação com os personagens. A sexualidade é um desses dramas que podem ser observados e debatidos quando se fala sobre *Her* e foi o tema destacado nesse capítulo.

Relações afetivas e suas nuances também nos são apresentadas ao decorrer da trama, quando nos momentos silenciosos e sem fala, ou de trilha sonora com imagens da paisagem, nos proporcionam a reflexão sobre a solidão em que Theo vive - mesmo com a presença virtual de Samantha - sobre os desafios e barreiras do sentimento que o personagem sente, sobre mesmo sem mostrar muito das discussões e brigas em sua antiga relação com uma pessoa real.

Her tem a capacidade de mexer e tocar profundamente nas questões ligadas à solidão, ao mesmo tempo que apresenta a maneira como a tecnologia entra na posição e no papel de preencher espaços que foram sendo esvaziados com o tempo, e de mediar a relação dos sujeitos com a própria vida. O desenvolvimento da relação de Theodore com Samantha indica que a barreira "corpo" é

um impedimento bem pequeno quando se trata do desejo e da sexualidade, e isso se observa pelo próprio desenvolvimento de relacionamentos à distância na nossa realidade presente e não distópica.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRAZ, K. D. **A solidão do sujeito contemporâneo: Um olhar clínico**. Orientadora: Rita Petrarca. 2006. 28 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Luterana do Brasil, Gravataí, 2006. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/15.pdf>. Acesso: 28 de mar. 2021

FREITAS, S. E. da C. As características da pós-modernidade como influência estética da videoarte contemporânea. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 68-82, jul./dez. 2012.

FREUD, S. As pulsões e suas vicissitudes. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. (Original 1915). Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XIV.

FUKS, B. B.; RUDGE, A. M. Em torno da complexa articulação sujeito e cultura. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 1-9, jan. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016

KATZ, C. S. **O coração distante: ensaio sobre a solidão positiva**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1996.

MACHADO, O. Sexualidade virtual. **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 6, n.18. nov. 2015.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa: Revista Paulista de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 41-51, 2011.

NOBRE, M. R.; MOREIRA, J. de O. A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 283-298, Dec. 2013.

TANIS, B. **Circuitos da solidão**: entre a clínica e a cultura. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003

VIGANÒ, C. Realidade virtual e realidade sexual. **A peste**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 245-251, jul. /dez. 2009.

Capítulo 2

EASY A: A MENTIRA (OU VERDADE) SOBRE A INICIAÇÃO SEXUAL DE JOVENS GAROTAS E GAROTOS

Larissa Angelocci
Bruna Letícia Seles Souza
Bianca Silva Augusto

Introdução

É sabido que a adolescência caracteriza um período de desenvolvimento da espécie humana em que os indivíduos atingem a maturidade sexual, isto é, a puberdade, denotada pelas mudanças fisiológicas em razão da liberação de hormônios sexuais no corpo, acarretando no desenvolvimento de caracteres sexuais secundários. No entanto, adolescência não é compreendida apenas por suas modificações biológicas, mas também pelas sociais, pois é neste momento em que o adolescente passa a ter um senso de identidade próprio (seu *self*¹) e começa a repensar os valores que lhes foram apresentados pela família e sociedade, adquirindo maior independência e autonomia, de modo que esta fase demanda profundas mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais (SANTOS;

¹ Self pode ser entendido como uma consciência reflexiva individual que emerge em situações sociais nas quais o sujeito é capaz de estabelecer as relações de controle entre ele e o ambiente e, assim, estar sobre controle de suas próprias ações e dos sentimentos que as acompanham (SILVA e LAURENTI, 2016).

ALBUQUERQUE; BANDEIRA; COLARES, 2015; SILVA, et al., 2015; COSTA et al., 2020; ARRUDA, et al., 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), a adolescência situa-se entre as faixas etárias de 10 a 19 anos e, devido às mudanças comentadas, pode ser compreendida como um período de vulnerabilidade, em especial quando são constatadas as iniciações sexuais de jovens. De acordo com a literatura levantada e a própria OMS, a iniciação sexual precoce diz respeito aos adolescentes abaixo dos 14 anos que iniciam práticas sexuais, sendo estas não restritas à penetração, porque há o entendimento de que nesta idade não há maturidade suficiente e necessária para o contato sexual — inclusive, configurando crime de estupro de vulnerável no país (BRASIL, Lei no 12.015/2009), como salientado por Costa et al. (2020). Para além dessa problemática, os estudos apontam que existe uma associação entre as variáveis idade e comportamento sexual de risco, como sexo desprotegido e vastidão de parceiros sexuais, e suas consequências, como maior probabilidade de contaminação por infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidezes não planejadas, câncer de colo de útero e até mortalidade materna (SANTOS; ALBUQUERQUE; BANDEIRA; COLARES, 2015; SILVA et al., 2015; COSTA et al., 2020; ARRUDA et al., 2020).

Isto se torna um tema para análise quando voltamos para a realidade brasileira, principalmente no que diz respeito aos adolescentes estarem iniciando sua vida sexual cada vez mais cedo, como exemplificado por Santos, Albuquerque, Bandeira e Colares (2015): “na década de 1950, a sexarca apresentava-se por volta dos 20,5 anos; em 1975, aos 18,6 anos; em 1996, aos 16,4 anos” (p. 65). Outros autores (SILVA et al., 2015) vão ao encontro disso ao apontarem que em um estudo pontual com escolas

públicas na cidade de Abaetetuba (PA) a sexarca média verificada entre os alunos foi de 15,23 anos, sendo que 30,5% dos entrevistados haviam tido iniciação sexual precoce e que os homens “tinham três vezes mais chance de se iniciarem precocemente do que mulheres” (p.30). Ainda podemos citar outro estudo (ARRUDA, et. al., 2020) com escolas públicas, desta vez na cidade de Ribeirão Preto (SP), que complementa essas informações ao apontar que a sexarca dos alunos masculinos foi de 14,1 anos e a de meninas 14,6 anos.

Nesse sentido, é possível identificar que há um consenso de que os meninos iniciam a vida sexual mais jovens do que as meninas, sendo que uma das razões para esse fato é que eles se sentem pressionados a afirmarem sua heterossexualidade para os pares, enquanto que elas são incentivadas à castidade ou, que ao menos, tenham um parceiro sexual estável (namorado) no qual confiem e amem (RIETH, 2002; SANTOS; ALBUQUERQUE; BANDEIRA; COLARES, 2015; SILVA, et al., 2015; COSTA et al., 2020; ARRUDA et al., 2020).

É importante ressaltar que em 2002 Rieth já apontava as diferenças da iniciação sexual entre homens e mulheres em razão dos estereótipos de gênero² e das percepções individuais dos adolescentes quanto à concepção do sexo, como para as meninas “a virgindade, no grupo, aparece como um valor pessoal e íntimo, e [...] o amor passa a ser

² Gênero pode ser entendido como a diferença cultural em que os indivíduos com genitálias femininas e masculinas são expostos ao longo de sua vida, tendo como referência padrões de comportamento culturais restritos e típicos. No entanto, segundo Silva e Laurenti (2016), o aparato biológico não é determinante para essa identificação, mas sim a autopercepção do indivíduo em relação a esses papéis que desempenha, isto é, “os padrões de comportamento definidos como homem e mulher não seriam, portanto, esclarecidos pela filogênese, mas pela ontogênese e pela cultura” (SILVA; LAURENTI, 2016, p. 205).

visto como um ingrediente essencial para o sexo” (p.83-84), e que, ainda em 2020, essas ideias se mantêm atuais, por exemplo, “nas narrativas das moças, predomina uma visão romântica da sexarca associada à confiança, ao tempo de relacionamento e aos sentimentos envolvidos. Já para os rapazes, o que importa é o surgimento da oportunidade” (COSTA *et al.*, 2020, p.7).

Constata-se, então, que a percepção subjetiva das mulheres e dos homens se destoa devido aos papéis de gênero que desempenham dentro da nossa sociedade patriarcal³, porém, em ambos os casos, a percepção subjetiva de desejo — próprio ou de agradar o parceiro — e curiosidade eram os principais fatores para a sexarca e que “se sentirem seguros” não necessariamente se refletia também no ato sexual protegido pelo uso de preservativo. Pelo contrário, os meninos expressavam descontentamento em colocarem a camisinha e as meninas, por sua vez, consideravam que utilizar esta proteção fazia com que o relacionamento “esfriasse”, de modo que ambos os públicos consideravam que em uma relação amorosa estável o preservativo entraria em desuso porque denotaria uma desconfiança entre os parceiros (RIETH, 2002).

Nota-se que esse acordo entre o casal implica a ideia de consentimento de ambas as partes, algo que os jovens atualmente têm uma noção contraditória e relativista, como demonstrado pelo estudo em escolas públicas e privadas na cidade do Rio de Janeiro (RJ) de Costa *et al.* (2020), especialmente no que diz respeito aos motivos que levam ao início da vida sexual e a intervenção de órgãos do governo no controle de suas vidas íntimas. Compreende-se,

³ O patriarcado pode ser entendido como um sistema de dominação e opressão estrutural de mulheres pelos homens, sistematicamente excluindo e às delegando um papel de subordinação na hierarquia social em relação aos homens.

assim, a necessidade de uma Educação Sexual que forneça informações que abarquem todo o conteúdo correlacionado à sexualidade, como a maturação biológica, a diversidade, as gravidezes, as IST, o consentimento, a violência sexual, a violência de gênero, o aborto, o prazer e o afeto das relações sexuais, e o acesso a métodos contraceptivos — dado que alguns jovens em cidades do interior se sentem constrangidos e com medo de irem a postos de saúde buscar proteção (SILVA *et al.*, 2015); sendo imprescindível a participação ativa desses estudantes no planejamento de programas de Educação Sexual, como salientado:

Nossa análise das preferências dos adolescentes por fontes de informação sobre educação sexual indicou que 50,5% deles desejavam que seus pais e / ou responsáveis os orientassem, 47,9% desejavam receber informações por meio de palestras especializadas e 76,8% desejavam receber informações escritas e ilustradas materiais. Essas descobertas são as primeiras a identificar como os adolescentes desejam ser educados sobre sexualidade [...] com base em nossos dados, melhores protocolos podem ser desenvolvidos para a educação sexual nas escolas, baseados nas necessidades auto-relatadas dos próprios alunos (ARRUDA *et al.*, tradução nossa, 2020, p. 736).

Desse modo, os programas que vierem a atender aos requisitos mencionados acima estarão de acordo com o que os alunos querem e precisam ouvir e, além disso, irão corroborar para a execução de três dos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): Saúde e Bem-Estar, Educação de Qualidade e Igualdade de Gênero (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021). A implementação dessa Educação Sexual completa é urgente porque, segundo Couto e Dittrich (2017), em 2015 o Brasil

teve o Índice de Desenvolvimento de Gênero⁴ de 0,457 pontos, o que o colocou na 97ª posição dentre os 155 países avaliados. Nesse sentido, a análise do comportamento pode ser uma ferramenta de análise da realidade brasileira, uma vez que é possível avaliar em termos comportamentalistas que a sociedade atual é punitiva com as mulheres, apresentando consequências negativas contingentes a determinados comportamentos que não sigam o estereótipo de gênero feminino e, ainda, promove o reforçamento diferencial entre homens e mulheres, o que acaba por oprimi-las estruturalmente, como exposto em: “por meio de uma variedade de práticas culturais [...] a desigualdade de gênero tem se apresentado consistente ao longo das décadas” (COUTO; DITTRICH, 2017, p. 150).

Neste ponto, é possível destacar qual é o papel da Psicologia enquanto uma ciência que estuda a constituição do ser humano na relação com seu ambiente e com seus pares, fornecendo técnicas e métodos que podem auxiliar na preparação de programas de contra-controle⁵ que visem a diminuição das desigualdades sociais, uma vez que “Skinner defendeu a possibilidade de os princípios da teoria analítico-comportamental serem usados para a construção de um mundo melhor” (SILVA; LAURENTI, 2016, p.99), compreendendo, dessa forma, que um indivíduo é fruto do contexto em que está inserido, isto é, está sob controle das contingências vigentes, que são mutáveis e, portanto, podem ser alteradas a partir de um bom delineamento

⁴ Tradução livre de *Gender Development Index* (GDI) em que há a avaliação dos indicadores sociais de saúde reprodutiva, empoderamento e participação das mulheres no mercado de trabalho, variando de 0 a 1 pontos.

⁵ Contra-controle pode ser entendido a partir da mudança do estado de inconsciência e passividade do indivíduo em relação ao ambiente para o estado de consciência e atividade, agindo “na contramão de controles opressores” (SILVA; LAURENTI, 2016, p.208).

cultural e produzir novas relações de reforçamento que promovam a igualdade de gênero e uma iniciação sexual segura e prazerosa para homens e mulheres.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Easy A</i>
Nome Traduzido	A Mentira
Gênero	Comédia
Ano	2010
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, inglês
Duração	1h32 min
Direção	Will Gluck

O filme *A Mentira* apresenta Olive (Emma Stone), uma estudante do ensino médio que conta uma mentira sobre ter tido sua primeira relação sexual com um estudante universitário para sua melhor amiga, Rhiannon (Alyson Michalka). A conversa com a melhor amiga é escutada por Marianne (Amanda Bynes), uma estudante cristã da mesma escola que, além de julgar Olive, também repassa a informação para outras pessoas, de forma que o boato se espalha com rapidez.

Em uma conversa com Brandon (Dan Byrd), um colega homossexual, Olive comenta que ele deveria fingir ser heterossexual para evitar as agressões que sofre na escola, assim, ele recorre a ela para pedir que minta novamente, contando que fizeram sexo, para afirmar sua heterossexualidade e garantir que não seja mais agredido. Olive concorda e durante uma festa ambos entram em um quarto, pulam na cama e fazem sons de gemidos para criar a impressão de que estão fazendo sexo e para desta forma reafirmar a mentira que combinaram. Brandon a presenteia

como agradecimento após a festa e conta a amigos, também excluídos no ambiente escolar, o que a personagem principal fez por ele, logo, muitos entram em contato com Olive para serem autorizados, a troco de alguma retribuição, a contar mentiras de que se envolveram com ela.

As mentiras autorizadas por Olive começam a se espalhar pela escola, criando uma imagem da personagem que não condiz com a realidade. Ao mesmo tempo que se sente julgada, Olive se sente notada pelos seus pares na escola, algo que não sentia anteriormente e a partir disso a personagem muda suas roupas e insere um “A” nelas, em referência ao livro “A Letra Escarlate” (1850) que estava sendo discutido na aula de literatura, em que a personagem principal tinha um “A” vermelho bordado em suas roupas para ser identificada como adúltera e ser julgada pelos membros de sua comunidade.

A história atinge seu ápice quando o namorado da personagem Marianne, Micah (Cam Gigandet), que também participa de seu grupo cristão, é diagnosticado com clamídia, uma infecção sexualmente transmissível, e o mesmo acusa Olive de ter passado para ele. Olive descobre que a conselheira da escola, Sra. Griffith (Lisa Kudrow), casada com o professor de literatura, foi a parceira que transmitiu clamídia ao aluno. Buscando ajudar outra pessoa, a protagonista aceita que a mentira permaneça. Porém, a personagem começa a se sentir isolada, principalmente após brigar com a melhor amiga que passa a julgar seu suposto comportamento promíscuo e que se junta a Marianne em um protesto contra Olive.

Após tudo isso, a protagonista busca retomar as rédeas da narrativa que criou e pede àqueles que autorizaram as mentiras que revelem a verdade, mas eles se recusam já que as mentiras trouxeram benefícios para a vida dos garotos,

como a diminuição das humilhações e deboches que sofriam e posteriores oportunidades de relações sexuais com outras garotas. Diante disso, Olive cria um vídeo contando tudo o que aconteceu e posta em um blog, concluindo o filme com uma apresentação musical durante um jogo na escola convidando a todos para acessarem o blog e, assim, ter a sua voz e a verdade ouvidas novamente.

Análise Crítica

Dentre as inúmeras expressões de arte, as obras cinematográficas, especificamente, possuem a capacidade de representação, seja do mundo imaginário ou de fatos verídicos, e de transformação, posto que nossa maneira de pensar é modificada a partir da percepção e interpretação que fazemos das imagens do mundo (MIRA, 2012; CAMARGO, 2013).

Desse modo, é percebido que essa representação desigual das influências dos fatores culturais sobre o comportamento sexual humano, considerando que homens estão sob forte pressão social para iniciarem a atividade sexual ao passo que existe uma forte repressão sexual exercida sobre as mulheres, se mostra como uma imagem fidedigna da realidade segundo a bibliografia consultada, ainda que o longa retrate a sociedade estadunidense.

Tal representação pode ser observada em diversas cenas do filme, como a da festa já comentada, pois Olive chega a socar Brandon no estômago, o que faz com que ele grite de dor, simulando a exaustão que se seguiria após uma ejaculação, sendo acompanhado pela frase “*Vai nessa, meu amigo, agora você é um homem*” (33:16 min). Essa fala da protagonista revela que a ideia de que a masculinidade do homem se dá pelo início de sua vida sexual não é restrita ao público masculino, como também está presente na

percepção feminina, em conformidade com Santos, Albuquerque, Bandeira e Colares (2015).

Além disso, a cena evidencia, mais uma vez, a existência da pressão social para que aquilo ocorresse, dado que homens são estimulados a iniciarem sua vida sexual de forma precoce, pois tal comportamento ganha *status* de marco para entrada na vida adulta e, por assim dizer, compõe a autoafirmação de sua identidade (RIETH, 2002; SANTOS; ALBUQUERQUE; BANDEIRA; COLARES, 2015; SILVA *et al.*, 2015).

Consonante a isso, podemos citar o relato “*you tem 20 anos e é virgem. Ai, as pessoas que já são um pouco mais novas, vendo isso, falam: eu tenho que ter uma relação sexual pra não ser zoado por isso. É aquela pressão toda pra você perder a virgindade antes dos 18*” de um aluno de escola privada do estudo de Costa *et al.* (2020, p.7), que assim como o filme explicita como o prolongamento da *sexarca* no caso de homens é um fator punitivo, de modo que as zombarias promovem uma pressão social coercitiva para início da prática sexual, sendo a virgindade considerada um problema para os rapazes, principalmente para os mais velhos (RIETH, 2002).

Assim, é possível pontuar que quando Brandon e Olive saem do quarto após essa simulação de sexo e os outros convidados na festa comemoram com Brandon, enquanto ridicularizam Olive, o que faz com que a menina vá embora da festa por se sentir constrangida. Desse modo, a suposta performance da prática sexual de Brandon na festa foi reforçada positivamente pela comemoração dos pares e negativamente ao evitar mais agressões e reconhecimento dos colegas de escola, o que indica que a relação sexual para homens é um motivo para vangloriarem-se e pode ser expressada publicamente, pois seus comportamentos são reforçados diante disso, diferentemente das mulheres que

são punidas e até mesmo passam a ter um comportamento de fuga de situações punidoras, como no caso de Olive. Ou seja, o filme retrata o fato de as práticas sexuais estão relacionadas às representações sociais e de gênero, tal como aponta a autora Borges (2007) ao destacar como as questões relativas ao gênero se mostram fundamentais para adolescentes nas escolhas reprodutivas.

O julgamento social da vida sexual das mulheres fora do casamento foi representado pela cena da aula de literatura da obra norte-americana “A Letra Escarlate” (do autor Nathaniel Hawthorne publicada em 1850), por uma figurante pertencente a um grupo moralista da escola e tal qual a sociedade que julgou e condenou Hester, protagonista do livro comentado, tece um comentário infeliz a culpabilizando pelas humilhações públicas sofridas. A tradução do adjetivo usado pela personagem secundária é “piranha”, que em uma linguagem informal no Brasil seria algo depreciativo que remeteria a mulher à uma prostituta. A figurante ainda sugere que Olive borde em suas roupas um A na cor vermelha, pois assim como Hester levou um estigma consigo que denunciava seu adultério, Olive levaria os seus estigmas de “vagabunda” e “repugnante”.

Aqui, podemos apontar uma das críticas do filme, pois, de acordo com Camargo (2013), as imagens do mundo por nós percebidas e interpretadas forjam o modo como pensamos e a reprodução do machismo e patriarcalismo coloca homens e mulheres continuamente em disparidade de direitos, que podem ser entendidos como o nível cultural de seleção de comportamentos:

Esse é o nível das contingências especiais de reforçamento social mantidas por um grupo. No nível cultural opera-se a seleção de práticas culturais. A consequência seletiva é a sobrevivência da cultura, por meio da manutenção de práticas em um grupo social (SILVA; LAURENTI, 2016, p. 203).

Assim, mulheres são culturalmente incentivadas a manterem relacionamentos monogâmicos, protelar a sexarca e ter vida sexual apenas com parceiro estável (RIETH, 2002; SANTOS; ALBUQUERQUE; BANDEIRA; COLARES, 2015; SILVA *et al.*, 2015; COSTA *et al.*, 2020; ARRUDA, *et al.*, 2020), no entanto, quando isso não ocorre existe um julgamento moral delas sobre elas, o que é evidenciado no longa pela mudança de tratamento que Olive recebe de sua melhor amiga, Rhiannon. No início, Rhiannon se anima e apoia Olive após esta mentir sobre ter perdido sua virgindade com um universitário, o que é passado como algo aceitável no enredo porque se entende que Olive fez sexo pela primeira vez com alguém elegido por ela, um namorado, um parceiro ideal ou, por assim dizer, por amor (RIETH, 2002).

Isso muda quando Olive passa a fingir, sem o conhecimento da amiga, que fez sexo com outros rapazes. Em uma cena específica, Rhiannon liga para a Olive lhe cobrando explicações sobre ela ter feito sexo na festa comentada acima e a repreende por isso, apontando que seu comportamento está se assemelhando ao de uma “vagabunda”. Após essa cena, Rhiannon se distancia da amiga e, além disso, participa de um protesto contra a permanência de Olive na escola. Os comentários e o protesto se configuraram como consequências punitivas para Olive, em especial pela participação de Rhiannon, pois até o momento ela era considerada a melhor amiga da personagem principal, o que se apresentou como perda de reforço social e de rede de apoio para Olive.

Um dos motivos que levaram ao protesto contra Olive foi a atribuição dada a ela de ser disseminadora de clamídia, uma infecção sexualmente transmissível. No caso em específico, a acusação não era fundamentada na realidade dos fatos, isto é, Olive não estava infectada com clamídia e

não havia transado com o garoto que se contaminou, pois este estava envolvido com a conselheira da escola — o que pode ser considerado algo discutível, mesmo o personagem tendo maioria.

Ainda assim, a partir da situação retratada, podemos analisar criticamente a educação sexual oferecida pela escola do filme, uma vez que na cena anterior ao episódio do protesto, a mudança de comportamento de Olive em adotar roupas mais sensuais e os boatos sobre ela chamaram a atenção da gestão da escola, e a protagonista foi levada para a sala da conselheira, a Sra. Griffith, onde a mais velha se limitou a dar preservativos à aluna, sem nenhuma orientação propriamente dita, não ofereceu um espaço acolhedor para ouvir possíveis dúvidas de Olive ou sequer tentou promover uma discussão com a aluna, algo extremamente problemático, considerando que uma boa educação sexual nas escolas, em parceria com os responsáveis, deve fornecer informações que auxiliem adolescentes na tomada de decisões adequadas, os preparando para uma iniciação sexual segura e vida sexual saudável (ARRUDA *et al.*, 2020).

Para além disso, pode-se refletir sobre um ponto pouco abordado no filme: diferente do final em que Olive, apesar de não ter certeza, expressa desejo de ter sua primeira relação sexual com Todd, no início do filme não foi questionado se ela desejou ter a suposta relação sexual com o suposto universitário. Desse modo, negligencia-se a possível pressão que Olive possa ter sofrido do homem mais velho para se relacionar sexualmente com ele, isto é, que, apesar de consensual, sua iniciação sexual pode ter sido não desejada, ou ainda, que poderia ter sido induzida não utilizar preservativo e, de fato, ter contraído uma IST. Nesse seguimento, podemos concluir que não apenas homens estão sob forte influência para que façam sexo,

mas que meninas também sofrem esta pressão se estão em um relacionamento amoroso, principalmente se forem com pessoas mais velhas, algo comum na literatura e nos relatos de adolescentes (COSTA *et al.*, 2015; ARRUDA *et al.*, 2020).

Considerações Finais

O filme *A Mentira*, apesar de ser uma obra americana de comédia que visa o entretenimento principalmente do público adolescente, também traz em seu enredo as complexas relações que envolvem a iniciação sexual, a desigualdade de gênero e fatores relacionados a ambos os pontos anteriores que também podem se refletir na realidade brasileira. Após uma mentira sobre sua iniciação sexual, a personagem principal se percebe recebendo maior atenção dos seus colegas, bem como se torna vítima de comentários ofensivos, principalmente diante da suposta vida sexual ativa com vários parceiros, os quais são bem vistos pelos pares e passam a se proteger de possíveis humilhações ou agressões. Nesse sentido, pode-se refletir acerca das diferentes reações à vivência da sexualidade de personagens masculinos e femininos no filme analisado, uma vez que os garotos que declaravam ter tido relações sexuais com a protagonista eram positivamente reforçados com reconhecimento social por tal feito, já a garota era depreciada.

Considerando isto e visando a promoção da Educação Sexual, a discussão sobre as expectativas e percepções subjetivas sobre as sexarcas para os diferentes gêneros se torna um tópico necessário para que esse processo seja eficiente e respeite os interesses e dúvidas dos adolescentes, de forma a possibilitar escolhas conscientes, sobre consentimento, expectativas e possíveis pressões sociais, práticas sexuais mais seguras, além de reflexão acerca de

estereótipos e julgamentos que não apenas envolvem o público feminino, mas também o público masculino.

O uso de filmes, séries televisivas ou outras mídias audiovisuais podem ser meios para discussões relacionadas à Educação Sexual, possibilitando tanto a identificação dos participantes com os personagens, contexto ou mensagem transmitida pelo filme, como também oferece um ponto de partida para reflexões e debates de temas e fatores relacionados a serem considerados ao decorrer das discussões.

Referências

ARRUDA, E. P. T. et al. Sexual Practices During Adolescence. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 11, p. 731-738, nov/2020.

BRASIL. Lei no 12.015, de 7 de agosto de 2009. **Código Penal**. Diário Oficial da União, 2009.

BORGES, A. L. V. Relações de gênero e iniciação sexual de mulheres adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, n. 4, p. 597-604, 2007.

CAMARGO, M. H. O conceito como Mimesis e a verdade da arte. **Rev. Travessias, Cascavel**, v. 7, n. 2, dez. 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/9265/6853>>. Acesso em: mar. 2021.

COSTA, S. F. da et al. Contradições acerca da violência sexual na percepção de adolescentes e sua desconexão da lei que tipifica o “estupro de vulnerável”. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 11, 2020.

COUTO, A. G.; DITTRICH, A. Feminismo e análise do comportamento: caminhos para o diálogo. **Perspectivas Em Análise Do Comportamento**, v.8, n.2, p.147-158, 2017.

EASY A. (Traduzido como A Mentira). Direção: Will Gluck. Produção de Olive Bridge Entertainment. Estados Unidos da América: Screen Gems, 2010. 1 DVD (92min).

MIRA, D. M. **Das Sombras de Platão ao Realismo de Iracema: A Representação do Real no Cinema**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://run.unl.pt/handle/10362/7882>>. Acessos em: mar. 2021.

RIETH, F. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, jun., p. 77-91, 2002.

SANTOS, T. M. B. dos; ALBUQUERQUE, L. B. B. de; BANDEIRA, C. d. F.; COLARES, V. S. d. A. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa. **Rev. de Atenção à Saúde**, v. 13, nº 44, p. 64-70, abr./jun, 2015.

SILVA, A. S. N *et al.* Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saúde**, Ananindeua, v. 6, n. 3, p. 27-34, set. 2015.

SILVA, E. C.; LAURENTI, C. B. F. Skinner e Simone de Beauvoir: “a mulher” à luz do modelo de seleção pelas consequências. **Perspectivas Em Análise Do Comportamento**, v.7, n.2, p.197-211, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 3: Saúde e Bem-Estar**. Brasília, DF, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 4: Educação de Qualidade**. Brasília, DF, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 5: Igualdade de Gênero**. Brasília, DF, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Recommendations on adolescent sexual and reproductive health and rights.** Geneva: World Health Organization, 2018.

Capítulo 3

MODERN FAMILY: ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA DAS CONVERSAS ENTRE PAIS E FILHOS A RESPEITO DA SEXUALIDADE

Bianca Stangherlin
Giovana Maschieri Bicudo

Introdução

Um dilema que, sem dúvidas, promove desconforto na maioria dos pais é quando e como conversar com seus filhos a respeito da sexualidade. Sabrina Dal Ongaro Saravengo e Dorian Mônica Arpini, psicólogas das universidades Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Federal de Santa Maria (UFSM), respectivamente, investigaram em 2018, os Olhares de mães de grupos populares sobre a educação sexual de filhos adolescentes e, através de grupos focais, concluíram que as mães apresentam dificuldade para dialogar sobre sexualidade com os filhos e que esperam participação ativa das escolas e dos serviços de saúde pública.

Segundo, Sousa, Fernandes e Barroso (2006) é imprescindível a participação da família no processo de compreensão das transformações pelas quais o adolescente passa, para que ele possa enfrentar as angústias referentes principalmente ao tema da sexualidade. A psicanálise reafirma essa importância considerando a adolescência um momento de organização da vida sexual do sujeito. Os estudos de Borges, Nichiata e Schor (2006); Macedo *et al.* (2013); Saravengo e Arpini

(2013); Sevilla, Sanabri, Orcasita e Palma (2016) evidenciam que a sexualidade é um assunto pouco conversado no ambiente familiar e analisam a visão unânime dos adolescentes que afirmam não sentir abertura por parte dos pais para falar sobre questões relacionadas ao sexo.

Dias e Gomes (1999) destacam a questão mais importante: Por que os pais se incomodam em ter conversas que envolvam o tema sexualidade com os filhos? Dentre os motivos principais destacam-se o incômodo ao reexperienciar sua época de adolescência, que classificam como cheia de dúvidas e angústias. O estudo de Saravengo e Arpini (2018) aponta uma resposta complementar para essa pergunta: as mães sentem que também não entendem sobre questões relacionadas à sexualidade, pensam que os filhos, que têm um maior acesso à educação e à internet devem ter mais informações a respeito do tema. Ainda no levantamento bibliográfico das autoras, vergonha, insegurança e o medo de estimular a iniciação sexual dos filhos são os principais sentimentos que motivam esse comportamento.

Ainda sobre a questão da informação e conhecimento a respeito da sexualidade, o saber geral, chamado de saber comum na pesquisa de Macedo *et al.* (2013), se demonstra limitante e reduzido. Na conclusão da pesquisa, os autores puderam constatar que, para os adolescentes, muitas vezes a sexualidade está limitada a atos sexuais ou ao relacionamento entre duas pessoas, especialmente do sexo oposto. A pouca noção da multidimensão sexual, as dúvidas, inseguranças e a vergonha de obter informações em lugares adequados mantém os jovens em uma posição de pouco conhecimento, autoconhecimento e diálogo, no que tange a rede familiar.

De acordo com os dados obtidos por Macedo *et al.* (2013), onze dos treze jovens entrevistados não tiveram nenhum diálogo acerca de temas tangentes à sexualidade

com qualquer membro de sua família. Tabus, repressão, preconceitos e vergonha marcam a interpretação dos adolescentes com relação à possibilidade de estabelecer conversas desse gênero. Dessa forma, ainda de acordo com os autores supracitados, a dificuldade e ausência do comportamento de procurar os pais para esclarecer dúvidas sobre assuntos relacionados à sexualidade devem-se à percepção de proibição do sexo, ausência de diálogo e tons de ameaça, impedindo a fluidez da conversa em família.

Quando há conversas sobre o assunto entre pais e filhos, costumam ser protagonizadas entre mães e filhas e com tom exclusivamente anticoncepcional, recomendando o uso de contraceptivos como camisinha ou pílula. Assim, de acordo com o obtido na pesquisa, as experiências do grupo de jovens corroboram com o tom de coerção e repressão, trazendo a responsabilidade da pauta para as mulheres.

Sevilla, Sanabri, Orcasita e Palma (2016), apontam que costumeiramente, os filhos sentem-se menos envergonhados ao conversar com alguém do mesmo sexo, e falar com o pai do sexo oposto gera maior desconforto, dificuldade e vergonha. Considerando que as meninas apresentam maior disposição para estabelecer esse tipo de diálogo, recai à mãe a maior incidência de acolhimento e conversas sobre a temática. Além disso, de acordo com a postura mais incisiva e repressora assumida pela maioria dos pais, é comum que os filhos não confiem na família para se abrir a respeito do assunto. Ainda segundo os autores, é notável que muitos adolescentes tenham disposição para falar sobre o assunto, mas receiam que a iniciativa seja considerada um interesse explícito para o início da vida sexual, enquanto um indicador de dúvidas decorrentes da prática iminente.

Neste artigo, consideramos o estabelecido no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de

julho de 1990), no Livro I, Parte I, Artigo 2º “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990, p.15). Porém, a definição quanto ao desenvolvimento do período denominado adolescência vai muito além; Papaila, Olds e Feldman (2006) definem objetivamente adolescência como momento de transição no desenvolvimento que ocorre entre a infância e a idade adulta e envolve mudanças físicas, cognitivas e psicossociais.

No livro “Desenvolvimento Humano” Papaila, Olds e Feldman (2006) detalham as maiores vulnerabilidades dessa fase, como o uso de drogas, transtornos nutricionais, transtornos do sono, contração de infecções sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada e abandono escolar. No mesmo livro temos também uma seleção da contribuição de dois importantes autores da psicologia, Erikson e Piaget. Segundo Erikson apud Papaila, Olds e Feldman (2006) a principal tarefa da adolescência é confrontar a crise de identidade, de forma que ao fim dela o sujeito se torne um adulto único, com senso de identidade coerente e um papel valorizado socialmente.

De uma perspectiva social, Vincent-Buffault (1996) apud Heilborn (2012), ressaltam que a adolescência é uma invenção cultural e que as interpretações contemporâneas da adolescência advêm de um histórico, de uma construção ocorrida durante os séculos XIX e XX. Essas representações carregam um estereótipo de fase de crise, a popularmente chamada "aborrescência". Heilborn (2012) compreende a adolescência como um período de passagem para a vida adulta e seria caracterizada mais como um fenômeno social do que pelos seus marcadores etários.

A sexualidade, assim como a adolescência, é recortada pela autora em suas características sociais, Heilborn (2012)

compreende a sexualidade como um resultado de diversas variáveis, não dando relevância maior aos aspectos biológicos e psíquicos. Ainda segundo a autora, o exercício da sexualidade depende do contexto social que orienta como o desejo irá se expressar em condutas corporais e que essas condutas estão intimamente relacionadas a questões de gênero vigentes na sociedade.

O desenvolvimento da identidade, tido como foco primordial da adolescência para Érikson apud Leite e Silva (2009), perpassa o desenvolvimento da autonomia e da individualidade. Para Heilborn (2012), essa autonomia é incitada pelo desejo de expressar a sexualidade com um parceiro, e a construção de um espaço privado no qual relações sexuais e afetivas podem se desenvolver. Esse processo de interação com um parceiro implica tanto na organização interna quanto na percepção do contexto para a decisão ao tornar-se ativo nas práticas sexuais, considerando sinais do parceiro e códigos de conduta.

É comum na adolescência que os amigos sejam fontes de informações mais importantes sobre sexualidade que a família, embora a instância familiar possua relevância imprescindível para a formação sexual do indivíduo. Porém, Heilborn (2012), através de um inquérito GRAVAD - *“Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil”* (uma pesquisa publicada pela autora em 2008, cujo foco é a investigação sobre comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens brasileiros) – verificou que as conversas a respeito da sexualidade entre pais e filhos são travadas por uma noção de que conversar abertamente a respeito do tema compromete o respeito entre as gerações.

Dias e Gomes (1999), investigando casos de gravidez na adolescência através de uma entrevista com os pais das adolescentes, indicam que a mudança dos valores familiares

na última geração tem grande influência no tipo de conversa estabelecida pelos pais com relação à sexualidade dos filhos. A hierarquia, comum nas famílias há algumas décadas, dá lugar a um modelo mais igualitário e de respeito à liberdade e individualidade de cada um. Ainda assim, de acordo com a pesquisa de Sevilla, Sanabri, Orcasita e Palma (2016) ainda há, para os pais, dificuldades e tabus ao falar sobre sexo e sexualidade com seus filhos. Muitas vezes embasados em experiências com os próprios pais no passado e no receio de não saber como abordar o assunto.

Os pais entrevistados por Dias e Gomes (1999) demonstram que seus próprios pais evitavam conversar sobre qualquer coisa relacionada à sexualidade, que haviam apenas proibições rígidas e nenhum espaço para conversa. Os pais das adolescentes tentaram então utilizar uma abordagem de inserir o assunto sexualidade nas conversas cotidianas do núcleo familiar, porém ao analisar como esse assunto foi abordado, os pesquisadores perceberam que a comunicação continua sendo coercitiva. A proibição é realizada de forma disfarçada e os pais acreditam não precisar informar aos seus filhos sobre o uso de anticoncepcionais, pois eles devem receber essa informação na escola, com os amigos ou por meio da internet.

Dessa forma, de acordo com Sousa, Fernandes e Barroso (2006) as crenças, mitos e tabus sobre sexualidade, reproduzidos no contexto familiar podem influenciar direta e significativamente a prática sexual do adolescente no futuro. Com esse foco de análise, pode-se perceber o quanto o diálogo sobre sexualidade no âmbito familiar é essencial para acolher e moldar as relações dos filhos e integrantes mais jovens de forma saudável ou não.

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Modern Family</i>
Nome Traduzido	Família Moderna
Gênero	Comédia, Pseudodocumentário
Ano	2009
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos, Inglês
Duração	Em média 22 min por episódio
Direção	Michael Spiller

Modern Family é uma série Estadunidense que acompanha a trajetória de três núcleos da família Prichett: o Patriarca Jay, que vive com a segunda esposa, a colombiana Glória e o enteado de 11 anos, Manny; a filha mais velha Claire, casada com Phil Dunphy e mãe de Haley, Alex e Luke, na época com idades entre 16 e 10 anos; e o filho mais novo Mitchell, que vive com seu marido Cameron Tucker e a filha Lily, que foi adotada do Vietnã.

No décimo terceiro episódio, da segunda temporada, a trama principal se baseia na cena sexual que os três filhos de Claire e Phil acabam flagrando após entrarem no quarto dos pais para surpreendê-los e parabenizá-los pelo aniversário de casamento.

As filhas mais velhas, que já tiveram mais contato com informações sobre sexo e desesperadas pela situação constrangedora. Luke, o caçula, não entende muito bem a situação e se atenta a detalhes como a feição do pai, por exemplo “a mesma de quando ele cheira um carro novo”. Ao pensarem que o pior da situação seria a conversar sobre o ocorrido, as meninas têm a ideia de sair de casa para dar uma volta e tomar o café da manhã em outro lugar.

Por sua vez, Claire fica extremamente preocupada e tenta pensar em como abordar o assunto com os filhos - algo

que ela julga extremamente importante, já que não foi dessa forma que os pais dela lidaram com o flagra dela quando ela era criança, o que ela julga inadequado. Phil, com sua personalidade mais descontraída, acredita que a situação deve ser levada com humor e vai ter a importância que eles atribuírem a ela, dependendo da forma com que lidarem.

Dentre as idas e vindas e os males entendidos da comédia, Jay e Gloria, que estavam saindo para viajar, mas acidentalmente mandaram um e-mail ofensivo para Claire, vão até a casa dela para deletar a mensagem. Sem saber da situação, alguns diálogos desconexos e com teor cômico dão espaço para que ocorra uma conversa entre pai e filha a respeito do acontecido com o casal Dunphy, em que, finalmente, ela pôde criticar a postura do pai de ignorar o ocorrido na época.

Claire, então, expressa seu descontentamento com como Jay a tratou no incidente de sua infância, e ele resolve falar no assunto, começando a dar muitos detalhes sobre o momento sexual dele e da esposa no dia em questão. A filha fica desconfortável e resolve sair de perto, não querendo mais saber sobre aquilo, e, de certa forma, provando o ponto do pai, mesmo não sendo esse tipo de conversa que ela gostaria de ter tido. Se aproveitando dessa reação de afastamento que a sua sexualidade gerou na filha, a situação do e-mail de Glória é resolvida com Jay falando que o conteúdo da mensagem é uma foto da esposa nua, deixando Claire constrangida e permitindo que a colombiana a apague.

Enquanto isso, Alex, Haley e Luke conversam sobre a situação da manhã. Iniciam a discussão com comentários sobre a irresponsabilidade dos pais em permitir o acontecimento e em outros momentos em que poderiam agir com mais seriedade. Depois disso, percebem que “é melhor [que sejam assim] do que ter pais que brigam o tempo todo”,

e comparam ao grande número de pais de amigos que são divorciados. Concluem, por fim, que é bom que os pais ainda pratiquem relações sexuais e que o lar seja estável.

Ao voltarem para casa, já sabendo da inclinação dos pais em conversar sobre o assunto, as crianças combinam que vão apenas sorrir e concordar, para evitar maiores constrangimentos. Phil e Claire falam que sentem muito por terem sido vistos naquela situação, e, mesmo embaraçados, comentam que não há nada a se envergonhar no futuro, quando eles explorarem sua sexualidade, quando entre adultos, e se sentem orgulhosos com a reação positiva dos filhos.

O final da trama tem como desfecho o presente de aniversário de casamento das crianças para o casal: uma tranca para a porta do quarto. Entretanto, seguindo a pegada humorística, os filhos sempre sabem quando algo sexual vai acontecer porque a fechadura faz muito barulho, gerando muito desconforto no começo conforme retratado no episódio, mas, implicando em uma aceitação da vida sexual dos pais e em um amadurecimento a respeito dela a longo prazo.

Análise Crítica

Gritos, dúvidas, angústias e tentativa de enganar os filhos com frases como: “Não tem nada acontecendo”, são as primeiras reações dos pais quando são flagrados durante o ato sexual, representadas de forma verossímil na produção televisiva. O susto e o nervosismo fazem com que as personagens permaneçam mais de uma hora trancados no quarto pensando em como lidar com a situação, considerando ser um momento decisivo para o desenvolvimento psíquico e sexual dos filhos “Isso pode definir como eles se sentirão em relação a sexo e intimidade”.

Embora saibam a importância de conversar sobre o assunto, a perspectiva dos pais ainda é, muitas vezes, embasada nas experiências prévias com seus progenitores. Segundo Sevilla, Sanabri, Orcasita e Palma (2016), as mães sentem menos dificuldades ao falar sobre o assunto com os filhos em comparação com os pais. Na série, isso é estabelecido pela percepção de Claire sobre a importância do momento. As dificuldades principais apontadas pela pesquisa dos autores acima também são parte da composição do episódio da série: a vergonha e o não saber como começar a falar sobre o assunto.

A pesquisa feita por Saravengo e Arpini (2013) demonstra que as adolescentes concordam que a orientação dos pais modifica a forma com que elas cuidam e conhecem seus corpos e a forma com a qual se relacionam sexualmente e amorosamente com os outros. Claire ainda destaca a necessidade de planejar e ensaiar o que dizer para aguentar enquanto os filhos a olham com nojo e desaprovação.

Um dos grandes desafios contextuais que tecem a resolução dessa situação é a questão de gênero, que transcende a sexualidade em diversos aspectos. É nítido como a situação é mais difícil para Claire, que é vista como a mais responsável no casal. Embora em diversos momentos o papel de gênero é disruptivo na série, colocando o homem como mais sensível e menos independente do que a esposa, nesse episódio recai a ela o maior peso ao ser pega, já que, enquanto mulher e matriarca, ainda é necessário para ela que elabore a desaprovação da exploração e do prazer sexual feminino. Conforme apresentado por Macedo, *et al.* (2013) em sua pesquisa, os diálogos a respeito de sexo e sexualidade são costumeiramente realizados pelas mães e filhas no intuito de impedir a gestação e a má fama, o que ainda corrobora com a responsabilização e a reação de Claire no episódio em questão.

Na pesquisa de Borges, Latorre e Schor (2007) foi verificado que dos poucos adolescentes que falam com os pais sobre a sexualidade uma porcentagem muito pequena sente abertura para conversar com o pai (ou quem quer que ocupe o papel paterno). Possivelmente esse fato esteja relacionado à visão do pai enquanto pessoa que cria as regras da família e também impõe as consequências para quem não as segue. Já o papel da mãe enquanto cuidadora e parte essencial do lar e assuntos domésticos, facilita o estabelecimento de um diálogo mais aberto. Por sua vez, isso implica às mulheres da casa maior cobrança e responsabilização sobre o aspecto sexual.

As mães da pesquisa de Saravengo e Arpini (2018) relatam, assim como Claire, um histórico de silenciamento por parte dos próprios pais e o caminho preenchido por angústias e tabus, principalmente durante a adolescência. Então, para falar sobre sexualidade com os filhos, algumas mães da pesquisa dizem terem buscado orientações de médicos e psicólogos nos postos de saúde. Nos Estados Unidos não há um sistema público de saúde universal, o que, dentre outros fatores relacionados ao estilo da série, pode ser uma razão pela qual Claire e Phil não buscaram orientações de profissionais da saúde e da educação.

Saravengo e Arpini (2018), ainda categorizam que a escola tem deveres pedagógicos a respeito das questões biológicas e construções sociais sobre a sexualidade. Aos postos de saúde, por sua vez, cabe a orientação acerca dos cuidados inerentes de uma vida sexual ativa; e aos pais o acolhimento tendo como principal ferramenta a escuta ativa, o refúgio para angústias para as quais não há respostas em livros.

Entretanto, no que tange o papel escolar acerca da função pedagógica sobre a sexualidade, de acordo com Macedo *et al.* (2013), há escassez na discussão. Há reconhecimento da importância da temática com relação à

promoção de saúde, prevenção, reflexão sobre violência sexual e contracepção, mas pouco se faz sobre isso. Os temas são abordados de maneira superficial e não costumam sanar as dúvidas necessárias, ou deixar os jovens à vontade para estabelecerem um diálogo expressivo e saudável. Esse fenômeno, faz com que os adolescentes se sintam ainda mais perdidos em relação à sua própria sexualidade e o que essa dimensão pode representar, tornando as outras instâncias ainda mais importantes para que o diálogo seja construtivo e as dúvidas sejam sanadas.

Em outros episódios da trama, Phil e Luke, enquanto os únicos homens da família, têm conversas, brincadeiras e até mesmo auxílio a respeito do desenvolvimento sexual na adolescência. Com as meninas há um certo distanciamento e até mesmo uma renúncia, principalmente por parte do pai, de que elas possam ter uma vida sexualmente ativa. Phil sofre com o crescimento dos filhos, mas é especialmente mais complicado para ele lidar com o amadurecimento sexual das meninas do que do caçula.

Como considerado por Macedo *et al.* (2013) e corroborado pela série, a maneira como o indivíduo vivencia sua sexualidade está norteadada pelo sexo, gênero e papel social. Sua relação e possibilidades na escolha sexual diferem e limitam-se ao estado de solteira ou casada, correspondendo ao script social e sexual de sua condição, conforme elaboram os autores.

Dias e Gomes (1999), realizaram diversas entrevistas com pais de adolescentes grávidas e investigam como foi a educação sexual de seus pais. As diferenças de gênero se dispuseram de forma bastante explícita, já que, enquanto as jovens mulheres eram proibidas de ter relações sexuais antes do casamento, aos jovens homens era orientado apenas que não se relacionassem com moças “de família” para não causar problemas. Apesar da diferença do tratamento dos pais com

meninos e meninas em relação a sexualidade a postura destes já é bastante disruptiva em relação à postura dos próprios genitores. Segundo Brandão (2004) apud Saravengo e Arpini (2013) às regras em relação à sexualidade dos filhos não estão claras nem mesmo para os pais.

Enquanto refletem sobre o que e como conversar com os filhos a respeito do ocorrido se lembram de como seus pais tratavam assuntos relacionados à sexualidade. É demonstrado durante toda a série que a família de Phil tratava os assuntos mais difíceis utilizando do humor e é o que ele propõe fazer com os filhos. Já Claire se lembra de quando ela mesma entrou no quarto de seus pais e os viu transando, e diz que os pais nunca tocaram no assunto, o que tornou a situação pior. Esses comportamentos demonstram exatamente o citado por Dias e Gomes (1999), de forma que grande parte do incômodo dos pais em conversar sobre sexualidade com os filhos é relacionado à re-experiência da sua adolescência e de como seus pais agiam a respeito. Entretanto, a situação pode (e aparentemente tem) um fim positivo para o casal, que puderam ressignificar suas próprias experiências relacionadas a sexualidade parental, Claire e Phil sentem que foram muito bem na conversa com os filhos e que são ótimos pais por conta disso. Segundo Preto (1995) apud Saravengo e Arpini (2013) os pais que aceitam sua sexualidade transmitem essa aceitação para os filhos.

Na pesquisa de Sousa, Fernandes e Barroso (2006) é notável como a vivência da sexualidade baseada em convicções errôneas e prejudiciais adquiridas na adolescência pode resultar em consequências irreversíveis para os filhos e aumentar os fatores de risco aos quais podem ser expostos. Sendo assim, o fortalecimento de práticas saudáveis e diálogos menos restritivos, mas mais acolhedores e informativos podem aumentar fatores de

proteção à violência, gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis.

A conversa segue um caminho interessante ao ser conduzida pelos pais principalmente quando dizem que sexo não deve ser motivo de vergonha, contanto que envolva consentimento e dois adultos. Essa constatação é importante para que os filhos se sintam mais confortáveis a viver a sexualidade e explorá-la, mesmo que na hora eles não estivessem prestando muita atenção.

A fala pela fala não deve ser considerada um grande sucesso, já que não causou o efeito esperado. A produção evidencia o despreparo parental para abordar o tema, e o tabu que é a sexualidade para a sociedade no geral. É muito interessante, no entanto, que a conversa sincera e descontraída dos filhos tenha feito com que eles, entre si, entendessem a importância do sexo para a manutenção do relacionamento dos pais e que até respeitassem o espaço de cada membro da família - dando a tranca como presente de aniversário de casamento.

Outro aspecto muito interessante foi que Phil, ao se desculpar com os filhos pelo ocorrido, enfatiza o fato de estar arrependido por terem visto, não por ter relações sexuais com sua esposa. Esse posicionamento é muito importante para a construção da dinâmica da sexualidade para os familiares, já que tira o sexo da posição de algo condenável. Embora não tenha acreditado na importância da conversa a princípio, e faça diversas alusões ao lado mais humorístico e descontraído, o posicionamento do personagem enquanto o pai e uma das figuras centrais do núcleo familiar é essencial para que o respeito e a liberdade se constituam, deixando os filhos mais livres para explorar a sexualidade no momento em que estiverem mais maduros. Saravengo e Arpini (2013), em uma pesquisa realizada com mulheres adolescentes, ressaltam que para

elas falar sobre sexualidade envolve falar sobre companheirismo, carinho e relacionamentos, porém para os pais é apenas sobre sexo e acreditam ser por isso que eles evitam conversar sobre o assunto quando o tópico é namoro no geral.

Saravengo e Arpini (2018) concluem que o papel mais importante dos pais relacionado à orientação sexual dos filhos é a escuta das angústias que permeiam a adolescência como um todo, os romances e o envolvimento físico. No episódio da série em questão percebemos que os filhos estavam com muitas angústias e que em vez de ouvidos, a “conversa” foi absolutamente unilateral, com os pais (que planejaram e ensaiaram o que dizer) em pé e eles sentados recebendo uma palestra sobre como se comportar.

Na pesquisa realizada por Dias e Gomes (1999) fica evidente o medo parental em responder às dúvidas dos filhos, além do receio de acabar ocasionando o início da vida sexual por meio do incentivo ao tocar no assunto de forma inadequada. Também sentem que têm menos informações a respeito dessa fase, já que os filhos aprendem sobre na escola e com a internet. Já nos casos em que houve a gravidez indesejada na adolescência, os pais das jovens demonstraram diversas emoções como surpresa, decepção, raiva, culpa e alegria, implicaram a si mesmos uma responsabilidade, e, principalmente as mães, sentem que falharam. Isso corrobora com o proposto por Borges, Latorre e Schor (2007), já que, nesse caso, por serem mais consultadas, as mulheres se sentem mais responsáveis pelo decorrer do âmbito sexual na vida de suas filhas.

É importante notar que, mesmo Claire criticando a abordagem de seu pai e sua mãe no passado, possivelmente um efeito semelhante foi gerado nos filhos, que também não julgaram adequada a postura de conversar a respeito da

ocasião. Uma conversa mais íntima, escutando e entendendo as características de cada criança seria mais efetiva e até mesmo confortável para todas as partes.

Apesar dos pais, tanto da pesquisa de Saravengo e Arpini (2018) quanto da série, quererem e entender a importância de conversar com seus filhos sobre sexo e sexualidade, ainda ficam muito nervosos e, principalmente, angustiados por não saber se vão conseguir responder suas perguntas, se vão dizer algo errado, estimular o envolvimento sexual prematuro dos filhos, ou constrangê-los. Essas inseguranças acabam ocasionando uma postura defensiva em que há apenas falas e atitudes parentais, desconsiderando as opiniões e particularidades da realidade contextual dos filhos (levando ao posto de saúde, como visto na pesquisa, ou falando de forma unilateral como na série, por exemplo).

Por mais diferentes que sejam os contextos da série (Estadunidense de classe média) e da pesquisa (Mulheres de baixa renda brasileiras), diversas conclusões se aplicam: a necessidade de educar os pais com projetos de saúde pública e em escolas, principalmente sobre a escuta e a quebra de mitos e tabus e também sanar possíveis falhas em seu processo de educação sexual quando adolescentes, sejam elas dúvidas do caráter biológico, social ou psicológico.

O preparo ao lidar com as questões a respeito da sexualidade que surgem durante o desenvolvimento é muito importante, especialmente na adolescência, período em que a temática é posta em evidência. Assim como os pais na produção televisiva vivenciaram, o despreparo para acolher e elucidar possíveis dúvidas é marcante e tende a influenciar a forma que a dinâmica familiar futura pode se pautar.

Baseado em Saravengo e Arpini (2018) e no contexto brasileiro podemos destacar duas ferramentas da educação sexual para adolescentes: o PROSAD, programa do Ministério da Saúde que busca normatizar o

atendimento aos adolescentes na saúde pública; e o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), o qual determina a necessidade de tratar a sexualidade como um tema transversal a todo o ensino e expor ao adolescente diferentes pontos de vista e valores relacionados ao exercício da sexualidade, para que em comparativo com os valores da família possam refletir e estabelecer suas próprias opiniões.

Considerações Finais

A série em si é repleta de momentos que fomentam a desconstrução e a reflexão de paradigmas que envolvem a vivência de uma família nos dias de hoje. É de forma leve e descontraída que assuntos como homossexualidade, divórcio, início da vida sexual, sexo no casamento, crescimento dos filhos e suas fases e temas variados que permeiam o cotidiano de famílias e suas idas e vindas na atualidade.

Embora, em alguns momentos haja certa romantização, estereotipação e exageros para alívio cômico, se observada com uma ótica crítica e reflexiva, podemos enxergar um reflexo de problemas e vivências comuns em famílias reais e até nos identificar com mais de um personagem e suas jornadas.

A temática da sexualidade, como já dissemos, é considerada tabu em contextos diversos. As famílias, como responsáveis pelo amparo e estímulo do desenvolvimento de seus membros inevitavelmente se deparam com situações inusitadas e que vão requerer suporte e maturidade para que sejam passadas com êxito.

O movimento intergeracional de padrões comportamentais é uma das questões centrais do relacionamento familiar. Como fase crítica no desenvolvimento, a adolescência exige dos pais certa

reflexão e posicionamento mais realista e sincero sobre como abordar temáticas que podem não ser confortáveis para si. Avaliar como os referenciais (seus pais, responsáveis, outros familiares e adultos) lidaram com o tema no passado, pode ser um parâmetro para a postura atual, como observado na série.

Conhecer as pessoas com quem se relaciona é muito importante para saber como se posicionar em momentos de diálogo e em que situações potencialmente desconfortáveis ocorrem.

Tanto a partir da pesquisa de Saravengo e Arpini (2018), quanto a partir da análise do episódio da série percebemos a necessidade do preparo do psicólogo para orientar os pais a conversarem com seus filhos a respeito da sexualidade. As ações podem ocorrer tanto por iniciativa dos profissionais que trabalham nos postos de saúde, centros de assistência, quanto nas escolas. O momento de reunião de pais e mestres, por exemplo, parece às autoras do presente texto o ideal para educar os pais a respeito da escuta ativa das dúvidas e angústias do período da adolescência, o que inclui as questões da sexualidade e também para o acolhimento desses pais que se sentem desamparados.

Referências

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online]. 2006, v. 14, n.1, pp. 422-427. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000300017>>. Epub, 10 Jul 2006. Acesso em 15. Jun. 2021.

BORGES, A. L. V.; LATORRE, M. R. D. O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2007, v. 23, n. 7 [Acessado 15 Junho 2021], pp. 1583-1594. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000700009>>. Epub 31 maio 2007.

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 16 dez. 2018.>

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia** (Natal) [online]. 1999, v. 4, n. 1 [Acessado 4 Junho 2021], pp. 79-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1999000100006>>. Epub 03 maio 2001.

HEILBORN, M. L. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 57 – 68, 2012.

LEITE, A. A. M.; SILVA, M. L. Um estudo bibliográfico da Teoria Psicossocial de Erik Erikson: contribuições para a educação. **Debates em Educação**, Maceió, v. 11, n. 23, p. 148-168, abr. 2019. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6332>>. Acesso em: 15 jun. 2021. doi: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2019v11n23p148-168>.

MACEDO, S. R. H. et al Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.66, n. 1, p. 103-109, 2013.

PAPAILA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 8ª edição, Porto Alegre, RS, Artmed, 2006.

SARAVENGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Cadernos de Pesquisa [online]**. 2013, v. 43, n. 150, pp. 924-947, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742013000300010>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

SARAVENGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Olhares de mães de grupos populares sobre a educação sexual de filhos adolescentes. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 08-29, 2018.

SEVILLA, T. M.; SANABRIA, J. P.; ORCASITA, L. T.; PALMA, D. M. Consistencies and Discrepancies in Communication Between Parents and Teenage Children About Sexuality. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 26, n.64, p. 139-147, 2016.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; & BARROSO, M. G. T.. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.19, n.4, p.408-413, 2006.

Capítulo 4

DISCUSSÕES SOBRE A MATERNIDADE COMPULSÓRIA NAS SOCIEDADES REPRESSIVAS NA SÉRIE *BRIDGERTON*: IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS PARA HOMENS E MULHERES

Lara Sorita Contarin
Isabella Janini Misson

Introdução

Ser mulher significa carregar uma marca de inferioridade em relação à figura masculina, algo que às custas de muitas lutas tem sido paulatinamente transformado. Ao longo do tempo, a cultura judaico-cristã, com a narrativa bíblica do pecado original, aponta para a culpabilização de Eva pela expulsão da humanidade do paraíso bem como pela corrupção do corpo humano e do sexo, que passaram a ser tidos como algo impuro (ANGELIN, 2015).

Tal concepção tem auxiliado num processo secular de domínio patriarcal sobre os corpos e subjetividades femininas, uma vez que desde a criação descrita em Gênesis a mulher foi concebida como auxiliar, estando em uma posição secundária em relação ao homem, o que justificaria uma dominação “natural” do feminino pelo masculino (MARTINS, 2008). Desse modo, tem-se continuamente direcionado as condutas femininas, sejam elas comportamentais, sexuais ou reprodutivas, determinado quais caminhos a mulher deve seguir, sendo que no cerne desses caminhos desponta-se a maternidade.

De acordo com o Angelin (2015), essa visão tem modulado a relação da sociedade com as mulheres, resultando na edificação de uma cultura patriarcalista calcada em pressupostos naturais, com papéis de gênero bem demarcados que postulam regras a serem seguidas no ambiente familiar. Aos homens caberia o papel de provedor de recursos econômicos e de protetor da família, enquanto que às mulheres caberiam os cuidados para com o lar e com os filhos, uma vez que tais atribuições fariam parte de uma essência biológica da mulher que estaria associada à sua capacidade de gerar e de ser mãe, sendo, portanto, mais fáceis de serem desempenhadas pelas mesmas (SOUZA; FRANCA; DE DEUS, 2019; OLIVEIRA; MARQUES, 2020).

Passando pela Antiguidade e posteriormente pela Idade Média, tal concepção misógina se erigiu com os ditames do *Malleus Maleficarum* – O Martelo das Feiticeiras – que sustentou a chamada “caça às bruxas”, o genocídio de milhares de mulheres realizado pela Santa Inquisição como uma forma de condenar a vida sexual das mulheres, criminalizando qualquer tipo de expressão da sexualidade que não tivesse fins procriativos (MENEZES, 2018).

Já a Era Vitoriana (1837-1901), período do reinado da rainha Vitória na Inglaterra, foi marcada por rígida repressão da sexualidade e por intensa valorização da constituição familiar (FABRÍCIO; AZEVEDO, 2015), algo que recaía principalmente sobre as mulheres. As mulheres eram discriminadas e consideradas intelectualmente inferiores, de forma que aquelas que tentassem orientar suas vidas para outros fins que não a maternidade e o casamento eram tidas como transgressoras da ordem natural e da religião (ZOLIN, 2003 apud FABRÍCIO; AZEVEDO, 2015).

Conforme Gonçalo *et al.* (1016), no Brasil não foi muito diferente daquilo que vinha ocorrendo na Europa, pois as mulheres brancas que foram chegando ao país durante a era

colonial propagavam os modelos de comportamento feminino socialmente aceitos, sendo assexuadas e se dedicando ao casamento, aos filhos e à igreja. Posteriormente, no Império, a mulher ainda era ensinada a ser mãe e esposa, a servir ao marido e a se resguardar do espaço público, tendo uma educação profundamente diferente daquela destinada aos homens (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019). Assim, às mulheres era ensinado que deveriam se inspirar no “arquétipo do modelo de Maria” (SOUZA *et al.*, 2000), sendo exemplos de um amor baseado na dor, na passividade, na docilidade e na subserviência (ALLEGRETTI, 2019).

Com a entrada da mulher no mercado de trabalho decorrente das guerras mundiais e com o avanço da urbanização promovido pelo pós-guerra, as mulheres passaram a ocupar cada vez mais o espaço público, sendo necessário que as mesmas fossem reintroduzidas na esfera doméstica para que se desse continuidade ao projeto patriarcalista de controle rigoroso sobre a sexualidade feminina, o que possibilitaria a manutenção da propriedade privada própria do capitalismo nas mãos masculinas (MENEZES, 2018).

A mídia auxiliou grandemente no projeto de lapidar ainda mais o mito do amor materno, promovendo um processo de constrangimento e culpabilização das mães que se afastassem dos filhos e dos maridos (OLIVEIRA; MARQUES, 2020). Nesse contexto que surgem as típicas propagandas de eletrodomésticos dos anos 50, os filmes das clássicas “princesas Disney” e, no Brasil, os periódicos do século XX como Revista Feminina ou A Mãe de Família, todos com a finalidade de se utilizar de um ideal feminino marcado pelo culto à beleza e por uma personalidade frágil, complacente e solidária sempre à espera da figura masculina, e também de um discurso científico regido pela masculinidade como forma de promover uma educação

específica para as mulheres que as reconduzisse ao ambiente doméstico (BORGES; RODRIGUES, 2018; OLIVEIRA; MARQUES, 2020).

Conforme o desenvolvimento da sociedade e da democracia, as relações de gênero têm passado por transformações importantes, sendo que as mulheres têm conquistado cada vez mais direitos e espaço para exercerem sua cidadania, principalmente após os anos 1960 com a intensificação do movimento feminista (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019). No entanto, ainda hoje perdura o domínio patriarcal sobre os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, o que pode ser identificado na tripla jornada de trabalho exercida por muitas mulheres enquanto trabalhadoras assalariadas, mães e donas de casa, sendo que essas duas últimas ocupações, tão essenciais para a manutenção do capitalismo, ainda têm sido invisibilizadas na esfera produtiva e interpretadas como algo “gratuito” e natural da mulher, o que permite concluir que alguns direitos não são estendidos às mulheres (ANGELIN, 2015).

Todos esses fatores têm contribuído para que a maternidade seja romantizada e vista enquanto um ideal de realização da mulher, para que cerceie as liberdades femininas e que passe a ser confundida com o que propriamente é ser mulher, para que, enfim, torne-se compulsória. Siegel (1992) aponta que o conceito de maternidade compulsória surgiu no contexto das lutas feministas pelo acesso a métodos contraceptivos e pelo direito de autodeterminação em relação à maternidade, pelo direito de não ser mãe ou de exercer uma maternidade voluntária, segura, socialmente amparada e prazerosa (MATTAR; DINIZ, 2012), ou seja, da luta das mulheres pela garantia de seus direitos sexuais e reprodutivos.

Para Angelin (2015), os direitos sexuais podem ser entendidos enquanto aqueles que “se configuram como a

liberdade e capacidade para desfrutar a sexualidade a partir da ética pessoal, sem ter presente a culpa e outros fatores que venham a enfraquecer as relações sexuais” (p. 190), enquanto que os direitos reprodutivos “envolvem o direito ao acesso à saúde reprodutiva e sexual, incluindo benefícios científicos, o direito à liberdade e à segurança, a autodeterminação e a liberdade de escolha da maternidade, a não discriminação e o respeito às escolhas feitas” (p. 190). Tais direitos preconizam por uma maternidade proveniente de uma escolha consciente e autônoma por parte da mulher e socialmente amparada pelo Estado, calcada no acesso a informações e conhecimento sobre o próprio corpo, o que muitas vezes não acontece. Nossa sociedade, seja através da mídia ou das instituições sociais e religiosas sempre compeliu as mulheres à maternidade, de forma que aquelas que não querem ou não conseguem ser mães são tidas como inferiores e menos femininas, o que pode causar sentimentos de culpa, vergonha e insatisfação naquelas que destoam da imagem sacralizada da mulher-mãe (RITZ, 2017; ALLEGRETTI, 2019; CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019).

Essa idealização da maternidade, colocada como realização última da mulher, tem afetado e ainda afeta as subjetividades femininas. Tendo em vista esse panorama, é válido que seja feita uma reflexão sobre uma temática altamente ignorada, porém existente e extremamente importante, dado que fere a integridade do indivíduo e direitos humanos fundamentais: a violência sexual contra homens tendo a mulher como sujeito ativo no crime de estupro.

É muito recente a figuração do homem como vítima do estupro. No que diz respeito ao âmbito legal, apenas em 2015 através de alterações na Lei 12.015/09 (BRASIL, 2015), o crime de estupro passou a considerar que pessoas de ambos os sexos poderiam ser identificadas como sujeitos

ativos ou passivos, configurando a possibilidade de violência sexual de autoria feminina contra o sujeito do sexo masculino (CARDOSO, 2015). Mesmo após a inclusão de tal possibilidade na lei, são extremamente raros registros de ocorrências de casos nos quais os homens são vítimas de estupro, além de haver também grande escassez de estudos com homens vítimas de violência sexual (SARTI; BARBOSA; SUAREZ, 2006; MACHADO; MATOS, 2012; LEITE, 2015; ARMOND *et al.*, 2020). Na ocorrência desse crime, ainda é possível o cenário em que o mesmo seja praticado pela mulher com a finalidade de se utilizar do sêmen para uma inseminação artificial ou mesmo propriamente para se adquirir uma gestação (CARDOSO, 2015), algo relevante para a presente discussão.

Para Sarti, Barbosa e Suarez (2006), os homens heterossexuais vítimas de estupro são vítimas invisíveis, uma vez que nossa cultura tem grande dificuldade em identificar o homem como vítima de violência sexual e não como agressor. Considerando o machismo impregnado em nossa sociedade, conceber o corpo masculino enquanto um corpo frágil que foi violado é algo impensável e que foge àquilo que é propriamente definidor da masculinidade. Dessa forma, na perversa e cruel estrutura patriarcalista “não há espaço para o reconhecimento, no homem, da vulnerabilidade presente no humano” (p. 177).

No que diz respeito às consequências de tal abuso, Machado e Matos (2012) e Cardoso (2015) afirmam que há consequências intensas e semelhantes para homens e mulheres, como confusão, vergonha, dor, sentimentos de raiva e possibilidade de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos como ansiedade de depressão, no entanto, os homens podem apresentar maiores dificuldades para se recuperar do trauma de um abuso sexual, dado que tal ato

além de violar sua autonomia pessoal também viola seu senso de masculinidade.

Para além disso, os papéis de gênero presentes na sociedade influenciam a procura de ajuda, pois os homens vítimas de violência sexual não costumam admitir a ocorrência do abuso e não procuram auxílio profissional por medo da estigmatização e, principalmente, por não serem tratados como iguais nos serviços de saúde, não havendo atendimento especializado para esses homens, diferentemente do que ocorre para com as mulheres (MACHADO; MATOS, 2012).

Com base no que foi exposto, o presente capítulo se propõe a discutir a violência sexual contra homens praticada por mulheres tendo por base a análise da série mais assistida da *Netflix: Bridgerton*, notadamente a cena sexual desenvolvida entre os protagonistas Daphne e Simon no episódio 6. Para a realização de tal análise, tem-se vista as influências perversas do machismo e do patriarcado sobre as subjetividades masculina e feminina, abordando o tratamento diferenciado que a sociedade confere aos homens e às mulheres, a rigidez dos papéis de gênero e a relutante presença da maternidade compulsória no ideário social ainda no século XXI.

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Bridgerton</i>
Nome Traduzido	<i>Não há</i>
Gênero	Drama romântico; Drama de época
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	<i>Netflix</i> , Inglês
Duração	8 episódios, 57-72 min cada
Direção	Shonda Rhimes

Bridgerton é uma série produzida pela Netflix, derivada de um conjunto de livros da autora estadunidense Julia Quinn. Com lançamento em dezembro de 2020, a série possui apenas uma temporada - que corresponde ao primeiro livro da saga, *O Duque e Eu* - e foi recordista, recebendo o título de série original da plataforma de *streamings* mais assistida da história, com 82 milhões de usuários que assistiram a série em apenas 28 dias após sua estreia. *Bridgerton* recria o ambiente da Inglaterra do início dos anos 1800 mostrando a vida das famílias da alta sociedade com foco na família Bridgerton, que nomeia a série. Classificada pela Netflix como série de gênero drama romântico, *Bridgerton* conta a estória de amor dos personagens principais Daphne e Simon (duque). Enquanto se desenrola a história do casal, a história de outros personagens também é contada, girando em torno dos temas romance, cortejo, sexo, gravidez e casamento (LLORENTE, 2021).

Na série, Daphne e outras moças de sua idade estão se preparando para debutar, ir aos bailes, flertar e conhecer seus pretendentes para que arranjem um bom casamento. Daphne é considerada como a favorita da temporada pela rainha, sendo muito cobiçada pelos homens e tendo vários pretendentes, porém seu irmão mais velho Anthony é bastante protetor e acaba afugentando muitos deles. Ela conhece Simon, o duque, amigo de seu irmão, e um homem que não está interessado em casar ou ter filhos. Eles se unem para fingir flertar e afugentar as pretendentes de Simon ao mesmo tempo que causam ciúmes aos homens que cobiçam Daphne. Porém, acabam se apaixonando e ao longo da trama vários complicadores aparecem para o amor dos dois. Enquanto tudo isso ocorre, Lady Whistledown, uma jornalista que conta as “fofocas” da alta sociedade, fala sobre acontecimentos e pessoas causando muita polêmica.

Análise Crítica

A série se inicia com uma emblemática frase de Lady Whistledown, comentando que “*as senhoritas são empurradas pelas mães para o mercado de casamentos como leitões para o abate*” (BRIDGERTON, 2020, ep. 1). Tal frase já descreve a sentença pela qual passavam praticamente todas as mulheres no período pré-vitoriano, a necessidade de casar e de constituir uma família para que as mesmas tivessem algum valor ou prestígio na sociedade. O ano de 1813 abordado na primeira temporada da série se situa temporalmente no final do período regencial inglês, já havendo fortes influências da Moral Vitoriana que se consolidaria nos anos seguintes, de forma que a obra deixa clara a intensa repressão sexual pela qual passavam as mulheres. Logo no primeiro episódio, a protagonista Daphne se mostra extremamente preocupada em conseguir um marido, temendo que os comportamentos de seu irmão superprotetor Anthony dificultem que ela engaje um matrimônio. Em uma discussão, Daphne diz a Anthony:

Você não tem ideia de como é ser uma mulher. Como é sentir sua vida inteira reduzida a um momento. Foi para isso que fui criada. Isso é tudo que eu sou. É meu único valor. Se eu não arrumar um marido, serei inútil (BRIDGERTON, 2020, temporada 1, ep. 1).

É possível notar na a frase de Daphne o controle que a sociedade patriarcal da época colocava sobre as condutas femininas, de modo a identificar a mulher integralmente com o papel de mãe e esposa, reduzindo sua vida à execução desses papéis (MENEZES, 2018). Ao longo dos demais episódios também é possível notar amplamente a repressão sexual que é direcionada às mulheres, principalmente sobre as mais jovens, sendo que quaisquer

comportamentos das mesmas que fossem minimamente distantes do “arquetipo do modelo de Maria” (SOUZA *et al.*, 2000), de mulher assexuada, submissa, dócil e totalmente identificada com os interesses do casamento e da maternidade, eram amplamente condenados.

Diversas cenas retratadas na série ilustram situações nas quais as mulheres são restringidas apenas à sua função procriativa, evidenciando que as mesmas não tinham direitos ou que seus desejos, opiniões e seu poder de fala estavam muito aquém daqueles dos homens. Todo o cenário de repressão sexual e de cerceamento dos direitos femininos são suavizados pelo discurso ideológico da época apresentado de modo alegre na construção da trama. Tal discurso naturaliza essas situações, justificando-as com base em pressupostos biológicos do que é ser homem e do que é ser mulher, de maneira que tanto a protagonista como quase a totalidade das demais personagens femininas acatam tais verdades e se identificam com elas, acreditando que o casamento e a maternidade são o verdadeiro e único caminho para a felicidade (ANGELIN, 2015).

Essa dinâmica de controle incessante sobre os corpos e as vidas femininas pode ser muito bem exemplificada no episódio 2 quando Daphne questiona sua mãe acerca do rumo que sua vida tem tomado, questionando o casamento e temendo a possibilidade de se casar sem ser por amor, sendo que logo em seguida a mãe responde à filha dizendo que “*o casamento é o melhor que a vida tem a oferecer: um parceiro, uma casa para cuidar e filhos*” (BRIDGERTON, 2020, ep. 2). A frase dita por Lady Bridgerton contribui para reafirmar essa “verdade universal” para Daphne, o que possibilita concordar com Ritz (2017) quando a autora declara que são as próprias mulheres que, desempenhando

um papel contraditório, contribuem para a reprodução das normas do sistema patriarcal que tanto as prejudica.

Um contraponto à identificação e tentativa de reprodução dessa figura normatizada da “mulher-mãe-perfeita” é a personagem de Eloise, irmã mais nova da protagonista Daphne (SOUZA; FRANCA; DE DEUS, 2019, p. 3). Eloise cumpre a função de trazer elementos mais contemporâneos para a série, desempenhando um papel que remete a uma figura feminista, questionadora dos costumes da época e que desafia o que é tradicionalmente proposto em busca de liberdade, uma vez que sempre comunica às demais personagens que as mulheres possuem outras capacidades que vão além da vida doméstica, como trabalhar e estudar, porém, que são impossibilitadas de realizá-las.

Conforme Borges e Rodrigues (2018), as obras cinematográficas mais recentes têm realizado uma releitura e uma readaptação dos papéis femininos, desconstruindo os estereótipos de conduta feminina calcados em uma ótica machista que anteriormente eram propagados, no entanto, ainda há persistência de valores tradicionais que não possibilitam o abandono dessa essência ideológica do que é ser mulher. Eloise e outras personagens conseguem trazer essa visão de questionamento e de emancipação feminina mais adequada e agradável aos dias atuais, por exemplo, quando Eloise conversa com sua amiga Penélope sobre o noivado da irmã Daphne:

Sabe o que é uma conquista? Entrar em uma universidade. Se eu fosse homem poderia fazer isso, mas em vez disso tenho que ficar sentada vendo a mamãe ficar orgulhosa porque um homem admira o rosto e o cabelo da minha irmã e vai enchê-la de bebês (BRIDGERTON, 2020, temporada 1, ep. 2).

Assim, as personagens femininas da série conseguem conquistar as mulheres da atualidade ao se mostrarem renitentes diante de diferentes contextos de opressão e controle impostos às condutas femininas, conseguindo levar um pouco do olhar contemporâneo de emancipação cultural da mulher para o cenário pré-vitoriano da trama. Contudo, essas mesmas personagens ainda revelam traços típicos que resgatam a correlação entre a mulher clássica e a contemporânea, como a valorização da beleza, a convergência entre a mulher que é simultaneamente frágil e destemida, independente e apaixonada (BORGES; RODRIGUES, 2018). Desse modo, ao mesmo tempo em que cativa a espectadora do século XXI pela irresignação feminina, *Bridgerton* a embala numa combinação sutil com aquilo que tradicionalmente se espera de uma mulher, afinal, apesar dos momentos de inconformação e rebeldia, Daphne foi obediente e alcançou seu “feliz para sempre” como o próprio título do último episódio da série sugere.

Daphne e Simon protagonizam muitas cenas de sexo ao longo da série, nas quais, assim como na cena onde se masturba ou perde a virgindade, Daphne demonstra sentir muito prazer. É comum que mulheres não se permitam explorar o próprio corpo, não sintam prazer na masturbação e até no ato sexual mesmo depois de longas experiências sexuais ativas. O prazer feminino fica mais comprometido conforme aumenta o grau da repressão da sexualidade feminina, da falta do conhecimento sobre si, do modelo machista da dinâmica de relacionamentos heterossexuais e da sociedade patriarcal (GONÇALO *et al.*, 2020). Assim, o prazer de Daphne diante a tamanho desconhecimento – da relação sexual, do corpo masculino, da fecundidade, do próprio corpo – pode ficar restrito a uma cena de ficção. Constata-se, então, que este foi mais um artifício para conectar as mulheres dos dias atuais à personagem da série,

incluindo um pensamento moderno ao contexto de ingenuidade e da repressão vivido pela personagem.

A privação do conhecimento sobre a concepção, o sexo e o próprio corpo ficam ainda mais claras nos episódios seguintes. No quarto episódio, Daphne e Simon se beijam no jardim de baile. Anthony descobre e força Simon escolher entre casar-se com Daphne ou fazer um duelo com ele. O duque reluta em se casar com Daphne, pois ele não podia ter filhos e não queria tirar esta oportunidade dela. Mesmo nessas circunstâncias, Daphne aceita o noivado. É perceptível que a protagonista não sabe o significado de “não poder ter filhos”. Nos episódios seguintes, ela tenta entender qual seria a limitação do Duque que o impediria de ter filhos e imaginava que fosse algo físico. Em nenhum momento é cogitada a ideia de que ele não queria ter filhos por quaisquer outros motivos. Na época, com a hipervalorização da família, o curso considerado natural era casar e ter filhos e o casal que não procriava era vítima de preconceitos.

Nesse contexto, é preciso que seja dado destaque a uma cena em particular que é de grande importância para a presente discussão. No sexto episódio da série, após a criada de Daphne ter explicado a ela sobre como de daria a concepção, a protagonista passa a considerar a possibilidade de Simon estar mentindo para ela, e este apenas não *desejar* ter filhos em vez de ser incapaz de tê-los e, assim, a estar privando de ter filhos. Então, em uma cena marcante na qual Daphne e Simon se envolvem em um ato sexual, Daphne, considerando seu grande desejo em ser mãe, sobe sobre Simon e, apesar da evidente relutância e descontentamento do duque, a protagonista permanece sentada sobre ele até que o mesmo acabe por ejetar dentro dela.

Após essa cena, o casal tem uma discussão na qual Daphne afirma se sentir traída pelo marido por ele ter

mentido sobre não poder ter filhos e por ter “brincado” com sua ingenuidade, enquanto que Simon afirma ter sido traído por Daphne por ela ter feito algo contra a vontade dele próprio. Tal ocorrência se resolve ao final da série, de modo que obra sugere de forma sutil que Daphne seria inocente naquele ato, dado que estaria motivada pelo seu desejo profundo, intenso e “natural” pela maternidade, como se esse desejo aliado à ingenuidade da protagonista justificassem o ato por ela realizado.

Os acontecimentos acima relatados deixam clara uma das formas de opressão da mulher mais presentes na série que é a falta de conhecimento e o não exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. Não saber como seu próprio corpo funciona, não saber o que é e como se dá a concepção, fez com que Daphne se colocasse em um casamento no qual não seria realizado o seu sonho de ser mãe, pois não era a vontade de seu marido.

Naturalizar a maternidade e colocá-la como uma obrigação restringe as mulheres a pensarem que este é seu único papel e, por isso, a personagem sente-se traída por seu marido quando descobre que não querer ter filhos é uma vontade de Simon e não um impedimento biológico. Daphne acredita estar sendo privada do melhor momento de sua vida como mulher e da vida no casamento, pois sua identidade, assim como a de diversas mulheres na antiguidade e mesmo na atualidade, fora construída em cima da indissociabilidade da mulher em relação a sua capacidade biológica de gerar (SOUZA; FRANCA; DE DEUS, 2019).

Para além disso, a cena do ato sexual entre os protagonistas é impactante no contexto da série, porém a trama consegue suavizar esse momento bem como envolver o espectador, que logo acata o que foi realizado por Daphne como um ato de amor em prol da maternidade. Ao ser lançado um olhar mais atento sobre a cena descrita, levanta-se a

possibilidade de ter ocorrido uma cena de violência sexual na qual Daphne seria o sujeito agressor enquanto Simon configuraria a vítima. Conforme a Organização Mundial da Saúde, violência sexual pode ser entendida por

todo ato sexual, tentativa de se consumir um ato sexual, comentários ou insinuações sexuais dirigidas a alguém contra sua vontade, ou as ações para comercializar ou utilizar de outro modo qualquer a sexualidade de uma pessoa mediante coerção, por qualquer pessoa independentemente de sua relação com a vítima, em qualquer âmbito, incluindo, mas não se limitando ao lar e ao ambiente de trabalho (WHO, 2002, p. 149).

Dessa forma, considerando que o ato ocorreu contra a vontade de Simon, é possível afirmar que de fato foi apresentada na série uma cena de violência sexual. Todavia, a discussão fica um pouco mais complexa quando se levanta a possibilidade de ter ocorrido uma cena de estupro. De acordo com o Artigo 213 da Lei 12.015/09 (BRASIL, 2009), configura-se crime de estupro “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. No momento em que tal ato foi realizado, aparentemente Daphne não infligiu ao duque nenhuma violência ou ameaça, entretanto, considerando que a violência pode ser definida “como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (WHO, 1996, p. 5), nota-se que a protagonista realizou um ato contra a vontade de Simon que acabou por gerar sofrimento emocional e psicológico ao duque, podendo-se dizer que ocorreu, mais propriamente, uma cena de estupro.

Mesmo havendo amparo tanto legal como nas postulações da Organização Mundial da Saúde, compreender a cena mostrada na série como um ato de estupro causa estranhamento ao espectador contemporâneo quase tanto quanto causaria à própria personagem de Daphne que cometeu o ato. A complicação encontrada para perceber o episódio retratado como estupro é um ponto-chave que merece atenção. Conforme Sarti, Barbosa e Suarez (2006), essa dificuldade adviria do fato de que no imaginário popular sobre crimes sexuais não seria o ato em si que configuraria uma violência, mas sim a definição prévia de quem seria a vítima.

Logo, tendo em conta as questões culturais relacionadas ao machismo e à estrutura patriarcal da sociedade, as mulheres, por serem estigmatizadas como frágeis, dóceis e inferiores aos homens, seriam cristalizadas na posição de vítimas enquanto que os homens, por serem tidos como fortes, poderosos e superiores, ficariam permanentemente colados ao papel de agressor (SARTI; BARBOSA; SUAREZ, 2006; MACHADO; MATOS, 2012).

Essa concepção é problemática na medida em que a violência íntima ocorrida entre os casais, considerando também a violência sexual e a possibilidade de estupro, não é específica do masculino e não tem o homem unicamente como sujeito agressor, de forma que em casais homossexuais também são relatados casos de violência sexual (DUTTON; NICHOLLS, 2005 apud MACHADO; MATOS, 2012). Para além disso, essa dificuldade em perceber a violência sexual cometida por Daphne evidencia o quanto os direitos sexuais e reprodutivos têm falhado em se estender à população em geral. No que diz respeito a serviços de apoio e assistência no caso de violência sexual e também ao conteúdo tratado sobre essa temática, todos são quase que integralmente voltados apenas para as

mulheres, o que inibe ainda mais que homens que sofrem algum abuso desse tipo possam denunciar e procurara ajuda (SARTI; BARBOSA; SUAREZ, 2006).

O objetivo deste capítulo não é contestar a atenção dada a mulher e a luta pela proteção e pela garantia de direitos a essa parcela significativa da população, mas sim questionar o quanto a conjuntura machista e patriarcal da sociedade também causa malefícios aos homens quase tanto quanto causa às mulheres. No que diz respeito à violência sexual, pode-se ainda ressaltar o tratamento diferenciado que a sociedade e o ordenamento jurídico conferem às mulheres e aos homens que sofrem tais abusos, vitimando e muitas vezes julgando como culpadas aquelas, e desacreditando, envergonhando e não conferindo local de assistência a esses (CARDOSO, 2015).

Para além disso, pode-se ainda levantar outra questão que diz respeito à maternidade compulsória, pois Daphne apenas realizou o crime aqui mencionado pelo desejo – ou melhor, necessidade – que sentia por ser mãe. Na época retratada na série, a mulher apenas tinha valor enquanto fosse esposa e mãe, algo que mesmo após várias transformações ainda ressoa na atualidade, persistindo pressões sociais para que as mulheres se tornem mães, havendo estranhamento e julgamento para com aquelas que não desejam a maternidade e até mesmo inferiorização de outras que são incapazes de exercê-la por diferentes motivos (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019).

Essa ideologia acerca da identificação do papel feminino com o papel materno aliada à sacralização da maternidade tem causado ao longo do tempo muito sofrimento às mulheres e até mesmos aos seus filhos, posto que a escolha pela maternidade e pela educação de um novo sujeito que viria a adentrar na sociedade não têm ocorrido como frutos uma escolha autônoma e consciente, mas sim

por pressões sociais, morais e religiosas (RITZ, 2017; CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019; SOUZA; FRANCA; DE DEUS, 2019; OLIVEIRA; MARQUES, 2020). Desse modo, é possível afirmar que a maternidade compulsória propagada pelo sistema patriarcalista tem afetado negativamente as subjetividades femininas, propagando para as mulheres que a maternidade enquanto forma última de felicidade e realização, o que permite refletir sobre o quanto tal ideologia impregnada no cotidiano social não contribui para a ocorrência de crimes de estupro tendo a mulher como sujeito ativo e com finalidade de se chegar a uma gravidez, como exemplo do caso recentemente retratado por Cardoso (2015) e também da cena presente na série.

Considerações Finais

O caminho traçado ao longo deste capítulo destaca os efeitos maléficos do machismo e do controle patriarcal para a sociedade como um todo. Atualmente muito se discute sobre o feminismo e o empoderamento da mulher, mas ainda há uma grande herança do pensamento patriarcal que dificulta o progresso nesse sentido, e isso é corroborado com a grande adesão do público à série *Bridgerton*, principalmente no que concerne a discussão sobre a violência sexual. A inferiorização social da mulher enquanto incorporação da fragilidade e docilidade somada a masculinidade que brutaliza o homem, faz dele viril, pronto para o sexo a todo tempo e incapaz de recusá-lo, faz com que homens justifiquem os abusos que cometem por sua necessidade de sexo e o suposto poder sobre o corpo e subjetividade de sua parceira, e faz com que mulheres não sejam culpabilizadas por suas ações violentas por conta do estereótipo de sua biologia incapacitante, não-agressiva, incapaz de cometer crimes e abusos contra uma figura varonil.

Segundo Sarti, Barbosa e Suarez (2006, p. 173), “um mesmo ato pode ser considerado violência ou não, conforme a representação que se tem da vítima”. Tal contexto sugere uma dificuldade que precisa ser superada bem como evidencia estereótipos de gênero que necessitam ser desconstruídos para que se possa conceber a violência sexual na esfera de uma questão humana e relacional, posto que os vieses de gênero seriam redutores, conduziram a avaliações incertas, à reprodução dos estereótipos e papéis de gênero e atravancariam ainda mais o desenvolvimento de redes de atendimento também voltadas para a saúde do homem, o que prejudica ainda mais o avanço das políticas de universalidade e equidade preconizadas pelo SUS.

Dado o exposto, é importante destacar o papel da Educação Sexual para a prevenção de abusos, tanto para homens quanto para mulheres. Quando bem realizada, a Educação Sexual pode ajudar pessoas a se protegerem de viver e cometer violência sexual, uma vez que proporciona mais conhecimento e esclarecimento sobre as situações de violência, trabalhando temas como o consentimento, a importância do prazer para ambos na relação, a sexualidade com segurança, o planejamento familiar, etc. A Educação Sexual que é feita de maneira informal, através da família, dos amigos, da pornografia e dos costumes aprendidos pelos homens e mulheres muitas vezes não é eficaz contra a violência sexual justamente por propagar os valores de uma sociedade e ensino sexual patriarcais, podendo naturalizar algumas das situações de violência, como a que ocorreu com o personagem Simon.

É necessário, porém, ressaltar que o contexto dado neste capítulo não justifica as ações de violência de Daphne, nem de outros personagens e pessoas. O que as autoras intencionaram mostrar fora a invisibilidade do

homem que sofre a violência sexual e como a configuração social patriarcal contribui para isso. É de urgência que pessoas - sejam homens ou mulheres - que cometem abusos e violências de qualquer gênero sejam culpabilizados e devidamente julgados por suas ações. Entender como a história, a sociedade e a cultura contribuem para que violências continuem ocorrendo é de suma importância para ajudar que estas situações parem de se repetir. Por isso, a Educação Sexual feita por profissionais qualificados, como Psicólogos e Educadores, por exemplo -, além da luta por maior igualdade de gênero e emancipação feminina, podem ser aliados no combate à violência sexual e no direcionamento de uma vivência mais saudável da sexualidade, promovendo a saúde e bem-estar.

Referências

ALLEGRETTI, F. E. Aborto e maternidade compulsória: considerações acerca dos direitos reprodutivos das mulheres. **Anais Ciências Criminais**, v. 1, n. 1, out. 2019. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/cnccdh/article/view/11837/16315>>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

ANGELIN, R. Direitos sexuais e direitos reprodutivos das mulheres: avanços e desafios na construção da democracia. **Coisas do Gênero**, v.1, n. 2, p. 182-198, ago.-dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2616/2464>>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

ARMOND, J.E.; ARMOND, R.E.; FONSECA, C.V.; RODRIGUES, C.L.; OLIVEIRA, J.C. Uma visão geral de um país em desenvolvimento sobre homens vítimas de violência física e sexual. **Revista Nursing**, v. 23, n. 269, p. 4741-4745, 2020. Disponível em: <<http://revistas.mpmco>

municacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/973/1114>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

BORGES, H. P.; RODRIGUES, R. F. A tradição dos contos de fada e a sobrevivência de matrizes culturais femininas nas narrativas cinematográficas infantis. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, v.15, n.2, p.109-127, set.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n3p109>>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

BRASIL. Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto- -Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 10 ago. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.>Acesso em: 20 de mar. 2021.

BRIDGERTON [Seriado]. Direção: Shonda Rhimes. Produção: Shonda Rhimes. Los Gatos: Netflix, 2020.

CARDOSO, A. P. A mulher como sujeito ativo no crime de estupro e o aborto sentimental. **FAS@JUS - e- Revista da Faculdade de Direito Santo Agostinho**, v. 5, n. 2, p. 79-87, 2015. Disponível em: <https://es.mpsp.mp.br/revista_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/51>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

CÉSAR, R. C. B. de; LOURES, A. F. ANDRADE, B. B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2, p. 68-75, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956>>. Acesso em: 09 de mar 2021.

FABRÍCIO, C. L.; AZEVEDO, M. R. **Marginalização feminina na era vitoriana representada no romance Tess, de Thomas**

Hardy. 2015. 21 f. - Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras- Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM- IEAA, Manaus, 2015. Disponível em: < <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/4add879d-655b-43d9-8020-10e26cd2b6aa/TCC-Letras-2015-Arquivo.011.pdf>>. Acesso em: 08 de mar 2021.

GONÇALO, D. R. S.; NASCIMENTO, J. P. S.; SANTOS, M. B. dos; ARAÚJO, M. Y. de. **Sexualidade Feminina: da repressão ao “não orgasmo”**. Maceió: Centro Universitário Tiradentes - UNIT/ AL, 2016. Disponível em: <<https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/3345/TCC%20PARA%20O%20CD.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 de mar. 2021.

LEITE, F. M.C.; BRAVIM, L. R.; LIMA, E. F. A. PRIMO, C.C. Violência contra a mulher: caracterizando a vítima, a agressão e o autor. **J. res. fundam. care. online.** v.7, n. 1, p. 2181-2191, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750945029.pdf>>. Acesso em 22 de mar. 2021.

LLORENTE, A. **Bridgerton: 3 motivos que explicam como a série virou a mais vista da história da Netflix.** BBC News. 2020 Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-55890538#:~:text=dezembro>>. Acesso em: 19/03/2021.

MACHADO, A.; MATOS, M. Homens de quem não se fala: as vítimas esquecidas da violência na intimidade. **Revista SPPPJ Psiquiatria, Psicologia & Justiça**, n. 5, p. 5-28, 2012. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/30893>>. Acesso em: 19 de mar. de 2021.

MARTINS, N. S. A maldição das filhas de Eva: uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã. In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 10, 2008, Guarabira. **Anais.** Guarabira-PB: Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, 2008. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20MartinsdaSilva%20TC.PDF>. Acesso em: 07 de mar. 2021.

MATTAR, L. D.; DINIZ, C. S. G. Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. **Comunic., Saude, Educ.**, v.16, n.40, p.107-19, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832012000100009&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

MENEZES, S. L. Aborto, esterilização cirúrgica e maternidade compulsória: um diálogo entre a criminologia crítica e o feminismo materialista. In: 9º Congresso Internacional de Ciências Criminais – Sistema Penal e Violência / XVIII Congresso Transdisciplinar de Ciências Criminais do ITEC-RS, 2018, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2018. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/congresso-internacional-de-ciencias-criminais/assets/edicoes/2018/arquivos/47.pdf>>. Acesso em: 07 de mar. 2021.

OLIVEIRA, M. A. C de; MARQUES, S. S. Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 1, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000100211&lng=pt&nrm=iso&lng=pt>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

RITZ, C. D. Maternidade além do ventre. **Annales**, v.2, n.4, p. 53-64, 2017. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/3869>>. Acesso em: 08 de mar. 2021.

SARTI, C. A.; BARBOSA, R. M.; SUAREZ, M. M. Violência e gênero: vítimas demarcadas. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v. 16, n.2, p. 167-183, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312006000200003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

SOUZA, A. da S.; FRANCA, K. M. C.; DE DEUS, Y. E. R. Maternidade Compulsória: implicações na vida da mulher contemporânea. In: 17º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIFASB, 2019, Barreiras -BA. **Anais**. Barreiras: Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB), 2019. Disponível em: <<http://www.fasb.edu.br/revista/index.php/cic/article/view/479/418>>. Acesso em: 07 de mar. 2021.

SOUZA, E.; BALDWIN J. R.; ROSA, F. H. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, n. 3, p. 485-496, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a16>. Acesso em: 19 de mar. 2021.

SIEGEL, Reva B. Reasoning from the body: an historical perspective on abortion regulation and questions of equal protection, **Stain. L. Rev., Yale Law School**, p. 262-384, 1991-1992. Disponível em: <http://digitalcommons.law.yale.edu/fss_papers/1079>. Acesso em 22 de mar. 2021.

WHO, World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO, (document WHO/EHA/ SPI.POA.2), 1996. Disponível em: <https://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/full_en.pdf>. Acesso em: 22 de mar. 2021.

Capítulo 5

AMOR NO ESPECTRO: A SEXUALIDADE VIVENCIADA POR PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Ana Luiza Zana Martins de Castro
Elen Fernanda Sciensa
Paloma Bonato Sponchiato

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) refere-se a um grupo de condições caracterizadas por algum grau de alteração do comportamento social, comunicação e linguagem, em que o sujeito apresenta um repertório restrito, estereotipado e repetitivo de interesses e atividades (AMA, 2017). Os primeiros sinais surgem na infância, geralmente próximo aos 5 anos de idade, e tendem a persistir na adolescência e idade adulta. Além disso, o espectro é diagnosticado quatro vezes mais frequentemente no sexo masculino do que no feminino, sendo que nas mulheres o diagnóstico tende a ser mais tardio (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Embora algumas pessoas com TEA possam viver de forma independente, outras precisam de atenção e apoio constantes ao longo de suas vidas, tendo em vista que a manifestação dos sintomas nos indivíduos varia significativamente entre si.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V), o diagnóstico do espectro é estabelecido a partir de dois aspectos centrais, sendo eles:

I) déficits persistentes na comunicação e na interação social, como dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais; déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, além de problemas para desenvolver, manter e compreender relacionamentos; II) padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, exemplificados por movimentos motores, uso de objetos ou falas estereotipadas ou repetitivas; insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento; hiper ou hipo reatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; VIEIRA, 2016).

Além disso, o diagnóstico também é obtido através de observação clínica somado ao relato da história de vida oferecida pelos pais ou responsáveis. A origem e etimologia do espectro ainda não são consenso na literatura, contudo, existem indicativos científicos sobre a existência de fatores genéticos e ambientais que possam contribuir para o desenvolvimento do TEA, sendo necessário maior enfoque a alguns aspectos individuais do sujeito como seu desenvolvimento, história familiar, gestacional, genética e de parto (VIEIRA, 2016).

De acordo com Maia *et al.* (2017), a vivência do transtorno pode desencadear diversas dificuldades e desafios cotidianos para as pessoas com TEA e seus familiares, dadas as suas características. Ademais, os déficits no desenvolvimento também podem afetar a vivência e a expressão da sexualidade desses indivíduos, além de acarretar prejuízos na maneira com que eles se relacionam afetivamente com outras pessoas. Ainda de acordo com as mesmas autoras, a dificuldade para expressar e reconhecer sentimentos, de compreender o

ponto de vista do outro e de dialogar e agir para além de seus interesses e atividades, são alguns fatores que tornam os relacionamentos afetivos, amorosos e/ou sexuais dessa população mais escassos.

Facion e Giannini (2002) comentam ainda que o transtorno atinge, em média, 10 milhões de pessoas em todo o mundo, e que todas elas, independentemente do grau de comprometimento, trazem consigo uma sexualidade tão digna de atenção quanto a de qualquer outra pessoa, em sua complexidade e potencialidades. Contudo, quando o sujeito é diagnosticado com o espectro, sua dimensão sexual quase não é levada em consideração.

Posto isso, é importante salientar que a população com TEA manifesta o desejo de se envolver afetivamente como qualquer outra pessoa e, por isso, é necessário desconstruirmos crenças sociais de que esses indivíduos são assexuados, isentos de desejos e vontades. (LOPES *et al.*, 2018). Além disso, é equivocado assumir que a sexualidade de uma pessoa com autismo seja deficitária, uma vez que o desenvolvimento sexual perpassa em todos os sujeitos, durante todas as fases da vida. (MAIA, 2009). Nesse sentido, a sexualidade refere-se a uma dimensão humana e é aspecto central e fundamental na vida de qualquer pessoa, além de envolver diversos fatores como as identidades de gênero, o sexo, o prazer, o amor, a reprodução, os relacionamentos, entre outros.

Porém, estudos recentes (LOPES *et al.*, 2018) apontam que pessoas com esse diagnóstico relatam ter dificuldade em encontrar e se aproximar de um possível parceiro. De acordo com Barnett e Maticka-Tyndale (2015, *apud* LOPES *et al.*, 2018, p 1178), dentre inúmeros motivos, está a dificuldade em identificar ou interpretar comunicações não verbais, o que prejudica o reconhecimento de uma possível oportunidade de relacionamento. Ou seja, indivíduos no

espectro possuem dificuldade em socializar e entender linguagens corporais, como gestos e expressões faciais, e, por isso, a busca por um companheiro é percebida e vivenciada como um desafio.

Durante a infância, são oferecidos diversos tipos de apoio às crianças diagnosticadas com TEA para habilidade e interação social. No entanto, quando essas pessoas atingem a idade adulta e iniciam a busca por relacionamentos íntimos e afetivos, geralmente, não encontram o mesmo suporte. Isso acaba potencializando a dificuldade de sujeitos com TEA em compreender a complexidade de se envolver em uma relação amorosa. Nesse sentido, de acordo com Ottoni e Maia (2019), o treino de habilidades sociais é um aspecto essencial e não deve ser restringido apenas à infância:

Um exemplo utilizado foi o da hiper sinceridade: muitas vezes, a pessoa com TEA emite uma opinião, por exemplo, dizendo: ‘Você não está bonito hoje’, e não consegue entender porque gerou chateação. A habilidade social de empatia e compreensão do ponto de vista do outro poderia, portanto, favorecer os vínculos de seus relacionamentos (OTTONI; MAIA, 2019, p.1272).

Além das questões referentes às habilidades sociais, outro ponto importante a ser discutido é a forma como as pessoas com esse diagnóstico sofrem estigmatização e enfrentam inúmeros episódios de preconceito e discriminação nos mais diversos contextos. São muitos os relatos de pessoas com TEA que narram terem sido abandonadas por possíveis parceiros ao descobrirem a condição de espectro, justificando que não gostariam de serem vistas acompanhadas por “uma pessoa autista”, assim como expõe o material analisado por Araújo, Oliveira e Muzzeti (2020). Esse fato potencializa a busca por

companheiros que também estejam na mesma condição diagnóstica, pois acreditam que assim terão algo em comum para compartilharem entre si e poderão agir naturalmente com seus parceiros, sem se preocuparem com possíveis julgamentos. Esse fato é exibido no reality *Amor no Espectro*, que será discutido e analisado mais a fundo ao longo deste capítulo.

Diante do exposto, entende-se que o apoio familiar é fundamental e pode ser uma alternativa possível na busca pela diminuição ou superação desses desafios que envolve, dentre inúmeras questões, o estigma e a forma como a sexualidade é vivenciada por essa população. Porém, de acordo com Amaral (2009), muitos pais ainda possuem dúvidas em relação à criação dos filhos com TEA e, por isso, promovem a perpetuação de conhecimentos baseados em mitos e crenças, especialmente quando o assunto é a sexualidade dos filhos. Ainda segundo o mesmo autor, há também concepções dos pais sobre uma espécie de assexualidade dos jovens com TEA, que reforça a dificuldade em reconhecer os filhos como seres sexuados.

Segundo Maia e Ottoni (2019), a desconstrução dessas ideias e concepções errôneas dos pais em relação aos seus filhos é fundamental para o planejamento de ações voltadas às necessidades reais das pessoas com TEA. Tendo isso em vista e considerando que a sexualidade dessa população é frequentemente invisibilizada, iremos expor a seguir a análise do documentário *Amor no Espectro*, que dentre inúmeras temáticas, aborda a forma como a família pode contribuir para a saúde sexual desses indivíduos, bem como para a vivência de suas sexualidades, de maneira a apoiá-los na busca por parceiros e incentivá-los na possibilidade de se relacionarem amorosamente com outras pessoas.

Além disso, o objetivo também será discutir as eventuais dificuldades enfrentadas por homens e mulheres com TEA em

encontros românticos e a forma como a sexualidade é vivenciada por alguns casais que, apesar do diagnóstico, foram capazes de construir um relacionamento. As histórias retratadas reforçam a pertinência e a importância desta temática ao mostrar que, apesar de inúmeros desafios, indivíduos com autismo têm o direito de vivenciarem suas sexualidades e serem felizes dessa forma.

Por fim, a existência de desejos e necessidades sexuais em pessoas com TEA é um fato e, por isso, deve ser discutido amplamente para que essas pessoas possam, cada vez mais, aumentar as chances de experimentar vínculos saudáveis e gratificantes. Iniciativas como a do *reality* contribuem para evitar ou minimizar estigmas, além de destacarem a importância e a relevância da sexualidade para todas as pessoas, bem como sua vivência livre de preconceitos e estereótipos (ARAÚJO; OLIVEIRA; MUZZETI, 2020).

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Love on the Spectrum</i>
Nome Traduzido	Amor no Espectro
Gênero	<i>Reality</i> /Documentário
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Austrália, inglês
Duração	5 episódios, 42 minutos cada
Direção	Cian O'Clery

A série retrata onze indivíduos diagnosticados com autismo, com aproximadamente 23 anos de idade e em busca pelo amor romântico, acompanhando-os em atividades que envolvem a procura por pares, como encontros, viagens, conversas com a família, festas, jantares, entre outros. Os integrantes solteiros do *reality*

show são: Michael, Chloe, Maddi, Kelvin, Mark, Andrew e Olivia. Os casais são: Ruth e Thomas e Sharna e Jimmy.

Quando apresentados, os participantes são questionados sobre relacionamentos anteriores, se já se envolveram romanticamente com alguém, se já tiveram encontros, se já se apaixonaram, quais são suas motivações na busca por um(a) parceiro(a), como seria o relacionamento e o(a) parceiro(a) ideal, além de como percebem o autismo e a influência que a condição exerce na maneira com que se relacionam com outras pessoas. Aos casais, por sua vez, são feitas perguntas sobre como se conheceram, há quanto tempo estão juntos, o que mais gostam na pessoa que se relacionam e alguns detalhes sobre a dinâmica do relacionamento.

A especialista em relacionamentos, Jodi Rogers, também é uma figura bastante presente no seriado, pois tem bastante conhecimento e experiência em trabalhar com pessoas autistas, reconhecendo pontos de interação social que necessitam de melhoria, oferecendo dicas e treinamentos para facilitar as situações que envolvem a busca por parceiros.

Ademais, outros indivíduos presentes são os familiares dos jovens que estrelam o programa. São retratadas conversas de preparação para encontros, expectativas de um relacionamento e de um (a) parceiro(a) ideal, dicas e feedbacks sobre os encontros, além de particularidades da história de cada jovem adulto e de sua condição como autista.

Por fim, *Amor no Espectro*, ao mesmo tempo em que mostra as dificuldades e diferenças geradas pela condição do espectro autista, também aproxima o público ao mostrar atividades e sentimentos comuns, como a ansiedade que antecede um encontro, a preparação para sair com pretendentes, a necessidade em respeitar regras sociais, os conselhos pedidos aos amigos e familiares, as

diferentes fases de um relacionamento, a decepção sentida quando o encontro não é como esperado e a alegria de encontrar um(a) parceiro(a) com interesses em comum para dividir a vida.

Análise Crítica

A sexualidade é uma característica que acompanha os indivíduos durante toda a sua vida, e não apenas em um período ou fase. É um aspecto que contribui para o bem-estar psicossocial, para o prazer e qualidade de vida, além de ser uma experiência enriquecedora (AMARAL, 2009). Em relação às pessoas com TEA, esse fato não é diferente. A série *Amor no espectro* apresenta todas as dificuldades presentes na busca por um par romântico e afetivo, bem como possíveis frustrações e rejeições decorrentes de um relacionamento, e a forma como a sexualidade como um todo é vivenciada por essas pessoas. Assim:

É importante ressaltar que autistas são pessoas plenas, manifestando o desejo de se envolver em relacionamentos afetivos, sexuais ou românticos, como qualquer outra pessoa. É importante, portanto, fugir à falsa crença de que autistas são pessoas assexuadas ou “eternas crianças” (HANCOCK, STOKES, MESIBOV, 2017 *apud* Lopes et al. 2018, p. 1176).

Com isso, a série retrata o trabalho de Jodi Rogers, uma especialista em habilidades sociais e relacionamentos, que ensina e orienta pessoas com TEA que estão à procura de encontros e relacionamentos. A especialista destaca, no primeiro episódio, que:

“Durante a infância é dado muito apoio às pessoas com autismo para habilidade e interação social. E acho que quando elas atingem a idade adulta, e estão realmente procurando relacionamentos íntimos, nós não damos muito apoio para

que entendam a grande complexidade de flertar com outra pessoa ou como desenvolver uma relação íntima com ela”.

Diante disso, a série explora, dentre inúmeras temáticas, a importância de ensinar pessoas que estão no espectro sobre como elas devem agir em determinadas situações e o que seria adequado ou não em determinado contexto social, uma vez que a pessoa com TEA pode emitir uma opinião e não perceber que está ofendendo uma pessoa, por exemplo, ou então fazer comentários considerados impróprios ou inadequados (MAIA, 2019). Nesse sentido, os episódios 2 e 5 do *reality* retratam como Jodi trabalha com essas pessoas e as principais técnicas utilizadas por ela em suas intervenções.

A série também retrata os momentos em que a especialista conhece um novo cliente e a forma com que identifica e avalia as habilidades iniciais dos indivíduos com TEA em manter uma conversa, observando como eles cumprimentam as pessoas e se comunicam verbalmente. Essa técnica, por exemplo, foi utilizada com Kelvin no episódio 2, mostrando que no momento em que eles se conheceram, Jodi propositalmente não o cumprimentou e esperou que Kelvin desse o primeiro passo, demonstrando a habilidade do cliente em interação social.

Diante disso, para darmos sequência à análise da série, os episódios serão avaliados a partir de categorias temáticas que mais se destacam frente os assuntos abordados, sendo eles: I) a influência e suporte da família na saúde sexual da pessoa com TEA; II) dificuldades encontradas por homens e mulheres com TEA em encontros românticos e, por último, III) como a sexualidade é vivenciada por casais no espectro.

A influência e suporte da família na saúde sexual da pessoa com TEA

Durante os cinco episódios são apresentadas as relações de alguns participantes do programa com suas famílias, tendo em vista que muitos ainda vivem com os pais. A série exhibe o convívio, o vínculo, o apoio, e destaca a importância e a influência que o suporte familiar tem na vida dos filhos com TEA. A mãe da Maddi, por exemplo, apoia muito a filha. Foi ela quem ensinou a maioria das habilidades sociais, incentivou a relacionar-se com alguém, a como agir em encontros românticos, além de acreditar que seria muito importante para a filha namorar, casar e sair de casa. Dessa forma, de acordo com Amaral (2009, p.16), “a família é um grupo social natural que conduz as respostas de seus membros às relações com o ambiente, delineando sua rede de comportamento e facilitando sua interação”.

Contudo, apesar do grande suporte familiar que a série exhibe, nem sempre há essa facilitação. As pessoas com TEA ainda permanecem com muitas dúvidas e medos, por isso, é preciso preparar essa população para possíveis rejeições, de forma a ensiná-las como devem se comportar em determinadas ocasiões, como em um encontro romântico, por exemplo. No *reality*, essas preocupações aparecem frequentemente, como é o caso do pai de Kelvin, o qual relata, no segundo episódio, que gostaria que o filho encontrasse uma companheira, mas ainda não sabe o quanto o filho conseguiria ter e desenvolver algumas habilidades sociais necessárias para um relacionamento. Nas palavras dele:

“Sendo o pai dele, eu gostaria de ver se ele consegue ter um encontro, e então uma namorada, e, melhor ainda, ter uma família. É difícil, mas espero que um dia isso seja possível”.

Nesse sentido, de acordo com Ottoni e Maia (2019), é comum alguns pais acreditarem que os filhos terão parceiros no futuro e isso ocasionar algumas preocupações:

Em geral, os pais expressaram achar muito difícil imaginar seus filhos com pares no futuro, disseram que os/as filhos/as não tinham amigos, por isso um/a parceiro/a ou namorado/a parecia improvável. Baseados em suas experiências, os pais relataram que precisavam preparar os filhos para as possíveis frustrações trazidas pelas paqueras, para que as negações que pudessem receber ou frustrações vivenciadas não afetassem a autoestima. Outras preocupações, que pareceram dificultar a expectativa dos filhos arranjam pares, foram: a hipersensibilidade a cheiros ou as dificuldades nas interações sociais e nas emoções sentidas, comum entre a população com TEA (BALLAN, 2012 *apud* OTTONI; MAIA, 2019, p. 1274).

Em uma situação similar estão os pais de Andrew, que gostariam que ele encontrasse alguém, que sabem o quanto ele quer ter uma namorada e até um dia, uma esposa. Eles demonstram ter muito orgulho do filho, contudo, no episódio 4, o pai relatou um momento em que ele presenciou, no passado, Andrew dizer: *“Eu queria ser normal”*, e comenta, entre lágrimas, o quanto isso o machuca e o deixa chateado. Assim, demonstra-se que apesar de se ter apoio, o medo e as preocupações ainda estão muito presentes.

A mãe de Maddi também é um exemplo nesse ponto, pois apesar de ser um dos maiores suportes para filha e ter ensinado tudo o que Maddi sabe sobre habilidades de comunicação, também demonstra muita preocupação com a possibilidade de a filha ficar sozinha no futuro e, para evitar isso, sempre procura orientá-la e ajudá-la em situações de socialização. No episódio 3, por exemplo,

Maddi está se preparando para um encontro e demonstra estar nervosa e, para ajudá-la, sua mãe propõe que ensaiem. Para isso, a mãe pergunta o que ela fará quando avistar o parceiro, praticam o aperto de mão na hora do cumprimento e treinam alguns assuntos e possíveis perguntas para serem feitas, tendo em vista que, segundo a mãe, a ideia é manter a conversa fluindo.

Nesse momento, enquanto elas estão ensaiando, um tópico da suposta conversa seria a possibilidade de ter filhos e Maddi prontamente responde que não. A mãe a aconselha dizendo que ao dar uma resposta negativa, a outra pessoa não tem muito o que responder. Ao tentar novamente, Maddi responde: *“Não, porque eu acho que é perda de tempo e dinheiro”*. A jovem permanece confusa ao tentar enfrentar a dualidade de seguir o conselho da mãe e, ao mesmo tempo, ser honesta sobre suas intenções, não conseguindo conciliar as duas ideias em uma frase e manter a conversa.

Nesse momento, o pai tenta sugerir possíveis soluções, mas ela continua nervosa e relata que gostaria de ensaiar mais, pois não queria se sentir despreparada. Eles tentam acalmá-la dizendo que o intuito do encontro é ela se divertir e reforçam que a filha havia se preparado muito para aquela ocasião. Com isso, mostra-se a importância do suporte familiar para que pessoas com autismo se sintam mais preparadas para enfrentar questões referentes a relacionamentos e encontros.

Dificuldades encontradas por homens e mulheres com TEA em encontros românticos

No segundo episódio, perguntam à Maddi se ela se considera diferente das outras pessoas e ela afirma:

“Sim, porque eu tenho essa condição, estou no espectro, as pessoas sempre vão me achar diferente delas, sei que sou diferente e está tudo bem, se fôssemos todos iguais o mundo seria chato”.

Desse modo, a questão da diferença é abordada na série, ressaltando que todos os participantes sabem o que significa estar no espectro, as diferenças em relação às outras pessoas, as necessidades que demandam, e também as possíveis dificuldades enfrentadas na busca por um parceiro.

Chloe, uma das participantes, apresenta de forma bastante clara essa dificuldade durante os episódios. Relata que nunca se apaixonou, e que ao sair com um rapaz pela primeira vez, ele a abandonou assim que soube que ela era autista, justificando que não queria ser visto com uma pessoa com TEA. Além disso, no primeiro episódio, Chloe enfrenta outra dificuldade na companhia de uma amiga com síndrome de Down. Ao avistarem dois meninos em uma mesa no mesmo restaurante em que elas estavam, ambas buscam por tentativas de aproximação, com o objetivo de flertar e paquerar os garotos pelos quais elas sentiram atração. No entanto, não conseguem iniciar a conversa e ao chegar perto dos rapazes, elas começam a rir e a apontar, fazendo com que desistam de uma possível interação.

A insegurança também é bastante explorada na série, como retrata o caso de Olivia, por exemplo, que nunca pensou sobre o que significaria encontrar um amor, pois acreditava que isso nunca aconteceria com ela. Tendo isso em vista, para auxiliar pessoas com autismo a conhecerem outras e socializarem, são realizados encontros como um jantar de solteiros(as), produzido por uma organização local de deficientes, no qual Michael (outro integrante do *reality*) participa. Nesse encontro, as pessoas vão ao jantar e conversam em pares, na tentativa de se conhecerem entre si e encontrar alguém interessante, como foi o caso

de Michael que conheceu Amanda. Eles, inclusive, saíram outras vezes, o que não resultou em sucesso, pois ela não se sentia pronta para iniciar um relacionamento com ele.

Dessa forma, é fundamental que se reconheça as dificuldades de socialização que são inerentes às pessoas com o espectro, e a importância de se promover ajuda e orientação para essa população, de forma que consigam dar início às experiências sexuais e românticas, sendo então capazes de compreender e aceitar seus desejos. (LOPES *et al.*, 2018). Assim, a série mostra a profissional Jodi Rogers atuando com alguns dos participantes, como Michael, Kelvin e Andrew, bem como a forma com que as intervenções da especialista afetam positivamente a vida desses sujeitos.

No segundo episódio, Jodi conhece Kelvin. Ela destaca, durante a visita, que independente da condição de TEA, todas as pessoas têm o direito básico e a necessidade humana de afetividade e amor. Nesse sentido, a especialista trabalha utilizando papel e canetas coloridas para desenhar a figura de uma mulher e pergunta ao cliente sua motivação para ter tal garota como namorada e ele responde “*porque ela é legal*”. Jodi, em seguida, pergunta o que eles fariam juntos e a resposta foi sair, abraçar e beijar. Posterior a isso, a especialista o aconselha sobre o que fazer e como se comportar em um primeiro encontro através de uma técnica semelhante ao *Role Playing*, em que se promove a encenação de um possível jantar a dois, por exemplo, em que a terapeuta (ou, no caso, a especialista em relacionamentos) interpreta o papel da garota com a qual o cliente irá se encontrar.

Em seguida, Jodi trata de assuntos que poderiam ser falados no primeiro encontro, como interesses e objetivos em comum. Então, em uma folha, ela desenha uma menina e um menino (representando Kelvin), explicando porque

ele não deveria apenas começar a falar sobre os próprios interesses, e que as garotas se interessariam mais se ele fizesse perguntas sobre elas. Ainda durante a simulação do encontro Kelvin questiona Jodi quais são os interesses dela e Jodi responde que ela gosta muito de animais, e incentiva Kelvin a responder e continuar a conversa. Ele segue as instruções e responde que os animais são muito fofos e que eles deveriam ir ao zoológico um dia. Isso demonstra como ele está entendendo e aprendendo um pouco mais sobre interação e habilidades sociais.

Outro ponto que Jodi observa e ensina Kelvin é como melhorar sua postura corporal. Há um momento, no segundo episódio, que ao conversarem sobre desenho e animes, Kelvin começa a se curvar e olhar para baixo, desviando o olhar. Jodi sinaliza ao cliente e o alerta sobre a sua atitude, mostrando o que ele estava fazendo. Ao olhar para ela, Kelvin responde: *“Eu desviei o olhar, e isso não pode!”*. Ele compreende a necessidade de manter a conversa equilibrada, com ambos falando, mantendo contato visual e evitando o desvio do olhar, possibilitando que a conversa flua.

A sexualidade vivenciada por casais no espectro

O *reality* mostra a vida de 2 casais: Ruth e Thomas e Sharna e James. Os primeiros namoram há 4 anos, moram juntos há 1 e se conheceram na igreja através da irmã de Ruth. Segundo Ruth: *“Nós nos entendemos um ao outro imediatamente”* e ambos relatam sobre a importância da independência que desenvolveram ao morarem sozinhos, longe da família e dos pais.

Ruth coleciona cartões de visitas e tem uma cobra como animal de estimação, a qual a ajuda na estabilização da sua sobrecarga sensorial. Thomas, por sua vez, adora

trens e tem um ferrorama no quintal. Ele trabalha como motorista de ônibus e relata ter se encontrado nessa profissão que, inicialmente, seria temporária. Os dois demonstram ter muita intimidade, sempre manifestando carinho através de beijos, carícias e abraços. No primeiro episódio, Thomas faz uma surpresa à Ruth, indo buscá-la no ponto de ônibus em um dia comum. Segundo Ruth: “*Eu vi o ônibus chegar e subi, e por algum motivo, Tom estava sem uniforme e eu não sabia por quê*”.

Thomas havia planejado esse encontro para pedir Ruth em casamento e, assim que a companheira entrou no ônibus, ele tirou o anel de noivado do bolso, deixando-a muito surpresa. Após colocar o anel em seu dedo, Ruth o abraçou e começou a chorar, bastante feliz e emocionada com o gesto do parceiro.

O casal Ruth e Thomas é exemplo de que a população com TEA também demonstra o desejo de se envolver sexualmente com outras pessoas, uma vez que não são indivíduos isentos de vontades (LOPES et al, 2018). Ademais, o casal Mary e Jerry Newport, ambos diagnosticados com TEA, apesar de não terem suas vidas retratadas no *reality* em questão, escreveram um livro acerca do desenvolvimento sexual e afetivo existente entre eles:

O casal utiliza a seguinte analogia para iniciar a descrição de sua experiência: [a sexualidade] é uma importante dança de desenvolvimento para todos os jovens. É uma dança que grande parte das crianças autistas nem mesmo percebe até que seja óbvio para todo mundo já há bastante tempo. Então, eles querem dançar, mas perderam anos de aulas de pré-dança (NEWPORT, 2002 *apud* OTTONI; MAIA, 2019, p.1271).

O outro casal de *Amor no espectro*, Sharnae e James se conhecem há 3 anos. Um fato importante sobre esse relacionamento é que James só foi diagnosticado no

espectro depois que começou a namorar Sharna, que o ajudou e o alertou na busca por um profissional. Além disso, o casal também demonstra ter muita intimidade (inclusive, relatam ter relações sexuais), dizendo que se amam e se beijam com frequência. De acordo com Sharna, eles nasceram um para o outro. Por fim, no 5º e último episódio do *reality*, James organiza uma surpresa para pedir Sharna em casamento, proporcionando a primeira viagem juntos.

Porém, na tarde em que a surpresa ocorreria, o jovem começa a se sentir ansioso e bastante nervoso com a possibilidade do seu plano dar errado. Enquanto se arrumam, Sharna elogia o parceiro constantemente, mas ao calçar os sapatos para irem ao jantar romântico, James repara que não trouxe as meias adequadas, o que o deixa muito desconfortável, triste e bravo consigo mesmo. Durante o incidente, Sharna demonstra muita compreensão, ficando sempre ao seu lado e tentando ajudá-lo de alguma forma, até que sugere que antes do jantar eles fossem comprar a meia que James queria.

Após comprarem a meia, o incidente é finalmente superado e James se prepara para a grande surpresa. Ele a leva até um deck e, com a ajuda de um pianista, canta e se declara para a companheira. Logo em seguida, se ajoelha e pede a mão da namorada em casamento, que, muito emocionada, aceita prontamente. Os dois se beijam, se abraçam, falam que se amam e que estão ansiosos para contar a novidade para todo mundo.

Considerações finais

O *reality* consegue trazer diversas pessoas com personalidades distintas, o que corrobora para retratar a visão de que a condição é realmente um espectro. Cada pessoa com autismo é diferente em crenças, gostos,

particularidades, visão do amor, habilidades sociais, entre outros. Assim, conseguimos perceber diversas visões e expectativas sobre o amor. A fim de elucidar o que foi dito, podemos comparar as falas de Michael com as de Olivia, sendo que o primeiro afirma que encontrar uma parceira é um dos objetivos mais importantes de sua vida, apresentando altas expectativas sobre o futuro relacionamento. A outra protagonista, por sua vez, expressa que nunca refletiu muito sobre o amor, pois acreditava que isso poderia não acontecer com ela.

Outro aspecto positivo é a maneira com que o amor é retratado. Não há romantização da condição do espectro, mesmo quando casais com uma união estável são apresentados. Logo, o programa consegue contemplar relacionamentos que obtiveram êxito (os casais Ruth e Thomas e Sharnae e Jimmy), alguns relacionamentos que possivelmente se tornarão compromissos (Mark e Lauren, Maddi e Severin) e tentativas frustradas de conhecer alguém com quem poderiam ter uma forte conexão, como no caso dos encontros de Andrew e Carly e Michael e Amanda. Além disso, o *reality* traz a bissexualidade de Chloe, mostrando seu encontro com Lotus e exibindo falas sobre sua orientação sexual, o que auxilia os espectadores a desenvolverem uma visão menos heteronormativa do TEA.

Portanto, *Amor no Espectro* é uma obra relevante quando o assunto é autismo, por sua forma leve, dinâmica, sincera, plural e sem romantizações. O *reality* show, ao mesmo tempo que mostra as diferentes características da condição (como maior dificuldade em habilidades sociais), também é capaz de mostrar aos espectadores vivências comuns de pessoas com TEA, em busca do amor romântico. Além disso, é apresentado o apoio familiar em relação ao desejo dos protagonistas em serem independentes,

desmentindo a incapacidade de pessoas autistas de viverem sozinhas.

Referências

AMARAL, C. E. S. **O reconhecimento dos pais sobre a sexualidade dos filhos adolescentes com autismo e sua relação com a coparentalidade.** 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

AMOR NO ESPECTRO. Direção: Cian O'Clery. Produção: Northern Pictures. Austrália: ABC, 2018. Netflix.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

ARAÚJO, K. C. V.; OLIVEIRA, M. F. C.; MUZZETI, L. R. *The Good Doctor: autismo, relações afetivas e sexuais.* In BORTOLOZZI, A. C.; CARVALHO, L. R. S. **Leituras sobre a sexualidade em filmes: reflexões sobre estigmas.** São Carlos: Pedro & João Editores, v.6, p. 65-87. 2020.

Associação de amigos do autista, AMA. **Definição: Transtornos do Espectro do Autismo.** 2017. Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/autismo/definicao/>. Acesso em: 25/02/20

Autismo e Realidade. **Relacionamentos amorosos entre pessoas com TEA.** 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2020/09/27/relacionamentos-amorosos-entre-pessoas-com-tea/>. Acesso em: 26/02/2021

FACION, J.R.; GIANNINI, E.F. Sexualidade: Um problema da pessoa com transtorno mental? In J. R. Facion, **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento Associados a Graves Problemas de Comportamento. Reflexões sobre um modelo Integrativo.** Brasília, Brasil: Ministério da Justiça.

Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, p. 77-104, 2002.

LOPES, et al. Transtorno do Espectro Autista e Sexualidade.

Atas: Investigação Qualitativa em Saúde. v. 2, 2018.

Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1893/1843>. Acesso em: 25/02/2021.

MAIA, A. C. B. Educação sexual de pessoas com deficiência mental. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M.; MELO, S. M. M. (Org.) **Educação sexual no Brasil: panorama de pesquisas do Sul e do Sudeste.** São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 141-148, 2009.

MAIA, A. C. B.; VILAÇA, T.; VIEIRA, A. C.; SALVIATO-EZEQUIEL, G. Sexualidade, Educação em Sexualidade e Transtornos do espectro autista: concepções de educadores In: M. M. Bris & E.S. Heredero (Coords), **Hacia um modelo educativo de calidad y transformador** (pp. 261- 273). Espanha: Fundación Santilana; Universidade de Alcalá. 2017.

OTTONI, A. C. V.; MAIA, A. C. B. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação.** Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1265-1283, 2019.

VIEIRA, A. C. **Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares.** 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências. Bauru, 2016.

Capítulo 6

A TEORIA DE TUDO: A CONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIA FRENTE À DEFICIÊNCIA ADQUIRIDA NA VIDA ADULTA

Luciano Delphino de Azevedo Junior
Guilherme Jacob Cintra

Introdução

No presente capítulo, iremos abordar o tema da sexualidade em conjunção com os temas de deficiência física e a constituição de família. Optamos por analisar o filme *A Teoria de Tudo* (em inglês: *The Theory of Everything*), um filme biográfico que retrata a vida do físico Stephen Hawking. Neste filme, podemos ver o desenvolvimento da doença do neurônio motor Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), e como ela impactou na vida de Stephen e nas dos demais a sua volta.

Antes de fazer uma análise propriamente dita do filme, iremos primeiro abordar algumas definições que serão utilizadas ao longo do capítulo. É importante que sejamos claros e precisos ao tratar destes temas, a fim de evitar uma compactuação com diversos mitos e preconceitos que tornam difícil a compreensão e discussão dos temas de sexualidade e deficiência física.

A Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) é uma doença do neurônio motor caracterizada pela atrofia progressiva, atonia, arreflexia e fraqueza musculares. Pode ter três apresentações (não obrigatoriamente separadamente), como comprometimento dos neurônios motores

inferiores, superiores ou do tronco cerebral (também conhecida como bulbar). A doença atinge de 1 a 2 em 100.000 pessoas, acometendo homens em uma proporção até duas vezes maior que as mulheres.

A doença tipicamente se manifesta a partir da quinta década de vida; 5% a 10% dos casos são familiares. A doença tem uma evolução inicial linear, porém sua progressão pode ser 30 vezes mais rápida ou mais lenta; é difícil saber qual será o curso da doença. A expectativa de vida com a doença é de seis meses a três anos na apresentação bulbar, e de três a cinco anos nas outras apresentações, com a possibilidade de se obter alguma sobrevida mediante o uso de medicamentos. A progressão da ELA leva a perda gradual das habilidades motoras voluntárias, causando paralisia e morte precoce, tipicamente por falha respiratória.

Ainda que não se conheça uma causa exata para a ELA, existem muitas teorias. Hoje, a principal teoria é multifatorial: uma exposição ambiental deletéria (infecções virais e reações inflamatórias causadas por micro traumas gerados por esportes de alto desempenho) e em indivíduos suscetíveis geneticamente levaria a lesões neuronais. O diagnóstico atualmente é feito de acordo com critérios do *El Escorial World Federation of Neurology*, que embora não sejam perfeitos, são os mais sensíveis e específicos disponíveis até agora (NORDON; ESPÓSITO, 2009).

Vale destacar que usualmente não ocorre comprometimento dos nervos cranianos que controlam visão, musculatura ocular e dos nervos sacrais, responsáveis pelo controle dos esfíncteres. A doença não afeta o sistema nervoso parassimpático, responsável por controlar também os órgãos sexuais (NORDON; ESPÓSITO, 2009).

Quanto à sexualidade do sujeito com deficiência (não só a ELA), podemos e devemos sempre destacar que a doença não faz com que o sujeito "perca" sua sexualidade de alguma

forma. Este é um mito muito comum em nossa sociedade, mas que, porém, não representa a realidade (MAIA; RIBEIRO, 2010). O fato é que a sexualidade é algo inerente a todos os seres humanos, e que não está relacionada somente com o ato sexual em si. Ainda que o tema da sexualidade tenha uma origem fisiológica natural (considerando a evolução dos seres vivos), o conceito de sexualidade humana é algo mais complexo e multifatorial, perpassando não só o corpo, mas abarcando também diversas esferas da vida, como a cultural, a identitária, a social, familiar e até mesmo individual. Ainda que o sujeito não possa expressar sua sexualidade como fazia antes da doença, este não se torna assexuado, mas sim passa por adaptações e diferentes formas de expressar esta característica intrínseca a todos nós, que é a sexualidade (MAIA, 2011).

Uma vez que estamos analisando a biografia de uma pessoa do gênero masculino acometido por ELA, iremos nos limitar a falar a respeito do perfil da função sexual apenas neste gênero. Como recurso teórico, encontramos em sua maioria artigos que abordam o tema sob a ótica da lesão medular completa, mas entendemos que muitas das perspectivas mencionadas nestes artigos se traduzem de forma satisfatória para os sintomas de ELA, particularmente nos estágios mais avançados da doença (ISHIBASHI *et al.*, 2005).

Contudo, uma diferença significativa entre estas condições é que a ELA não afeta o sistema parassimpático, e por extensão, os órgãos genitais e funções sexuais. Este último ponto é particularmente importante, pois existe um certo preconceito em nossa sociedade que dita que o pênis e a ereção são símbolos da masculinidade para o homem heteronormativo. No imaginário da sociedade patriarcal e machista, é isto que indica a virilidade, potência e, de certa forma, o valor de um homem; portanto, não poder ter ou

manter uma ereção implica em uma certa negação do sujeito, o que pode vir a acometê-lo de grande sofrimento psicológico, ainda que isto seja mais um mito da sexualidade, e não um requisito para exercer a sexualidade plena.

Outra importante diferença entre a Lesão Medular Completa e a ELA é que na ELA os nervos sensoriais geralmente não são afetados, ou seja, o sujeito acometido desta condição pode sentir tanto dor quanto prazer em seu corpo. Esta é uma diferença bastante importante, pois esta é uma via muito significativa para permitir o sujeito expressar a sua sexualidade. Deste modo, a pessoa que sofre com ELA pode sim ter que passar por uma resignificação de sua identidade sexual, e ter de aprender novas formas de praticar o ato sexual que seja condizente com sua nova realidade, mas sua resignificação é diferente da resignificação que o sujeito que não sente uma ou mais partes do corpo teria de passar.

Em um estudo que buscou traçar o perfil da função sexual em homens com lesão medular completa, foi identificado que 94,4% destes indivíduos tinham uma vida sexual ativa antes da lesão medular, e após a lesão 88,9% dos participantes referiram continuar a manter relações sexuais com suas parceiras, ainda que em frequência reduzida. Dos entrevistados, 66,7 % relataram ter parceiras fixas (ISHIBASHI *et al.*, 2005). Esses dados contribuem para desfazer o mito de que pessoas com deficiência são mais ou menos sexuadas do que sujeitos que não são acometidos de nenhuma deficiência (MAIA; RIBEIRO, 2010; MAIA, 2011).

No estudo de Ishibashi (2005), foi relatado por 50% dos entrevistados que a maior dificuldade enfrentada por eles na hora da relação e/ou na tentativa de manter uma relação sexual é a mobilidade quanto ao posicionamento ou nas transferências de posições, o que representa uma das maiores mudanças na vida sexual do sujeito acometido de

uma deficiência que impede a mobilidade: o sexo passa a ter um caráter ainda mais planejado, cuidadoso, e dificilmente ocorre de forma espontânea, de momento. Por vezes, pode ser preciso se preparar previamente ao esvaziar a bexiga, por exemplo, ou trocando de ambiente, o que requer a ajuda da parceira ou do cuidador.

A realidade econômica interfere na manifestação da sexualidade, especialmente quando o nível socioeconômico da família é afetado pelo afastamento do trabalho daquele que seria o provedor do lar. Muitas vezes as dificuldades no relacionamento e no ato sexual decorrem mais de problemas sociais do que dificuldade de ereção e orgasmo (SALIMENE *apud* MAIA, 2012). Além deste fator, Murta e Guimarães (2007), conforme citado por Maia (2012) indicam que o nível de instrução, as oportunidades de acesso aos serviços de saúde e o engajamento no trabalho são condições de grande significância para a reestruturação do indivíduo após a lesão medular. De fato, segundo os autores, as variáveis psicossociais são mais importantes para o enfrentamento da lesão do que as variáveis físicas decorrentes da lesão medular.

Quanto à reabilitação sexual daqueles que adquirem uma deficiência física, muitas vias podem ser tomadas. É bastante comum que o suporte emocional do sujeito acometido por esta condição se dê principalmente através da família e/ou do cônjuge. É através deste apoio que o sujeito irá reconfigurar sua identidade como alguém com deficiência, entendendo suas limitações e resignificando seu corpo (MAIA, 2011; 2012). É importante ressaltar que é preciso considerar como a pessoa vivenciava as suas relações amorosas antes de adquirir a deficiência física, pois é através desta compreensão que o profissional poderá auxiliar o sujeito a fazer a resignificação de sua sexualidade.

Ressaltamos por fim que um importante agente na reabilitação sexual desses sujeitos são os profissionais da saúde que irão ser suas interações, sejam esses enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, médicos, etc. Como mencionado anteriormente, este é um processo multifatorial e multidisciplinar, afetando todas as esferas da vida do indivíduo. Através da disseminação de informação a respeito do tema da sexualidade é que poderemos combater os preconceitos que acometem esse tema e impedem que estes sujeitos exerçam sua sexualidade plena. É certo que não mencionamos tudo que se há para falar a respeito do tema, mas com estas definições já podemos fazer uma breve análise do filme proposto inicialmente.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>The Theory of Everything</i>
Nome Traduzido	A Teoria de Tudo
Gênero	Drama romântico-biográfico
Ano	2014
Local de lançamento e Idioma original	Reino Unido, Inglês
Duração	2h03min
Direção	James Marsh

O filme *A teoria de tudo*, conta a história de Stephen Hawking, famoso físico teórico e cosmólogo britânico e um dos mais importantes teóricos da área nos tempos recentes. Embora as contribuições de Hawking para a ciência sejam de grande relevância, o filme em questão tem como foco a vida do físico, sendo a vida acadêmica somente um plano de fundo para a trama. Tal enfoque foi dado pelo filme justamente por este ter tido como base para seu

desenvolvimento a biografia de Jane Hawking “*Travelling to Infinity: My Life with Stephen*”.

O filme se inicia com Hawking já como estudante na universidade de Cambridge, e já no começo foca no desenvolvimento do relacionamento entre ele e Jane. A descoberta de que ele tinha uma doença degenerativa rara, a Esclerose Lateral Amiotrófica, assim como o desenvolvimento e agravamento da doença são retratados na obra, colocando em foco a reação de Stephen frente a doença que ele descobriu ter. A relação dele com sua família e as problemáticas envolvidas devido as suas limitações físicas são um dos temas centrais do filme. Este tenta trazer também a percepção das pessoas ao redor de Stephen sobre sua doença e limitações, de forma a demonstrar como estas receberam e lidaram com esta notícia, bem como a desinformação destas pessoas a respeito de sua situação.

Um dos focos centrais do filme, Hawking e sua família, é retratado com todos os problemas e regalias que uma família pode ter, ou seja, no filme é retratado tanto alguns momentos bons entre ele e os filhos e entre ele e a sua mulher, como também os momentos de conflito entre ele e sua esposa, inclusive retratando o momento do divórcio entre eles e seus respectivos novos interesses amorosos que surgiram ainda quando casados. Consequentemente, a sexualidade de Hawking é abordada em diversas partes da obra, e sempre é tratada como um aspecto normal de sua vida, inclusive em estágios mais avançados desta, onde ele se encontrava mais debilitado pela doença degenerativa que tinha.

Análise Crítica

O filme ao tratar da vida do físico Stephen Hawking, focando principalmente nesta após o diagnóstico de ELA,

acaba por abordar um momento crítico na vida deste sujeito, no qual ele deixa de ser um sujeito considerado pela sociedade como “normal”, ou seja, sem deficiência e se torna um sujeito “deficiente”, estigmatizado pela sociedade como anormal. Embora as debilidades adquiridas pela ELA se agravem com o tempo, já em um primeiro momento com a doença Stephen necessita de equipamentos de apoio que o auxiliem em suas atividades, como por exemplo andar, que, no caso, primeiro ele utilizou uma bengala e depois uma cadeira de rodas.

O relacionamento de Stephen e Jane é um dos temas centrais da obra e embora este relacionamento tenha se estabelecido anteriormente aos primeiros indícios de ELA; algumas cenas marcantes como quando ele recebe o diagnóstico e decide não a encontrar novamente demonstram o engajamento que ambos tinham no relacionamento. Este momento do filme demonstra dois importantes fatos sobre a deficiência adquirida por ele na vida adulta: primeiro o afastamento que Stephen se colocou de tudo ao descobrir ter ELA e segundo a percepção de Jane sobre Stephen ao visualizar sua dificuldade na motricidade. Essa cena apesar de ter uma certa romantização, demonstra a mudança na percepção sobre o corpo que deixa de ser “normal” e se torna “deficiente”, e às dificuldades que este começa a enfrentar e que anteriormente não enfrentava, ou seja, a narrativa ressalta o impacto que têm a deficiência adquirida na vida das pessoas e de quem com ela convive (MAIA, 2011; MARTINS PEREIRA, 2006; SOARES *et al.*, 2008; TEIXEIRA, 2006).

O engajamento de Jane em seu relacionamento com Stephen é algo que aparece muito no filme, mas além desse engajamento é demonstrado também o papel de cuidadora que ela acaba adquirindo em relação ao seu marido. Tal papel, segundo as observações de Teixeira (2006) em

relação a dois sujeitos que se tornaram paraplégicos na vida adulta, pode ser considerado como um tipo de maternidade que a mulher do sujeito que adquire uma deficiência na vida adulta acaba tomando para si. O que a autora chama de “maternagem especial” é justamente esse papel de cuidadora que, em seus casos observados, a cônica se estabelece, de forma a tornar uma relação que era de uma suposta independência em uma relação de dependência e, inclusive, de perda de privacidade.

A função de “maternagem” (TEIXEIRA, 2006), tomada por Jane fica evidente já nos primeiros momentos do diagnóstico de ELA, principalmente no confronto dela com o pai de Stephen, que a desaconselha a seguir no relacionamento, e que por sua vez recebe a resposta de que ela não irá desistir deste. Além dessa questão, fica evidente nesse diálogo uma visão acerca de Stephen somente segundo sua doença, escancarando a redução do sujeito a ELA e colocando-o já como alguém que vai sofrer pelas suas deficiências adquiridas e também morrer em pouco tempo. Goffman (1975) propõe o uso do conceito de estigma justamente para auxiliar a descrição de situações como a relatada anteriormente. Essa redução a uma característica que afirma uma certa normalidade no outro é um fenômeno social amplamente observado, mas que no caso das deficiências se torna mais evidente.

Outra cena de extrema relevância para a discussão abordada no presente capítulo é a cena que ocorre após Stephen defender sua tese acerca da expansão do universo. Nesta cena, ele sai para comemorar com seus amigos e em determinado momento eles o questionam sobre como havia conseguido engravidar sua mulher. A cena em questão é levada em tom de brincadeira e Stephen explica para os amigos que seu órgão sexual não era afetado pela ELA. Aqui fica, portanto, escancarado um desconhecimento e até um

preconceito de seus amigos com ele, de forma que para eles, pelo fato de Stephen ter uma deficiência motora e uma doença degenerativa, ele não poderia nem ter relações sexuais como nem ter um filho.

Segundo Maia e Ribeiro (2010) existem mitos e crenças sobre o corpo com deficiência, que funcionam perante uma ideologia e uma manutenção de um estereótipo, como sustentação das relações de poder guiadas por esta lógica. Na cena relatada no parágrafo anterior fica evidente o mito acerca da sexualidade de Stephen, que embora seja culturalmente construído, no caso foi reproduzido pelos seus amigos.

Além disso, fica também escancarado um falocentrismo que domina o ideal de sexo para a cultura ocidental, bem como um machismo estrutural e as relações patriarcais desta sociedade. Ou seja, o tema sobre a sexualidade só fora tratado por Stephen e seus amigos quando ele e sua mulher tiveram um filho, de maneira que a sexualidade ficou restrita à reprodução, e a curiosidade de seus amigos não fora sobre como ele expressava sua sexualidade, mas como ele conseguira engravidar sua mulher.

A sociedade em que eles estavam inseridos fora retratada na obra, mesmo que de maneira superficial, com todas as problemáticas em relação à inserção da mulher nesta. A relação entre Stephen e Jane traz à tona a problemática do machismo na constituição da família. Jane, como dito antes, ao tomar o papel de mulher acaba também tomando o papel de cuidadora de Stephen. No decorrer do filme, contudo, é demonstrada a dificuldade de Jane em lidar com sua família e como ela acaba deixando de lado seus projetos de vida para cuidar de seu marido e seus filhos.

A temática do cuidador é um eixo bem relevante na trama, sendo que durante algum tempo tanto Stephen como Jane rejeitam contratar alguém para auxiliá-los, mas

que após algum tempo somente Stephen continua se mantendo resistente a essa ideia. O caráter machista dessa fixação de Stephen por ser cuidado somente pela sua mulher é algo evidente, e tem a ver com a ideia da família centrada no patriarcado, algo comum nas mais variadas culturas, principalmente nas das sociedades ocidentais. Pode-se relacionar essas situações do desgaste de Jane com o cuidado por Stephen como um dos fatores que os levam ao divórcio, uma vez que para realizar essas tarefas ela abre mão de realizar outras que a interessavam e fica então restrita ao cuidado com a família.

A constituição da família de Stephen e Jane está nos moldes uma família tradicional, com casal assumindo individualmente a funcionalidade de cada papel familiar que lhe é estabelecido culturalmente. Uma reflexão importante acerca desse fato, é de que Stephen apesar de ter ELA e carregar os estigmas e as dificuldades por ser uma pessoa com deficiência, conseguiu estabelecer uma família que se encaixa na ideia de normalidade para sua cultura. É evidente que a dinâmica familiar acaba por ser diferente das demais devido aos cuidados que Jane presta ao seu marido, mas apesar disso sua família além de ser funcional, também reproduz padrões de gênero estereotipados.

O divórcio entre eles é o clímax final do filme, mas que vai sendo construído durante toda a obra. Este acontecimento se desenrola a partir do interesse amoroso que Stephen começa a cultivar pela sua cuidadora Elaine. Vale ressaltar sobre esse interesse que ele começa a cultivar por sua cuidadora dois importantes fatores que podem ter contribuído para isso: primeiro de que Elaine já nos primeiros momentos com Stephen tece uma relação de igual para igual com ele, e não reproduz preconceitos sobre uma incapacidade que ele poderia vir a ter; e segundo de que Elaine, além de Jane, é a primeira pessoa que

reconhece Stephen como uma pessoa sexuada e que tem desejos sexuais, mostrando a ele uma revista pornográfica que tinha em seu escritório.

Anteriormente ao divórcio, Stephen e Jane contratam Jonathan como cuidador, e mesmo que ele tivesse uma atuação profissional com a família, porém com muita proximidade a esta, na família de Stephen são levantadas suspeitas acerca da fidelidade de Jane com ele. Embora tais suspeitas sejam de cunho machista e que demonstrem a ideia de que o Stephen por ter uma deficiência física não satisfaria os desejos de Jane, mito comum a respeito da sexualidade de pessoas com deficiência (MAIA; RIBEIRO, 2010), de fato Jane cultivava sentimentos por Jonathan mas ela respeitava a relação com seu marido e não desenvolvia tais afetos com o cuidador.

O rompimento do vínculo do casal aparece como uma conclusão óbvia para o relacionamento de Jane e Stephen, e mesmo eles tendo se amado, se cuidado e constituído uma família do modo mais tradicional, tiveram problemas familiares que também são comuns em nossa sociedade. Embora Jane tenha sido uma pessoa que sempre vira Stephen como sexuado e portador de desejos sexuais, nos momentos finais de seu relacionamento estes momentos cessaram, e foi a nova cuidadora que acabou novamente validando novamente estes sentimentos nele.

A vida do físico embora tenha sido permeada de complicações pode ser considerada uma vida que foi aproveitada nos seus mais diversos âmbitos, tanto da família, como da sexualidade, como também do trabalho e das amizades. Tal constatação traz luz sobre os estigmas envolvidos em relação às deficiências e as pessoas que convivem com estas, de maneira a demonstrar como uma pessoa com deficiência pode gozar da vida assim como uma

pessoa sem deficiência, tendo tanto as dificuldades, como os prazeres desta.

Considerações finais

Consideramos que o filme analisado apresenta um material muito válido para tratar a respeito da deficiência adquirida (particularmente as variações que acometem em algum tipo de imobilidade para o sujeito). Através deste material, podemos observar através da história de vida de uma pessoa real que é sim possível que estes sujeitos vivam uma vida plena tanto socialmente falando, quanto profissionalmente, sexualmente e no âmbito familiar. Contudo, devemos ressaltar que o caso de Stephen Hawking pode até ser considerado um caso ideal, de certa forma.

Devido ao impacto que suas teorias causaram no campo da física, Stephen se tornou uma personalidade muito famosa em todo o mundo, e por extensão, adquiriu também não só um grande capital decorrente de seus prêmios e participações midiáticas, como também fez muitos contatos importantes, que permitiram que Stephen obtivesse os tratamentos e equipamentos mais modernos que o dinheiro poderia pagar. Deste modo, apesar de nossas considerações a respeito da vida familiar e social da Stephen possam sim ser aplicados a maioria dos casos com um quadro similar, não podemos ignorar que numa questão puramente econômica, seu caso difere bastante da maioria da população acometida deste tipo de quadro.

Não é de se admirar, portanto, que Stephen tenha ultrapassado em tantos anos a expectativa média de vida para indivíduos com ELA. Contudo, não mencionamos isto como uma forma de indicar que este é um caso que dificilmente acontecerá novamente; pelo contrário, podemos ver que com os tratamentos e equipamentos de

qualidade, é sim possível qualquer sujeito obter uma sobrevivência significativa, e viver uma vida plena em todos os âmbitos, sejam estes sociais, profissionais e sexuais.

Por fim, é importante ressaltar também o caráter romantizado da obra, e levantar o questionamento acerca da veracidade dos acontecimentos relatados. Embora o filme seja biográfico e baseado no livro de Jane Hawking e, portanto, se proponha a relatar a vida de Stephen de forma não fantasiosa, não é possível saber se de fato os acontecimentos se deram da forma que foram trazidos. Contudo, isto não invalida as questões trazidas pela obra, e ressalta justamente as potencialidades de Stephen, mesmo com um diagnóstico de uma doença degenerativa rara e também com as debilidades adquiridas em razão desta.

Referências

- GOFFMAN, E. **Estigma** - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- ISHIBASHI, R.A.S.; OLIVIERI, F.L.D.; COSTA, V.S.P. **Perfil da função sexual em homens com lesão medular completa**. UNOPAR Cient., Ciênc. Biol. Saúde., v. 7, n.1, p. 65-68, 2005.
- MAIA, A.C.B. **Inclusão e Sexualidade na voz de pessoas com deficiências físicas**. Curitiba: Juruá, 2011.
- MAIA, A.C.B. **A sexualidade depois da lesão medular: Uma análise qualitativa descritiva de uma narrativa biográfica**. **Interação Psicol.**, v. 16, n. 2, p. 227-237, jul/dez, 2012.
- MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p. 159-176, 2010.

MARTINS PEREIRA, M. E. M. DA S.; CAVALCANTI, T. C. C. F. DE A. Enfrentamento e reabilitação de portadores de lesão medular e seus cuidadores. **Psico**, v. 37, n. 1, 31 jul. 2006.

NORDON, D. G.; ESPÓSITO, S. B. Atualização em Esclerose Lateral Amiotrófica. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, v. 11, n. 2, p. 1-3, 2009.

SOARES, A. H. R.; MOREIRA, M. C. N.; MONTEIRO, L. M. C. Jovens Portadores de Deficiência: Sexualidade e Estigma. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 185-198, 2008.

TEIXEIRA, A. M. **Vida Revirada: o acontecer humano diante da deficiência adquirida na fase adulta**. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2006.

Capítulo 7

SECRETO E PROIBIDO: MEMÓRIAS AFETIVAS E ENFRENTAMENTOS NA VIDA DE DUAS MULHERES LÉSBICAS IDOSAS

Amanda Novaes Rosa
Ana Ligia Alcaras

Introdução

Quando se fala sobre sexualidade, é interessante notar que, na cultura ocidental, há uma associação quase que instantânea entre a sexualidade e pessoas jovens, visto que, a partir da puberdade, os desejos sexuais se manifestam com maior intensidade e, ao longo da vida, esse desejo supostamente irá diminuir. Assim, ao mesmo tempo em que existe essa associação instantânea entre sexualidade e juventude, existe uma negação a respeito da sexualidade de pessoas idosas.

É comum a atribuição de mitos e estereótipos sociais negativos relacionados à sexualidade aos idosos, porque a sociedade julga esse momento da vida como um período de assexualidade, como se o desejo sexual desaparecesse naturalmente com o passar da idade (LEMOS, 2015).

Como reflexo disso, temos produções de entretenimento, como: novelas, filmes, romances etc., que acabam por retratar pessoas jovens tendo envolvimento sexual, enquanto os idosos sempre ficam com outro papel que não o de parceiro sexual. Mesmo quando ocorre algum tipo de envolvimento entre idosos em tais produções, opta-se por não mostrar muito, por deixar subentendido, como

se falar sobre isso provocasse algum incômodo em quem consome aquele conteúdo.

Talvez uma coisa preceda a outra em um ciclo que nunca termina, mas a produção cultural e o senso comum estão intimamente atrelados, de forma que, tem-se uma concepção ainda atual de que idosos não têm interesse sexual, ou que aqueles que o têm são os que destoam da normalidade. No entanto, isso não se verifica quando buscamos estudos científicos a respeito do tema.

Para Cardoso (2004), pessoas idosas continuam a ter pensamentos e desejos sexuais e, embora as inevitáveis mudanças corporais decorrentes do envelhecimento muitas vezes apresentem desafios àqueles que mantêm uma vida sexual ativa, o desejo continua a existir, bem como todos os benefícios do envolvimento afetivo e sexual.

Segundo Covey (1989), quando retomamos a história da sexualidade, encontramos a exclusão dos idosos desde a Grécia, onde a beleza física era o que definia a valorização das pessoas, critério que os mais velhos não atendiam. Na Idade Média, passou-se a propagar a ideia de que o objetivo do exercício sexual era exclusivamente à procriação, deixando os idosos novamente de fora.

O período do Renascimento trouxe grande desenvolvimento da medicina e da fisiologia, o que se deu graças à dissecação de corpos, permitindo inúmeras descobertas sobre o corpo humano que nunca antes haviam sido vistas na sociedade ocidental. No entanto, esse conhecimento científico apenas contribuiu para a visão da velhice como um período assexuado, visto que o corpo humano, da perspectiva biológica, estaria entrando em declínio (LEMOS, 2015), aproximando-se da morte.

Inegavelmente, todos esses acontecimentos históricos estão intimamente ligados aos preconceitos, tabus, rótulos e estereótipos contemporâneos que dizem respeito à

sexualidade em si e, especialmente, à sexualidade dos idosos. Pensando nesses sujeitos, que vivenciam a velhice nessa sociedade e sofrem diretamente com o preconceito, é fundamental que o tema seja tratado e cada vez mais desmistificado, para que seus desejos e fantasias sexuais não sejam acompanhados de culpa (RISMAN, 2005).

O avanço científico tem permitido que as pessoas vivam cada vez mais tempo e com maior qualidade de vida, de forma que a população idosa tem crescido significativamente em todos os países do mundo, razão pela qual tem aumentado também o interesse, em termos de pesquisa e políticas públicas, por estudos voltados para essa população.

Para além do tabu que constitui a sexualidade de idosos, está o tabu da homossexualidade. Idosos homossexuais, dessa forma, são alvo de um duplo estigma, sofrendo preconceito e discriminação em dobro. A orientação sexual de um indivíduo é parte de sua identidade, composta por outros fatores para além do desejo sexual, como: sexo biológico, identidade de gênero e papel social (LIMA, 2013), por isso, resumir a homossexualidade como sendo apenas uma preferência sexual por pessoas do mesmo sexo é limitá-la, chegando a ser também uma definição equivocada, já que não se trata de uma escolha, e sim de múltiplas determinações com processos biológicos e psicoculturais envolvidos no processo.

Embora a homossexualidade tenha existido em todos os momentos históricos dos quais se tem registro, e não só entre humanos, mas também entre animais, ao longo da história foi vista com maus olhos, principalmente a partir da Idade Média (GUIMARÃES, 2009). Da mesma forma que a homossexualidade era negada e demonizada, principalmente devido à grande influência religiosa, a

sexualidade na vida dos idosos também foi bastante rejeitada (COVEY, 1989).

Quanto às questões legais, cada país passou por um processo, com peculiaridades e momentos históricos que variam, mas, na maior parte dos países, a homossexualidade foi considerada um crime em algum momento e, mesmo tendo sido descriminalizada em diversos territórios, segundo dados de 2016, ainda constitui crime em 72 países. Do total de 195 países que existem, estamos falando de quase 40%, sem mencionar os casos em que a homossexualidade foi descriminalizada e, no entanto, o preconceito, a discriminação e a violência continuam em níveis altíssimos. Além disso, em 13 países, ser homossexual implica em pena de morte (ILGA, 2016).

A homossexualidade deixou de ser considerada doença apenas em 1973 para a Classificação Estatística Internacional de doenças e problemas relacionados à saúde (CID-10) e, no Brasil, o Conselho Federal de Medicina deixou de considerá-la uma doença apenas em 1985. Nos Estados Unidos, a Associação Americana de Psicologia já havia tirado a homossexualidade da categoria de doença em 1975, mas foi apenas em 1999 que psicólogos passaram a ser obrigados a atuar segundo normas específicas em relação a orientações sexuais, o que proibiu propostas de tratamento e de cura daquela orientação sexual (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002).

Assim, o que se observa é que todas essas mudanças são ainda muito recentes historicamente, e, se mesmo as gerações que vieram depois desses marcos históricos ainda continuam a sofrer com os resquícios desse passado sombrio, é ainda mais assustador pensar nas gerações que viveram toda a sua vida antes deles.

Além dos tabus que envolvem o envelhecimento e a homossexualidade, as mulheres, em particular, tem

exercido ao longo da história o papel social que foi designado a elas, ao longo dos anos, por uma maioria composta de homens. Sabe-se que os homens sempre ocuparam as posições mais privilegiadas na sociedade, e assim, se deram o direito de julgar e definir todas as regras de convivência e de comportamento não só para si mesmos, como também para o gênero feminino. Faz pouco tempo, historicamente falando, que mudanças têm ocorrido nesse sentido e que tem sido possível para as mulheres, aos poucos, dar voz aos seus próprios direitos.

Portanto, abordar simultaneamente essas três vivências: a do envelhecimento, a da homossexualidade e a de ser mulher, é uma forma de abrir espaço para narrativas que ainda são muito pouco ouvidas, e de compreender expressões da sexualidade sob perspectivas acadêmicas não tradicionais.

Alves (2010) identificou a escassez de trabalhos relacionados a homossexualidade em mulheres idosas, e por isso, realizou entrevistas com mulheres nascidas entre 1934 e 1947, com o objetivo de “recuperar o lugar que a sexualidade ocupa na construção das trajetórias de vida femininas” (p. 214). Para a autora, o exercício de contar histórias sobre as suas próprias vidas estando na fase idosa, faz com que elas possam retirar da sombra um modo de vida que por muito tempo foi escondido, e se colocar como protagonistas de suas vivências. Ao passo em que essas mulheres escolhem quais relatos da sua vida vão ser evidenciados, elas estão dando significado aos seus caminhos e traçando uma trajetória que dá sentido a tudo que viveram e que as leva ao atual momento de suas vidas.

Um aspecto bastante destacado do referido artigo é a prioridade que a dimensão do afeto possui nas relações lésbicas narradas, sendo que o prazer erótico entra como coadjuvante na história. Quando são convidadas a relatar

sobre o início de suas vidas sexuais, as mulheres relatam que geralmente começavam com uma história de amizade que, aos poucos, passa a adquirir também um sentido sexual. A autora relaciona essa forma de narrativa com a importância de que as mulheres incorporem sentido às suas histórias, e tendo em vista que o discurso é construído também por quem o escuta, enquanto ouvinte, ela atenta-se às “narrativas-mestras sobre a origem do desejo sexual” (SIMÕES, 2004, p. 432 apud ALVES, 2010), ou seja, o desejo sexual que se inicia com o afeto.

Além disso, as mulheres que também já se relacionaram com homens fazem uma diferenciação bem marcada entre o “sexo com homem” e o “amor com mulher” demonstrando que, mesmo que houvesse prazer nas relações heterossexuais, a “realização” e sensação de “completude” só vieram com as primeiras experiências lésbicas (ALVES, 2010). Segundo a autora:

A linguagem dos sentimentos se faz muito presente nessas narrativas e coloca o sexo como o corolário de uma trajetória, acima de tudo, sentimental. O laço de afeto prescinde de justificativas e, uma vez estabelecido, abre caminho para a possibilidade de um outro processo: o da construção de si como homossexual (ALVES, 2010, p. 222).

Nota-se, por último, que essas mulheres entrevistadas relatam a experiência sexual como algo ao mesmo tempo estranho e familiar. E que a temporalidade de suas narrativas não é linear, pois prevalece a intenção de fazê-las ter sentido.

Tendo em vista os assuntos mencionados acima, reafirma-se a importância de que as narrativas sobre a sexualidade de mulheres lésbicas idosas tenham cada vez mais visibilidade, principalmente quando elas são as narradoras de suas próprias histórias. Assim, lhes é dada a

chance de criar e recriar sentidos para o caminho percorrido ao longo de suas vidas e de ocupar o papel de sujeito central, contrapondo-se aos preconceitos e discriminações ainda existentes, e protagonizando cenários de diferentes fases da História.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme/Documentário
Título Original	<i>A Secret Love</i>
Nome Traduzido	Segreto e Proibido
Gênero	Documentários LGBTQ
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, inglês
Duração	1h22 min
Direção	Chris Bolan

Quando duas mulheres idosas confessam que partilham a vida juntas há mais de 65 anos, como parceiras afetivas, rapidamente chega-se à conclusão de que muito menos tempo elas viveram sem que fossem um casal. E esse caminho que percorreram desde que descobriram estar apaixonadas até chegar aos seus anos finais de vida, é o que mostra o documentário *Segreto e Proibido*.

Terry tinha 19 anos quando se mudou do Canadá para os Estados Unidos e integrou a primeira liga feminina de beisebol, tornando-se jogadora profissional. Nessa época, na década de 1940, a participação dos homens em guerras deu lugar para que as mulheres ocupassem espaços esportivos como jogadoras. Alguns anos depois, Terry conheceu Pat, uma nova participante que chegou para a liga, e em pouco tempo tornaram-se amigas. Mesmo que Terry soubesse das relações lésbicas que aconteciam entre as mulheres do time, especialmente em momentos

festivos, ela evitava participar e dizia não ter interesse, mas quando conheceu Pat, algo mudou para ela. Através da amizade, as duas apaixonaram-se uma pela outra, e embora tivessem rumos diferentes a seguir, os anos mostraram que era impossível que vivessem separadas e longe do amor que cultivaram.

Por isso, Pat e Terry decidiram enfrentar todas as dificuldades e as dores de viver um amor escondido, em uma época na qual se declarar lésbica era motivo de prisão e repressão policial, além de haver também um grande risco de perder o afeto de familiares e amigos queridos. Enquanto construíam uma vida juntas dentro de casa, apresentavam-se como amigas ou primas no ambiente de trabalho, para a família, e em quase todos os lugares, exceto entre os poucos amigos com os quais podiam expressar livremente sua orientação sexual.

Embora tenham se passado muitos anos desde que as duas se conheceram, e que nesse tempo tenham ocorrido avanços na sociedade, as preocupações delas prevaleciam e faziam com que continuassem escondendo sua relação, até mesmo quando envelheceram. O medo de sofrerem preconceitos e de não serem mais amadas pelos outros sempre foi muito presente. Mas, acima de tudo, o filme é sobre o amor admirável entre duas mulheres que atravessaram juntas todas as mudanças de suas vidas, assegurando-se de deixar o amor se transformar no melhor que ele pudesse ser em cada fase, e numa bonita contradição, mostrando-se mais forte quanto mais fisicamente frágil a idade lhes impusesse a ficar.

Análise Crítica

O documentário *Secreto e Proibido* encontra a história de Pat e Terry em um momento decisivo de suas vidas, a

partir do qual suas narrativas serão desencadeadas. Por serem idosas, há novos desafios a serem enfrentados, como problemas de saúde e limitações físicas em seus movimentos, portanto, pensam em mudar para uma casa menor, mas estão tentando colocar na balança quais são as perdas decorrentes de deixarem o lugar em que vivem. Além disso, há uma grande insistência por parte da família de Terry para que elas morem mais perto dos familiares.

A primeira cena do filme é Pat atendendo a uma ligação telefônica que dizia respeito ao estado de saúde de Terry, que tem a doença de Parkinson e estava tendo tremores mais notáveis do que de costume. O interessante a se notar, logo nesta cena, é que Pat diz à pessoa do outro lado da linha que ela e Terry são primas. Sendo o documentário de 2020, estima-se que essas imagens tenham sido filmadas um ou dois anos antes. Se considerarmos também que o casal vive em Chicago, nos Estados Unidos, estado onde os direitos da população LGBT (atual LGBTQIA+) são reconhecidos desde 1962, é curioso que elas continuem falando para desconhecidos que são primas.

Manter a invisibilidade homoerótica no envelhecimento parece ser algo ainda constante, e isso pode acontecer por algumas razões, uma delas é que o preconceito contra casais homoafetivos ainda é muito recorrente mundo afora, o que pode causar dores e desconfortos dos quais as pessoas querem ser poupadas, por isso, optam por continuar em segredo. Outra razão possível é o apagamento da vida sexual e afetiva dos idosos, como foi dito por Guimarães (2009). Além disso, há um foco de estudo e de práticas em outros aspectos do envelhecimento, como doenças crônicas, por exemplo, deixando em segundo plano as questões do desenvolvimento sexual (OREL, 2014).

Para a família, elas só contaram que eram um casal dois ou três anos antes do momento em que o documentário estava sendo gravado, ou seja, após mais de sessenta anos juntas. No entanto, ao longo do filme, vão ficando mais claros os motivos que podem tê-las levado a continuar escondendo sua relação tanto da família quanto da sociedade em geral, mesmo sabendo que, a partir de certo momento histórico, não poderiam mais sofrer qualquer tipo de discriminação por sua orientação sexual.

No que diz respeito à família de Terry, ela teve uma relação muito próxima e afetuosa com seus pais até os últimos momentos de vida deles e mantinha essa proximidade com os seus sobrinhos, filhos de seu irmão que já havia falecido. Desde o início do relacionamento das duas, Pat foi acolhida e amada pela família de Terry, embora fosse apresentada como sendo apenas uma amiga. Os pais nunca souberam de nada declaradamente, apesar de Terry imaginar que o seu pai soubesse, afinal, ele dizia que preferia vê-la assim, feliz, do que com alguém que a maltratasse.

Após os anos de segredo, quando Terry contou aos sobrinhos, a reação deles foi positiva. A primeira pessoa a saber foi Diana, sobrinha com quem Terry sempre teve uma relação mais próxima. Diana contou que, desde a infância, ouvia de seu pai, irmão de Terry, comentários homofóbicos e agressivos com relação à irmã.

Quando a família comenta sobre elas terem contado que eram um casal, Diana diz *“agora vocês podem contar suas histórias”*, o que traz à tona a questão de que, quando você tem que esconder sua identidade, bem como a pessoa que você ama, torna-se impossível contar as suas histórias. Dessa forma, os relatos existiam apenas na memória de cada uma delas, e estavam fadados a existir somente enquanto as duas vivessem. Essas histórias só puderam ser contadas na velhice, muito tempo depois.

Outro ponto interessante é que Diana se vê em pé de competição com Pat pela atenção de sua tia. O que parece mais ter incomodado Diana, desde a descoberta, foi a sensação de que Pat a mantivera longe da família, pensamento esse compartilhado pelos outros sobrinhos também, como se não estivessem considerando o desejo da própria Terry de ter construído sua vida distante, pois, quando se mudaram para Chicago juntas, estavam felizes e satisfeitas em dividir a vida a sós.

Em uma cena posterior, elas encontram um casal de amigos gays para jantar e relembram algumas histórias juntos, deixando evidente que esse é um espaço em que nunca precisaram se esconder e relatam, inclusive, que demorou um bom tempo para que fizessem amizades confiáveis. Pat diz que “*muitas vezes, os amigos são mais íntimos que a família*”, e, ainda que os sobrinhos de Terry sejam tolerantes e amorosos com a história delas, parecem não compreender os motivos do distanciamento. É comum entre as pessoas homossexuais a formação de “*guetos*”, isto é, a convivência de pares que compartilham das mesmas condições, criando um ambiente em que possam vivenciar a homossexualidade de forma aberta, embora também se constitua um modo de segregação social (LOIOLA, 2006).

Na relação com a família de Terry, percebe-se uma insistência dos últimos para que o casal se mude para uma casa de repouso, mas Pat desde o início não concorda, porque sente-se em perfeitas condições de saúde. Já Terry reconhece que está um pouco debilitada, mas, ainda assim, Pat se considera capaz de cuidar de sua parceira. Nesses trechos, pode-se notar que idosos vão perdendo, aos olhos da sociedade, seu direito de decidir o que querem fazer e onde querem viver, como apontam estudos de Justo e Rozendo (2010), e Scortegagna e Oliveira (2012). Embora sejam compreensíveis os motivos da família, é comovente

a forma como Pat tenta resistir e ficar em sua casa, mas a família acaba por convencê-la.

Por outro lado, na família de Pat, seus pais e quatro irmãos já haviam falecido, e o único irmão vivo, com quem sempre foi mais próxima, era o maior laço que ainda mantinha. Esse irmão, apesar de gostar de Terry enquanto amiga de Pat, demonstrou intolerância ao descobrir que elas eram um casal e que pretendiam se casar, pedindo, inclusive, que ela não contasse para o restante da família sobre isso. Reações como essa foram justamente o que elas tentaram evitar durante os anos em que não contaram nada, e isso mostra que, embora as leis tenham mudado, há preconceitos bastante enraizados que colocam em jogo o afeto da própria família por pessoas que se declaram homossexuais.

Além das questões familiares, destaca-se o escritório onde trabalharam juntas por 26 anos como mais um espaço em que precisaram esconder sua relação. Lá, elas usavam roupas justas, vestidos, maquiagens e saltos, e comportavam-se de forma gentil e receptivas aos clientes, aparentando serem apenas boas amigas. Sabe-se que, na década de 1940, havia uma exigência ainda mais forte do que atualmente, para que as mulheres seguissem regras de etiqueta social, onde quer que fosse, sendo forçadas a agradar o público-alvo masculino (ALMEIDA, 2014). Mesmo com esses obstáculos, Pat e Terry relatam a época de trabalho com certa tranquilidade, e pode-se imaginar que isso se deve ao fato de que elas eram cúmplices e tinham uma a outra, amenizando as dificuldades do dia-a-dia.

Como mencionado anteriormente, o envelhecimento trouxe a elas exigências de maiores cuidados com a saúde. Uma das consequências disso foi a família de Terry ter colocado em pauta a necessidade de encontrar outro lugar para morar, que fosse menor ou que não precisassem fazer todas as atividades domésticas sozinhas. Essa busca por

uma nova casa é mostrada no filme, e, numa visita a um lar de idosos, elas perguntam se seriam aceitas como um casal homossexual pelos outros idosos, caso decidissem morar lá. O cuidado de viver em um local onde possam ter maior liberdade é preservado desde o momento em que decidiram morar em um lugar distante da família, no início da relação, até a última mudança de casa.

No fim das contas, Pat e Terry foram convencidas a morarem em uma casa mais próxima dos familiares de Terry, porque, assim, poderiam receber mais cuidados da família. Nesse processo de mudança que o roteiro acompanha, há memórias que são resgatadas e compartilhadas no documentário, como as cartas que escreveram uma para a outra quando eram jovens. Essas cartas, nas quais faziam declarações de amor, precisavam ter os seus nomes apagados para que elas não fossem descobertas. Apesar dos tantos riscos que corriam naquela época caso se assumissem como lésbicas, o que elas relatam ao serem questionadas sobre as cartas secretas é o medo de que perdessem o amor de suas famílias. Ainda na mudança de casa, que traz à tona lembranças em forma de objetos, Diana encontra um álbum de fotos repleto de momentos com amigos que ela não conhece, e se dá conta de que Pat e Terry construíram uma segunda família nesses anos juntas.

Os momentos mostrados no filme, embora não seja falado diretamente, revelam que, para Pat e Terry, a decisão de estar juntas significou ter que abrir mão da proximidade com a família, e imagina-se que ter que fazer essa escolha tenha sido doloroso, mas não compartilham esse tipo de sentimento com a família, ficando nas entrelinhas da história contada. Em geral, podemos dizer que os relatos evidenciam limites em suas vivências amorosas durante toda a vida, diante do preconceito social sobre a homossexualidade (CASTAÑEDA, 2007) e

agravados pelo contexto histórico de maior repressão do que enfrentariam, no mesmo país, nos dias atuais.

Elas contam que, quando eram jovens, havia bares e discotecas frequentados por homossexuais e transexuais, mas eram feitas batidas policiais nesses lugares e, entre outros critérios, se uma mulher fosse encontrada usando uma calça, seria presa e acusada de estar tentando se passar por homem. Dessa forma, é possível notar que a discriminação naquela época era muito mais exacerbada, criminalizando inclusive o uso de determinadas roupas, atribuídas a um gênero ou a outro. Elas relatam também que as pessoas que eram presas nessas ocasiões perdiam seus empregos e a guarda dos filhos, entre outros prejuízos.

Como uma forma de simbolizar o fim do segredo e o fim da proibição entre Pat e Terry, elas decidem se casar, com bastante apoio da família de Terry, em uma cerimônia celebrada por esses familiares e por grandes amigos que as duas fizeram em Chicago. A questão do casamento apresenta-se como um dilema em alguns momentos, porque, inicialmente, Terry não o acha necessário, mas Pat enxerga-o como um jeito de homenagear a união. Além disso, também é interessante que uma das sobrinhas de Terry acredita que o casamento seja importante para tornar a união oficial dentro da lei, demonstrando o apego a tradições mais conservadoras.

Ainda sobre o casamento homoafetivo, é interessante ressaltar que existem divergências entre militantes e intelectuais, sendo que o primeiro grupo tende a ver o reconhecimento do casamento homoafetivo como uma garantia de um direito, enquanto o segundo grupo, apesar de reconhecer essa garantia, tende a vê-lo como uma forma de o Estado regular e controlar as homossexualidades dentro dos padrões heteronormativos, visto que o casamento, enquanto instituição burguesa, tem por base e

funciona para legitimar a heteronormatividade (BILA, 2010), de forma que, pensar em um casamento homoafetivo, neste sentido, é quase um paradoxo.

Ainda assim, o casamento é uma norma que garante direitos sociais, políticos e econômicos para a população LGBTQIA+, e, pensar em outro modelo de união que garanta tais direitos, sem que haja normatização e regulação das sexualidades por parte do Estado, continua sendo um desafio (BILA, 2010).

Além de todas essas discussões que o filme visibiliza, deve-se comentar também sobre o que não é falado em nenhum momento, que são as relações sexuais. Ao observar os detalhes, destaca-se o relato delas de que, na primeira vez que foram morar juntas, tinham duas camas de solteiro separadas no quarto, para manter a imagem de amigas ou primas a quem pudesse visitá-las. E, numa cena posterior e atual, percebe-se que, no quarto delas, ainda havia duas camas de solteiro, já em outra casa e na fase idosa da vida. O documentário não apresenta, no entanto, informação alguma acerca da vida sexual que elas tiveram ou têm.

Essa ocultação reforça aquilo que a literatura aponta, de que a velhice é bastante rotulada como uma fase em que não há desejo sexual, mas isso não é verdade. Apesar de não se saber se a decisão de não tocar nesse assunto foi de Pat, de Terry ou da produção do documentário, ou se, por outro lado, a vida sexual delas nunca chegou a entrar em pauta, qualquer uma dessas justificativas relaciona-se ao tabu que se repete em filmes, sobre a ausência de sexualidade em idosos, o que deveria ser desmistificado. O documentário poderia ter tratado sobre essa questão, no entanto, isso não ocorreu.

Considerações Finais

Pode-se notar que o filme escolhido evidenciou algumas das problemáticas já relatadas na literatura existente sobre o tema, e trouxe à tona outras que não constavam na literatura consultada. A história de Pat e Terry é, sobretudo, uma história de resistência, uma vez que fala de pessoas que foram e continuam sendo alvo de preconceito triplo.

Primeiro, por serem mulheres que viveram sua juventude na primeira metade do século XX, tendo um papel de gênero muito mais rígido que o atual, no qual precisavam se encaixar. Vestidos, salto-alto, maquiagem, comportamento submisso, entre outros, não eram uma opção, mas sim a única alternativa para o gênero feminino. Afinal, se não se apresentassem dessa maneira, não conseguiriam sequer um emprego e condições mínimas de sobrevivência.

Em segundo lugar, está o fato de que se apaixonaram uma pela outra em um momento histórico no qual não era apenas mal visto, mas também proibido por lei tal envolvimento. Desde os anos 40, tiveram que se esconder de tudo e de todos para conseguirem viver uma história de amor juntas. No entanto, essa história nunca foi leve, nunca foi livre de sofrimento, visto que viam outros homossexuais sendo presos, agredidos e mortos constantemente durante sua vida. Por fim, está o preconceito que sofrem por serem idosas, tendo que aceitar que outras pessoas decidam por elas onde e como devem viver de agora em diante. E, claro, o preconceito específico direcionado a idosos homossexuais.

Observa-se, ao longo do filme, que o preconceito contra homossexuais, embora tenha diminuído historicamente, ainda é algo muito forte, porque resiste internalizado dentro das pessoas que viveram na época em que era um crime ser homossexual, tratando-se dos países onde deixou de ser um

crime. Pat e Terry, assim como todos aqueles que as julgariam por terem um relacionamento homossexual, são também sujeitos atravessados pelo contexto no qual cresceram e viveram a maior parte de suas vidas.

Como consequência, percebe-se que elas ainda têm receios, ainda chamam uma à outra de prima na frente de estranhos, ainda evitam demonstrações muito calorosas de afeto em público. E isso pode nunca mudar, para elas. Aquilo que foi internalizado por mais de seis décadas, dificilmente mudará em alguns poucos anos. Afinal, suas histórias não puderam ser contadas por muito tempo.

Referências

ALMEIDA, J. S. de. Mulheres no Cotidiano: Educação e Regras de Civilidade (1920/1950). **Revista Dimensões**, Vitória, v. 33, p. 336-359, jul./dez. 2014.

ALVES, A. M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. **Horiz. antropol.** Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 213-233, Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 mar. 2021.

BILA, F. P. **Além do arco-íris**: o debate da normatização do casamento homoafetivo. In: Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, V, Salvador, 2017.

CARDOSO, J. Sexualidade e Envelhecimento. Sexualidade & Planejamento Familiar. **Sexualidade & Planejamento Familiar**, 2ª série, p. 7-12, nº 38/39, Janeiro/Dezembro, 2004.

CASTAÑEDA, M. **A experiência homossexual**: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira Filho. São Paulo: A Girafa, 2007.

COVEY, H. C. Perceptions and attitudes toward sexuality of the elderly during the Middle Ages. **The Gerontologist**, 29, p. 93-100, 1989.

GUIMARÃES, A. F. P. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, v. 17, 553-567, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a23.pdf>. Acesso em 17 jun. 2021.

International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association: Carroll, A., State Sponsored Homophobia 2016: A world survey of sexual orientation laws: criminalisation, protection and recognition (Geneva; ILGA, May 2016). Disponível em: https://ilga.org/downloads/02_ILGA_State_Sponsored_Homophobia_2016_ENG_WEB_150516.pdf. Acesso em 10 jun. 2021.

JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. da S. A velhice no Estatuto do Idoso. **Estud. pesquis. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 471-489, agosto 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-4281201000200012&lng=es&nrm=iso. Acesso em 12 jun. 2021.

LACERDA, M., PEREIRA, C., & CAMINO, L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 165-178, 2002.

LE MOS, A. E. **Homossexualidade e velhice**: Os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos. Tese (Mestrado em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP Araraquara, SP, 2015.

LIMA, P. V. S. F. de. Homossexualidade na terceira idade: Revisão de literatura. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, v. 4, n. 2, p. 2289-2299, 2013.

LOIOLA, L. P. **Diversidade Sexual**: Perspectivas Educacionais. Fortaleza: Ed. UFC, 2006.

RISMAN, A. Sexualidade e terceira idade: Uma visão histórico-cultural. **Textos envelhecimento**, v. 8, n. 1, p. 15-32. Rio de Janeiro, 2005.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. C. S. Idoso: um novo ator social. In: **IX ANPED Sul**. Seminário de pesquisa em educação da região sul. Caxias do Sul, 2012.

OREL, N. A. Investigar as Necessidades e Preocupações dos Adultos Idosos, Gays, Bissexuais e Transgêneros: o uso de metodologia qualitativa e quantitativa. **Journal of Homosexuality**, v. 61, n.1, p. 53-78, 2014. Disponível em: <http://doi.org/10.1080/00918369.2013.835236>. Acesso em 18 jun. 2021.

Capítulo 8

FLORES RARAS: ENSAIO SOBRE PODER E DOMINÂNCIA EM UM RELACIONAMENTO LÉSBICO

Alexandre Rimar Cintra
Rafael Edgar da Silva

Introdução

O Feminismo, que se define pela busca de igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres e a consequente ampliação do papel da mulher na sociedade contemporânea, visa a promoção de um processo emancipatório e libertário, fomentando questões que ocupam, cada vez mais, o debate público. Foi nos EUA, na década de 60, que os primeiros movimentos organizados começaram a ganhar notoriedade, se espalhando então para o resto do mundo. No Brasil, a chegada das pautas feministas mobilizou uma série de encontros nacionais cujo tema central era o papel da mulher na sociedade. Sua principal bandeira, neste primeiro momento, estava relacionada ao direito ao voto, mas também contemplava questões trabalhistas, uma vez que as mulheres já apresentavam uma forte presença nas lutas operárias (ALVES; ALVES, 2013).

Monteiro (2015), em sua dissertação sobre identidade feminina e o mundo do trabalho, apresenta uma perspectiva pautada nas possibilidades concretas do “ser mulher”, apontando para a estrutura social sexista que atribui ao homem o papel produtivo dentro da sociedade, possibilitando a ele maior reconhecimento social e

realização pessoal; enquanto à mulher cabem os cuidados secundários e de manutenção da vida cotidiana. A autora defende que a atividade profissional é um elemento importante para a constituição do sujeito e evidencia que, para as mulheres, a possibilidade de abandonar as algemas da vida doméstica compulsória fornece duas chaves fundamentais para a transformação da sua condição: 1) Independência financeira, já que o fato de ter uma renda lhe confere maior autonomia, não havendo mais a necessidade de um homem para arcar com suas despesas; 2) e realização pessoal, uma vez que tem-se a possibilidade de participar ativamente na vida comum, isto é, influenciar os rumos do projeto social.

Outro elemento importante dessa trajetória, foi a chegada da pílula anticoncepcional que fez com que tais discussões fossem aprofundadas no sentido de proporcionar às mulheres maior liberdade de escolha em sua vida privada. Assim, além de reivindicar seu lugar político e social, também se buscava o direito sobre o próprio corpo. Com isso, o ambiente particular em que antes não se podia “meter a colher” agora estava sendo exposto publicamente, revelando episódios rotineiros de abusos, tanto físicos quanto psicológicos que eram mascarados pelo contrato conjugal, cujo acordo era menos pautado na aliança amorosa e mais na manutenção de normas e expectativas sociais sobre o corpo, saúde e sexualidade da mulher (ALVES; ALVES, 2013).

Todo esse cenário nos interessa à medida que iremos abordar relacionamentos em que há algum tipo de desequilíbrio de forças entre os cônjuges. Contudo, a trajetória dessa problemática, que envolve o desbalanceamento de poder dentro de um contrato conjugal, restringe-se, em sua maioria, ao tratamento de casais heterossexuais, cujo o homem é sempre o perpetrador da

violência e a mulher a vítima dela. Estudos recentes apontam que a violência entre casais do mesmo sexo é uma realidade preocupante que deve alertar a comunidade LGBT e incentivar os indivíduos que vivenciam essa situação a expô-la (OSÓRIO, SANI e SOEIRO, 2020; TROTMAN, 2017).

Os estudos de gênero, que surgiram ao longo dos anos 1980, questionam a construção dos papéis sociais fixados aos conceitos biológicos de macho e fêmea, em que “os corpos de homens e mulheres, por serem natural, biológico e anatomicamente diferente resultam em característica psicológicas, sociais e comportamentais diferenciadas” (TILIO, 2014, p. 128). A partir disso, entende-se que a masculinidade e a feminilidade são construções que organizam as relações de poder, indicando uma determinada posição que o sujeito ocupa socialmente. Assim, mesmo em relações homoeróticas, os papéis, tanto masculinos quanto femininos, podem ser desempenhados no sentido que dizem respeito à posição do sujeito no espaço social e não apenas, às características biologicamente fixadas.

O filme que analisaremos se relaciona com essa temática à medida em que retrata uma relação lésbica, na qual há claramente uma dinâmica de poderes associada aos papéis e determinações sociais descritos. Entendemos a possibilidade de prestígio e reconhecimento social como um importante fator que contribui para que o sujeito assuma um lugar de dominância dentro da relação, mesmo se tratando de um relacionamento entre duas mulheres. No enredo, uma das personagens alcança um lugar que convencionalmente foi ocupado por homens e apresenta um maior controle sobre suas parceiras de relacionamento.

Trataremos especificamente do relacionamento entre lésbicas: primeiro porque os poucos estudos realizados sob essa perspectiva abordam casais homossexuais de forma geral,

dificultando a apreciação das particularidades de cada tipo de relação - gay ou lésbica. Segundo, com intuito de mostrar que não é necessária a figura de um homem para que haja uma dinâmica relacional baseada na dominância; contrariando uma corrente de pensamento popular que acredita que em um relacionamento “duas mulheres se entendem” ou ainda que “entre duas mulheres não há problemas”.

É importante ressaltar que não queremos dizer que, ao alcançar um lugar de prestígio, a mulher passe a ocupar uma posição de igualdade em relação aos homens; tampouco queremos mitigar a responsabilidade que a sociedade - marcadamente patriarcal - tem no processo de sujeição da mulher. Nos parece importante, ainda assim, evidenciar os problemas que o desbalanço de poder impõe aos relacionamentos entre pessoas LGBT. Tais questões são relevantes, pois trazem foco a dinâmicas importantes para a saúde e bem-estar desses indivíduos.

Os problemas no seio das relações LGBTs são invisibilizados, pois as próprias relações LGBTs também o são. Existe uma concepção de que elas não são duradouras e estáveis. A possibilidade de violência doméstica sequer chega a ser considerada (AVENA, 2010). No entanto, há uma diversidade de estudos que apontam para o caminho oposto. Os relacionamentos homoafetivos são passíveis de problemas interpessoais, e dentre eles, a violência e o abuso (CADWELL; PEPLAU, 1984; RENZETTI, 1988, 1992; SANTOS, 2015; OSÓRIO, SANI e SOEIRO, 2020).

As mulheres lésbicas têm identidades muitas vezes marcadas pela rejeição familiar. E podem caminhar num sentido de busca pela aceitação da família; ou a total rejeição de seus valores e frequentemente há uma priorização das paixões como forma de se opor a tais valores. Há, no entanto, quem prefira rejeitar uma identidade abertamente lésbica e ocultar suas práticas a fim de não se expor ao processo

dispendioso de luta em prol da aceitação social; ou ainda, por não haver identificação com os símbolos e valores lésbicos (ALMEIDA; HEILBORN, 2008). Dentro das relações homoafetivas, essas identidades podem se desenvolver em padrões hierárquicos de papéis sexuais. De acordo com Green (2000), há uma tendência de que esses pares se organizem pela díade ativo/passivo. Modelo vem sendo amplamente contestado pela comunidade lésbica, embora seja ainda bastante prevalente.

Há relatos, por exemplo, de mulheres que se sentem percebidas como “mulherzinhas” ou “dignas de pena” quando se relacionam com mulheres que se identificam com o papel ativo (ALMEIDA; HEILBORN, 2008). A literatura constata a existência de uma disparidade de poderes entre uma parceira e outra. Além disso, a sensação de satisfação no relacionamento entre mulheres lésbicas está relacionada à percepção de que há equidade de poderes (CADWELL; PEPLAU, 1984; PEPLAU; PADESKY; HAMILTON, 1982). Quando associada a outros fatores, a disparidade de poderes pode evoluir para situações de abuso e violência. Constata-se que as mulheres perpetradoras de violência em um relacionamento lésbico geralmente têm *mais poderes na tomada de decisões* do que suas parceiras (EATON et al., 2008; RENZETTI, 1992)

Pretendemos demonstrar como as dinâmicas de poder e dominância que descrevemos se expressam no relacionamento das duas personagens principais do filme Flores Raras (2013). O objetivo é analisar a relação entre posição social, possibilidade de realização profissional e poder. E a situação retratada no filme é particularmente propícia para tratar dessa temática, pois nos três atos da trama, há mudanças no balanço de poder entre as personagens. Mudanças que são contingentes a esses fatores mais externos.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	Flores Raras
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Biografia, Drama, Romance
Ano	2013
Local de lançamento e Idioma original	Brasil. Inglês e Português
Duração	1h58 min
Direção	Bruno Barreto

Flores Raras é um filme baseado na vida de Elizabeth Bishop (1911 - 1979), uma das mais importantes poetisas do século passado. Dentre outros prêmios, ela foi ganhadora do Pulitzer em 1956. A trama se concentra na relação amorosa entre Elizabeth e a arquiteta Maria Carlota Costallat de Macedo Soares (1910 - 1967), também chamada de Lota; personagem com uma personalidade controladora, galanteadora e decidida. Ela é dona da fazenda, que é o cenário mais frequente do filme, e decide como as coisas vão acontecer naquele espaço.

No início da trama, Lota é o par romântico de Mary, com quem nutria um relacionamento sólido de muitos anos. Elizabeth, que foi amiga de faculdade de Mary, entra na vida das duas ao fazer uma viagem para o Brasil e se hospedar na fazenda do casal. De início, Lota implica com diversos aspectos da personalidade de Elizabeth, mas, com o tempo, o descontentamento vai dando lugar a um interesse amoroso.

À medida em que se solidifica, o envolvimento entre Lota e Elizabeth vai sendo percebido por Mary e a situação vem à tona num episódio em que Lota leva a poetisa para uma colina onde inicia abertas investidas românticas sobre Elizabeth. Ao retornarem, Mary espera por elas e tem início

a cena que desemboca no término da relação. Nesse momento de término, Lota não demonstra a mínima sensibilidade com o sofrimento de sua antiga companheira, que chora, se sente traída e abandonada. Para Lota, é como se nada tivesse terminado, quer ficar com Elizabeth, mas sem nunca se desfazer de Mary. Sua resposta para o sofrimento dela é a promessa de um filho, a promessa da formação de uma família. Mary vai embora. E Lota inicia um relacionamento com Elizabeth, lançando mão de todos seus atributos galanteadores.

Contudo, a arquiteta não considerou em seu projeto, que seus constantes incentivos para que Elizabeth se sentisse segura com suas produções literárias fez com que ela fosse conquistando cada vez mais prestígio social e alcançando lugares que lhe renderam um convite para dar aula numa universidade em outro país. A resposta de Lota para Elizabeth foi a de que ela não poderia ir, mas ainda assim, ela opta por aceitar o convite; o que promove uma virada significativa no modelo de relação que Lota, aparentemente, estava acostumada a construir. Naquele momento, ela não tinha mais poder nenhum sobre o comportamento de sua parceira que deixou o país mesmo contra a sua vontade. Lota adocece por saudades de Elizabeth e, quando depois de muito tempo, pôde revê-la, descobre que ela está se envolvendo com outra pessoa e que não é mais desejada. Sendo assim, finda tragicamente sua própria vida.

Análise Crítica

*The art of losing isn't hard to master;
so many things seem filled with the intent
to be lost that their loss is no disaster,
Lose something every day. Accept the fluster
of lost door keys, the hour badly spent.
The art of losing isn't hard to master.*

[...]
*I lost two cities, lovely ones. And, vaster,
some realms I owned, two rivers, a continent.
I miss them, but it wasn't a disaster.*

— *Even losing you (the joking voice, a gesture
I love) I shan't have lied. It's evident
the art of losing's not too hard to master
though it may look like (Write it!) like disaster.*
(BISHOP, 2021)¹

O relacionamento de Lota com Elizabeth é marcado por uma grande mudança na dinâmica da relação e também nos papéis sociais que ambas desempenhavam. Elizabeth era uma pessoa tímida e insegura em relação a si mesma e seu trabalho. Apresentando, inclusive, problemas com consumo excessivo de álcool. Já Lota é bem-sucedida, imponente e aparenta ter um ótimo controle dos aspectos que orbitam sua vida. As personagens aparentemente reproduzem o que se considera no senso comum como papéis de gênero; “feminino” e “masculino”, respectivamente (GREEN, 2000; ALMEIDA e HEILBORN, 2008).

Contudo, com o desenrolar da trama, Elizabeth vai alcançando um lugar social de prestígio - sendo reconhecida por autores renomados da literatura mundial - enquanto Lota enfrenta dificuldades em função de um projeto malsucedido.

¹ Tradução livre dos autores: A arte da perda não é difícil de dominar; / tantas coisas parecem cheias da intenção / de se perder, que sua perda não é nenhum desastre, / Perca algo todos os dias. Aceite a perturbação / de uma chave perdida, a hora má aproveitada. / A arte de perder não é difícil de dominar. / [...] / Eu perdi duas cidades, amadas. E, mais vasto, / alguns reinos eu tive, dois rios, um continente. / Eu sinto falta deles, mas não foi um desastre. / — Mesmo perdendo você (a voz brincando, o gesto / que amo) Eu não deveria ter mentido. É evidente / a arte da perda não é difícil de dominar / mesmo que pareça como (Escreva!) como desastre.

A personagem interpretada por Glória Pires tem sua personalidade marcada pela profissão que exerce. Numa de suas conversas com Elizabeth, quando apresenta o projeto do estúdio que irá construir para ela, Lota diz ter nascido arquiteta, o que demonstra a identificação da personagem com os atributos relacionados a sua profissão, pois não existiu - segundo sua fala - um momento em que Lota fosse Lota sem ser arquiteta. Por definição, o arquiteto é o profissional responsável pelo projeto, supervisão e execução das obras e a personagem parece exercer este mesmo nível de controle em outras dimensões da sua vida; cuidando sempre para que a realidade se organize segundo seus interesses.

A dinâmica entre trabalho e poder/controlado traz o público e o privado como dimensões que atravessam papéis sociais de gênero e estruturam relações. Aos homens cabe produzir e pensar; às mulheres, reproduzir e sentir, construindo relações de poder pelo desbalanço da posse de recursos (já que as primeiras características são valorizadas em detrimento das segundas). Contudo, ao não encarmos tais posições fundamentadas no registro biológico, podemos perceber o quanto Lota se encaixa nas características tradicionalmente associadas ao masculino. Ela é quem produz, comanda, pensa logicamente, possui força econômica etc. (MONTEIRO, 2015; TROTMAN, 2017).

Sua relação com Elizabeth inicia-se de forma pouco amistosa. Numa das primeiras cenas na fazenda de Lota, Samambaia, a arquiteta conduz Elizabeth no interior de um dos aposentos enquanto fala, orgulhosamente, da estrutura do local que foi todo pensado por ela. A poetisa, por sua vez, não aparente estar entusiasmada com a situação, deixando Lota desgostosa pelo fato da garota estar mais interessada em saber sobre o bichano que surgiu no local, do que sobre a grande obra arquitetônica da esposa de sua Anfitriã. Na cena, podemos perceber mais

um aspecto da relação de ambas com o trabalho, pois Elizabeth, pressionada opinar sobre o que estava sendo apresentado, diz: “Tudo parece ter sido feito com muito trabalho”; enquanto Lota rebate, num tom áspero, dizendo “foi feito com muita diversão”. A arquitetura não é apenas algo que paga as despesas de Lota, mas uma atividade na qual ela se realiza e sente prazer em executar; ao contrário de Elizabeth. A situação gera insatisfações que vão além daquele momento, sendo a americana descrita posteriormente como “blasé”, “arrogante” e “defensiva”.

A realização profissional - e a falta dela - protagoniza um importante momento de embate entre ambas, no qual Lota vai tirar satisfações com Elizabeth em seu quarto por não ter finalizado a declamação de seu próprio poema a pedido de um amigo de Lota. Na cena, Lota chama-a de “imperiosa” e “indiferente” e diz que a poetisa havia sido rude. Elizabeth pede desculpas e diz que nem todos podiam ser tão orgulhosos do próprio trabalho quanto Lota era. Tal frase é emblemática no contexto da trama, pois evidencia a relevância - e assimetria - da maneira que cada uma encara sua atividade profissional. Ao fazer essa fala, Elizabeth ressalta que acha tal característica admirável, pois sente-se mortificada quando escuta um de seus poemas.

A relação com a própria atividade profissional é marcante na relação de Lota com Elizabeth. Em ambas as cenas descritas, fica nítido o contraste entre a confiança, satisfação e orgulho da primeira contra o medo, insegurança e apatia da segunda, sendo o elemento dissonante, a relação que cada uma nutre com seu trabalho. Vemos assim, o que Monteiro (2015) defende a respeito da importância do desenvolvimento profissional para construção de autoestima e segurança pessoal, o que fica mais evidente quando Elizabeth ganha notoriedade e passa a tomar as próprias decisões.

A cena termina com um clima afetuoso entre elas, o que culmina num beijo de Lota nos lábios de Elizabeth. Após esse episódio, os momentos de afeto velado vão ficando cada vez mais frequentes, o que não passa despercebido por Mary, companheira de Lota. Não demora muito para que a Lota rompa com Mary e estabeleça um relacionamento com Elizabeth. Lidando com esse rompimento como se fosse uma simples questão de realocar objetos em um cenário. Trotman (2017) resume a definição de poder para a psicologia social como a influência unilateral de uma pessoa sobre o comportamento de outra, por meio do controle de recursos e consequências. Para Renzetti (1992), em complemento, a desigualdade de poderes é um dos fatores que contribui para o abuso nas relações lésbicas; sendo um dos seus componentes, a diferença de *status*. Tal situação ressalta o papel dirigente e centralizador que a personagem Lota desempenha na relação, uma vez que detém a maior parte do poder. Os sentimentos de Mary não são considerados e a questão parece se resumir a adoção de um filho que propiciaria “a família que Mary sempre quis”.

Assim, Lota consegue que o cenário se arranje conforme lhe é mais conveniente, tendo as duas ‘parceiras’ habitando o mesmo território, só que agora é Elizabeth o principal “projeto” da arquiteta. As investidas amorosas e os “mimos” são todos direcionados a ela; além disso, Lota não mede esforços para incentivar o crescimento profissional da sua nova parceira, construindo para ela um estúdio “com a vista mais bonita do lugar”. Aliás, esta é outra característica fundamental da personagem: Ser provedora. Ou seja, é na personagem de Lota que se concentram os recursos, através dos quais o poder pode ser exercido, como aponta Trotman (2017). É importante ressaltar, que não basta possuir maior quantidade de

recursos, mas controlá-los; mesmo quando são provenientes da outra pessoa.

No entanto, tais atitudes de afeto e cuidado também carregam uma dinâmica de controle que é muito bem ilustrada pela cena em que a posição dos móveis - no referido estúdio - está sendo decidida. Elizabeth diz que prefere que sua mesa fique na posição x, ao passo que Lota rebate imediatamente explicando os motivos que seria mais sensato que a mesa ficasse na posição y. Tal situação reflete muito bem a personalidade de Lota que sempre se coloca de forma firme e decidida, quase como se não houvesse espaço para outras possibilidades; como se ela desse a palavra final. A impossibilidade de negociação é mais um dos indícios de desequilíbrio de poderes na relação (TROTMAN, 2017; EATON *et al.*, 2008). Contudo, o desfecho da cena é interessante à medida que mostra ao espectador que Elizabeth não é tão submissa quanto aparenta ser, pois assim que sua companheira sai do cômodo, ela coloca a mesa no lugar que lhe parece mais apropriado.

Elizabeth floresce ao longo do seu relacionamento com Lota. Certamente sua presença na vida da poetisa foi bastante significativa para que esta se sentisse segura para ocupar o espaço que seu trabalho lhe garantia. Ela passa a ser reconhecida cada vez mais pelos seus poemas, conquistando grande prestígio e reconhecimento social. Seu trabalho é elogiado por Aldous Huxley, o importante escritor inglês, além de ganhar o Prêmio Pulitzer que é outorgado a pessoas que realizam trabalhos de excelência na área de literatura, jornalismo e composição musical. O grande ponto de virada ocorre quando Elizabeth recebe um convite para dar aulas - por seis meses - em sua terra natal. Lota nega a possibilidade de imediato e diz que precisa dela na fazenda. O assunto retorna, mas dessa vez a decisão já estava tomada. O convite já estava aceito e Lota percebe

que não tem mais controle sobre sua companheira; agora Elizabeth possui seus próprios projetos.

Testemunhado por uma lua cheia magnífica, à frente de uma igreja barroca na cidade mineira de Ouro Preto, o relacionamento de Elizabeth e Lota passa por uma ruptura da qual nunca mais vai se recuperar. Todo o caminho que o filme percorre, desde o início do segundo ato, é uma preparação para esse momento de ruptura. É o momento em que a balança de poder se vira para o lado de Elizabeth. Encurralada, Lota lista todas as coisas que fez por Elizabeth, tudo o que lhe deu, tudo o que lhe proporcionou; como um agiota que cobra sua dívida. Ela é violenta e ataca a companheira com palavras. Destaca-se o chamá-la de fraca e dizer que não seria capaz de obter sucesso como professora porque não conseguiria ficar sóbria. Para Lota, a vida de Elizabeth só pode funcionar sobre o alicerce que ela fundou.

Mas agora Elizabeth não precisa mais desse alicerce, ela pode ser independente e aspira se realizar profissionalmente. Elizabeth não encerra o relacionamento, mas Lota, aparentemente, não consegue viver em um relacionamento que não está sob seu controle. A ruptura é, no entanto, desacreditada pela arquiteta. Para ela, Elizabeth voltaria. Não volta porém, e cada dia que passa é um dia em que Lota se vê mais obrigada a confrontar essa realidade. Até que chega ao ponto de colapso. Adoece e precisa ser internada em um hospital psiquiátrico.

Não só da partida de Elizabeth se alimentou a convalescença de Lota. Mas também de sua própria perda de poder e possibilidade de realização profissional. O projeto arquitetônico pelo qual era responsável - o atual Parque Flamengo, diga-se de passagem, o maior aterro urbano do mundo - não estava indo bem. Por outro lado, Mary, sua antiga companheira, nunca realmente partiu. Continuou a morar na Fazenda Samambaia mesmo após o término. E

quando Lota estava doente, cuidou dela. Porém, nunca enviou as cartas e presentes que Lota remetia a Elizabeth.

Anos depois, Lota pede permissão e parte em uma viagem em visita a Elizabeth. Na ocasião, já havia se recuperado. Aparentemente, nunca morreu em si o desejo de que um dia reatasse a relação. Foi rejeitada, no entanto, quando investiu contra Elizabeth. A gota d'água. No dia seguinte, Elizabeth a encontra morta no sofá. Quando todas as possibilidades de controle e realização se esgotaram, quando percebeu que não mais podia ser a arquiteta dessa relação. Lota decidiu que não queria mais ser nada.

Como foi possível que Elizabeth alcançasse uma posição de escolha e de tomada de decisão a despeito da relação com Lota? Durante todo o tempo, a arquiteta proveu. Lhe deu instrumentos e um local de trabalho, um teto, a apresentou para as personalidades da região. Mas havia um preço. Elizabeth precisava orbitá-la. Sair de perto dela, era ofender e ser ingrata a tudo que lhe proporcionou. Elizabeth ganha um Pulitzer, passa a ser reconhecida internacionalmente. Logo percebemos o incômodo de Lota com essa nova situação, pois o tempo de Elizabeth é cada vez menos seu.

Percebemos, dessa forma, uma situação que se inverte. Lota progressivamente perde sua dominância sobre a parceira, pois esta alcança meios de se realizar profissional e socialmente. A nova Elizabeth vai se tornando cada vez mais incompatível ao modelo de relacionamento que Lota pretende manter. No fim da trama, Lota está na mesma posição em que colocou Mary logo no início do filme: agora ela é quem está sendo rejeitada; trocada por outra pessoa.

Nota-se que para ambas as personagens, há um ponto em que o desequilíbrio de poderes é tamanho, que a relação se torna inviável. Embora os efeitos sejam sentidos de maneira diferente por cada uma, devido a suas

idiosincrasias. Nesse ponto, fica evidente o quanto a equidade de poderes é primordial para o prosseguimento da relação (CADWELL; PEPLAU, 1984; PEPLAU; PADESKY; HAMILTON, 1982). Outro ponto levantado pela literatura é o fato de que “poder” é um conceito multideterminado (RENZETTI, 1992; TROTMAN, 2017). Lota o exerce pela posse de recursos financeiros e capital social; Elizabeth só pode exercê-lo quando alcança determinado nível de prestígio social, que lhe permite ser reconhecida por sua obra e, por consequência, receber ofertas de trabalho.

Considerações Finais

As discussões sobre formas de relacionamento que acabam se tornando nocivas para o casal é um assunto que vem ganhando expressiva notoriedade. Termos como “relacionamento abusivo” e “relacionamento tóxico” já fazem parte do vocabulário de um grande número de pessoas que seguem o movimento de colocar em questão o espaço privado e a organização conjugal. Nessa perspectiva, e levando em consideração a disparidade de poder entre homens e mulheres, é comum que o lugar do “abusador” ou da pessoa “tóxica” acabe recaindo exclusivamente sobre o homem, haja visto às vantagens sociais das quais ele dispõe. Contudo, é fundamental que compreendamos, e o filme ilustra bem esse cenário, que não é necessário a presença de um homem para que haja um exercício de poder que subjuga uma das partes do casal.

Casais homossexuais são formados à revelia de uma série de valores que questionam sua legitimidade, logo, é compreensível que, na luta para conquistar apoio e se fortalecer contra as vozes que buscam silenciá-los, um escudo seja levantado. No entanto, essa dinâmica - absolutamente compreensível - gera duas dificuldades que

comprometem o manejo da violência no interior dessas relações: Primeiro, que a própria questão do preconceito vivenciado diariamente, faz com que qualquer outra demanda seja secundarizada, pois estes indivíduos precisam se defender, antes, da violência que vem do mundo; o segundo ponto é que, na tentativa de fortalecer a própria identidade (homossexual) e garantir seu direito a existência, acaba-se construindo uma idealização de que relações homossexuais são mais saudáveis e felizes. Assim, falar sobre episódios de violência poderia comprometer essa imagem e, de certa forma, dar munição ao inimigo.

Deste modo, é comum que episódio de violência entre parceiros do mesmo sexo não seja notificada, o que dificulta o entendimento desse fenômeno. No entanto, pesquisadores vêm abordando essa temática, nos permitindo pensar a violência para além de posições biologicamente determinadas, e assim, encontrar outros caminhos que contribuam para a formação de relações de dominância; no nosso caso, encontramos uma conexão entre o prestígio social e a posição de dominância, mas outras possibilidades podem - e certamente estão - envolvidas nessa construção.

Referências

ALMEIDA, G.; HEILBORN, M. L Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**, v. 9, n. 1, p.225-249, jul. 2008.

ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. da S. As trajetórias e Lutas dos Movimentos Feministas no Brasil e o Protagonismo Social das Mulheres. In: **Seminário Cetros: Neodesenvolvimento, Trabalho e Questão Social IV (Anais)**. Fortaleza: UECE, p. 113-121, 2013.

AVENA, D. T. A violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, n. 7, p. 99-112, 2010.

BISHOP, E. **One Art. Poetry Foundation**, 2021. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/poems/47536/one-art>>. Acesso em: 11 de abr. de 2021.

CALDWELL, M. A.; PEPLAU, L. A. The balance of power in lesbian relationships. **Sex Roles**, v. 10, n. 7-8, p. 587-599, 1984.

EATON, L. et al. Examining factors co-existing with interpersonal violence in lesbian relationships. **Journal of Family Violence**, v. 23, n. 8, p. 697-705, jul. 2008.

GREEN, J. N. Mais amor e mais tesão: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, n. 15, p. 271-296, 2000.

MONTEIRO, H. M. D. R. **Mulher, trabalho e identidade: relatos de mulheres em cargos de poder e prestígio sobre suas trajetórias profissionais**. Dissertação (mestrado em psicologia) - UNIVERSIDADE Federal de Pernambuco. Recife: O autor, 2015.

OSÓRIO, L.; SANI, A.; SOEIRO, C. Violência na intimidade nos relacionamentos homossexuais gays e lésbicos. **Psicologia & Sociedade[online]**, v. 32, mai. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32i170358>>. Acesso em: 11 de abr. de 2021.

PEPLAU, L. A.; PADESKY, C.; HAMILTON, M. Satisfaction in lesbian relationships. **Journal of homosexuality**, v. 8, n. 2, p. 23-35, 1982.

RENZETTI, C. M. Violence in lesbian relationships: A preliminary analysis of causal factors. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 3, n. 4, p. 381-399, dez. 1988.

RENZETTI, C. M. Correlates of Abuse I: Dependency, Jealousy, and the Balance of Power. In: RENZETTI, C. M. **Violent betrayal: Partner abuse in lesbian relationships**. Newbury Park: Sage Publications, p. 27-58, 1992.

SANTOS, A. M. R. dos. **Violência nos relacionamentos íntimos entre indivíduos do mesmo sexo: prevalência, contextos e significações.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Jurídica) - Universidade Fernando Pessoa. Porto. 2015.

TÍLIO, R. de. Teorias de Gênero: Principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero**, Niterói, v. 14, n.2, p.125-148, 2014.

TROTMAN, A. D. **Relationship and Power Dynamics in Women's Same Sex Abusive Couples.** Dissertação (Mestrado) - University of Rhode Island. Kingston. 2017.

Capítulo 9

A VERDADE NUA E CRUA: ANÁLISE SOBRE ESTRATÉGIAS SEXUAIS E MACHISMO

Gabriel Ribeiro Cabral
Gabrielli Aparecida da Silva
Sandro Caramaschi

Introdução

A ideia de que a escolha de um parceiro (a) está única e exclusivamente baseada em um ato individual ou deliberativo é muito comum no imaginário social, no qual a pessoa escolhe alguém de sua preferência para se relacionar e manter contato afetivo. Quase como um desenlace mágico, muitas histórias são contadas desde a infância e nas mais variadas mídias, de maneira a descrever os encontros amorosos como um momento de sorte e fantasia. Nosso objetivo aqui não é negar as idiossincrasias que existem nos relacionamentos humanos, longe disso, as explicações apaixonadas e ficcionais apenas apontam para a imensa complexidade do comportamento humano em atribuir sentido à sua existência.

Mas, para além dessas explicações, será que existem outras formas de enxergar o que está por trás das estratégias sexuais entre as pessoas? O que se leva em conta na escolha de um(a) parceiro(a)? Para responder de forma introdutória a essas questões, o presente capítulo utilizará a perspectiva teórica da Psicologia Evolucionista e como análise crítica utilizará o filme “A verdade nua e crua” para tecer comentários sobre as estratégias sexuais, flerte, machismo e males entendidos sobre a Psicologia Evolucionista.

De forma preliminar, a “Psicologia Evolucionista” - expressão utilizada a partir da década de 60 aproximadamente - apresenta um surgimento relativamente recente dentro da Psicologia, dado que é oriunda da revolução cognitiva (das décadas de 50 e 60) e da Biologia Evolucionista (das décadas de 60 e 70) (POLLIPO; FERREIRA; WAGNER, 2016). No entanto, o uso da teoria da seleção natural para compreender o comportamento não é nova, com origens no próprio Charles Darwin com o livro “*A expressão das emoções nos homens e nos animais*” (1872/2009) e posteriormente com novas e variadas interações psicobiológicas, como os trabalhos de William James, da Etologia Clássica, da Sociobiologia e das mais recentes formas de estudo como a Ecologia Comportamental, a coevolução gene-cultura e a própria Psicologia Evolucionista, que se difundiu a partir do livro *Mente Adaptada* de Leda Cosmides, John Tooby e Jerome Barkow em 1992 (ADES, 2009; POLLIPO, et al. 2016; YAMAMOTO, 2018).

A Psicologia Evolucionista apresenta alguns conceitos chave para sua compreensão, como os *mecanismos mentais evoluídos* que são adaptações subjacentes ao comportamento humano, a título de exemplo podemos citar as diferenças existentes entre homens e mulheres nas estratégias sexuais, no qual discutiremos mais adiante neste capítulo. Outro componente essencial é o *ambiente de adaptação evolutiva* (AAE) que se constitui como um conjunto de pressões seletivas do passado evolutivo humano durante o qual nossos ancestrais sobreviveram. A existência deste segundo conceito traz como consequência as questões relativas ao descompasso temporal entre alguns mecanismos psicológicos evoluídos e o nosso ambiente atual (YAMAMOTO, 2018).

Deve-se ressaltar que essa área de conhecimento se revela como uma disciplina extremamente transversal, abarcando diversas áreas de conhecimento. Para se averiguar empiricamente a existência de uma adaptação psicológica é almejado um robusto conjunto de evidências: *causas distais ou últimas* como a filogênese (relacionada a história da espécie e o valor adaptativo do comportamento estudado), até as *causas proximais*, isto é, relacionado a ontogênese (história de vida do organismo) e mecanismos fisiológicos envolvidos no processamento de um estímulo pelo sistema nervoso (IZAR, 2018; SCHMITT; PILCHER, 2004).

Para tornar as coisas mais palatáveis, será utilizado o exemplo de Varella (2018) do porquê muitas pessoas gostam de brigadeiros. Nesse caso, podemos entender o gosto por esse doce brasileiro a partir de razões fisiológicas (papilas gustativas), como neurológicas (sistema límbico), psicológicas (condicionamento operante, sentimento de prazer), ontogenéticas (consumo desde a infância e presença do doce em aniversários), socioculturais (doce brasileiro criado no século XX), adaptativas (elevado valor calórico, sobrevivência) e filogenéticas (primatas onívoros).

Portanto, observa-se que as explicações são complementares e não objetivam reduzir o fenômeno a causas imutáveis. Ressalta-se esse ponto pois existem muitos mal-entendidos sobre como os componentes psicobiológicos integram-se a explicações mais ampliadas dos comportamentos humanos (VARELLA, 2018).

Sob este ângulo, pode-se dizer que a teoria das estratégias sexuais se enquadra nessa perspectiva. Essas estratégias podem ser definidas como um conjunto integrado de adaptações que organizam e orientam os esforços reprodutivos de um indivíduo. Suas influências estão relacionadas a como as pessoas selecionam parceiros e o quanto de esforço e investimento parental se despende em

táticas específicas, que não são, necessariamente, conscientes (BUSS; SCHMITT, 1993; GANGESTAD; SIMPSON, 2000).

Como salienta Valentova e Veloso (2018) cada estratégia sexual evoluiu para resolver um problema adaptativo específico, e isso acarreta em influências na maneira como os indivíduos identificam e fazem suas escolhas de um(a) possível parceiro(a) com boas qualidades, quanta energia é gasta na procura por alguém, além da competição intrasexual (ou seja, entre rivais). Todas essas estratégias são efetuadas por mecanismos psicológicos evoluídos que se desenvolveram em grande medida a partir de nosso ambiente ancestral de evolução (AAE) durante o pleistoceno (época geológico) e afetam nossas preferências por parceiros, nosso desejo sexual e mesmos sentimentos de amor e ciúmes (VALENTOVA; VELOSO, 2018; YAMAMOTO, 2018)

As estratégias sexuais são divididas de acordo com a maneira que um indivíduo aloca seus esforços (tempo, dinheiro, energia e atenção) na área da sexualidade e reprodução. Por exemplo, o indivíduo pode alocar mais recursos (escolher, flertar, cortejar) em novos parceiros sexuais; são as chamadas estratégias de curto prazo. Todavia, também pode ter como objetivo manter e proteger seu relacionamento atual existente, com a possibilidade de investimento parental; essas são as chamadas estratégias de longo prazo. Nesse ínterim, o que essa abordagem multifocal nos mostra, é a existência de padrões de preferências sexuais e românticas universais (ou seja, avaliando-se diferentes culturas) nos comportamentos sexuais e reprodutivos humanos, nos quais homens e mulheres apresentam respostas (em média) diferentes quando comparados entre si em termos de suas estratégias sexuais (LOPES, *et al.* 2018; VALENTOVA; VELOSO, 2018).

Podemos ressaltar, como exemplo, a autopromoção de características positivas sobre si como uma estratégia tipicamente feminina de competição intrasexual, em que mulheres buscam evidenciar seus aspectos positivos por meio de comportamentos verbais e não verbais, como o uso de maquiagem para ressaltar sua atratividade; e a manipulação interssexual como estratégia tipicamente masculina, na qual homens tendem a se autopromover e depreciar outros homens para diminuir o interesse de sua parceira em um possível competidor (LOPES, et al. 2018).

Além disso, a preferência por determinado parceiro leva em conta aspectos relacionados à atratividade, isto é, características físicas (como simetria corporal e aspectos que sinalizem saúde), mentais e comportamentais que permitem uma melhor avaliação do sujeito por um(a) determinado(a) parceiro(a). Algumas preferências típicas masculinas são a atratividade física e acesso a uma parceira sexualmente receptiva, já as preferências femininas, levam mais em conta o monopólio de recursos ou a habilidade do parceiro em garantir proteção e recursos, quando comparado a outros homens (BUSS; SCHMITT, 1993; LOPES, et al. 2018).

Isso se deve porque tanto as estratégias sexuais quanto a seleção de parceiros são consequências da teoria do investimento parental, que se define como “qualquer investimento dos pais em um descendente que aumente as chances de sobrevivência deste, ao custo da habilidade parental de investir em outro descendente” (TRIVERS, 1972, p.139). Nesse sentido, apesar de homens e mulheres apresentarem muitos esforços parentais direcionados a sua prole (quando comparado a outros primatas), existe uma assimetria de investimento, na qual as mulheres investem mais do que homens. Isso proporcionou uma maior seletividade na escolha por parceiros no comportamento sexual feminino, dado que, levando-se em conta o

ambiente ancestral de adaptabilidade no qual os recursos (abrigo, alimentação, etc.) eram escassos e havia intensa preocupação com um ambiente hostil e perigoso, a participação dos homens era imprescindível.

Esse tipo de explicação pode soar ao leitor como uma tentativa “simplista” de compreensão da sexualidade, e de fato o é, pois neste capítulo apenas objetivamos introduzir a literatura evolucionista num cenário mais amplo. Contudo, a exemplo do brigadeiro, um grande conjunto de variáveis podem ser usadas para compor uma maior descrição do fenômeno.

A partir desse âmbito, deve-se tomar cuidado para não serem criados equívocos sobre essa abordagem. Varella (2018) esclarece que quando se discute sexualidade e reprodução sob a luz da psicologia evolucionista é preciso compreender melhor alguns pontos para se evitar alguns enganos, a seguir:

(1) *determinismo genético*: genes não são determinantes únicos e totais, seu funcionamento e expressão está diretamente relacionado aos estímulos ambientais que interagem com o organismo. Atribuir um papel de protagonismo aos genes (mesmo quando se discute os mecanismos mentais evoluídos) é tão errado quanto o contrário, isto é, dar importância apenas ao ambiente.

(2) *falácia naturalista*: é a falsa crença de que abordar um possível valor adaptativo de um infanticídio, violência doméstica, religiosidade ou amor seria equivalente a legitimá-lo ou justificá-lo. Ou seja, não é porque existe um componente filogenético que se deve recomendar um comportamento como moralmente adequado. A abordagem evolucionista ajuda a explicar o contexto e a probabilidade de ocorrência desses comportamentos. E dessa forma, podendo contribuir para sua prevenção caso necessário.

(3) “*se é genético, não sou responsável*”: qualquer discussão a respeito de determinações probabilísticas sobre o comportamento levanta questões sobre liberdade e responsabilidade, mas deve-se tomar cuidado pois, como acrescenta Varella (2018, p.159) “explicar não é justificar e entender não é perdoar, propensões mentais, genes ou neurônios não são desculpa para nenhum ato danoso por menos premeditados que sejam”.

(4) *racismo e sexismo* ou qualquer outro tipo de discriminação social é moralmente errada, e nenhum tipo de descoberta científica tem o poder de justificá-la. Pelo contrário, abordagens transversais como a psicologia evolucionista podem contribuir para o debate da igualdade de direitos e políticas públicas inclusivas na medida em que contribuem para explicar possíveis origens e o valor adaptativo de um determinado comportamento.

A partir disso, compreende-se que não há uma negação de que existem relações sociais prejudiciais para um dos elos pertencentes. Como dito, uma falácia a respeito da psicologia evolucionista é que esta justificaria sexismo, e conseqüentemente, o machismo. De acordo com Pimentel Drumont (1980) o machismo é um sistema de representação-dominância no qual o homem seria hierarquicamente superior às mulheres, havendo então um polo dominante e um polo dominado, representado por situações de objeto. Face a isso, as descobertas de diferenças evolutivas entre homens e mulheres não podem ser utilizadas para perpetuar opressão e desigualdade entre os seres humanos.

Nesse contexto, o presente capítulo visa dar destaque a um aspecto muitas vezes negligenciado de discussões sobre sexualidade (componentes psicobiológicos), integrando-os a um quadro mais amplo, sem se abster, no entanto, de uma discussão necessária e profundamente

atual, isto é, o machismo e suas formas de reprodução em mídias. Com isso em mente, objetivamos usar um filme hollywoodiano para discutir questões sobre psicologia evolucionista, machismo e os males entendidos decorrentes de interpretações rasas sobre esta abordagem.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>The Ugly Truth</i>
Nome Traduzido	A verdade nua e crua
Gênero	Comédia Romântica
Ano	2009
Local de lançamento e Idioma original	EUA/inglês
Duração	1h36min
Direção	Robert Luketic

O filme *A verdade nua e crua* retrata a história de Abby Richter, produtora de um canal de televisão na cidade de Sacramento, Estados Unidos. Com a pressão dos superiores do programa em aumentar a audiência deste, Mike Chadway é contratado para realizar comentários sobre relacionamentos entre homens e mulheres no programa em que Abby comanda. Mike é conhecido por apresentar um programa denominado “A verdade nua e crua” no qual tece opiniões sobre relacionamentos amorosos, flertes e sexualidade em geral, dizendo o que pensa sem receio de represálias. A partir de comportamentos e opiniões de Mike considerados inadequados pela personagem principal, ambos estabelecem uma relação de conflito e divergências.

Quando Abby sente-se atraída pelo seu vizinho e deseja marcar um encontro com este, Mike lhe propõe um trato: ele lhe oferecerá dicas de flerte para conquistar Colin,

se Abby fizer tudo o que ele disser e assim conseguir um relacionamento com o vizinho, ela parará de implicar com os comentários de Mike durante e fora do programa. Caso contrário, se Abby não conseguir conquistar o pretendente com as regras estabelecidas por Mike, este se demitirá e Abby não precisará mais se incomodar com ele. Sendo Mike famoso pelos conselhos amorosos e sugestões a respeito, Abby aceita a sua ajuda e o combinado.

Análise Crítica

A temática central do filme em questão gira em torno da sexualidade e os diferentes comportamentos adotados por homens e mulheres na busca por um relacionamento amoroso e sexual. Neste sentido, Abby com o auxílio de Mike busca estabelecer um relacionamento amoroso com Colin através de diversas estratégias de flerte. Como explorado anteriormente, no que diz respeito a união sexual e afetivo-amorosa entre os seres humanos, entende-se que sua perpetuação, duração e meios de a consolidar são aspectos influenciados por questões culturais e econômicas, mas também encontram fundamentos biológicos no comportamento humano na perspectiva evolucionista (SOUSA; HATTORI, 2018).

Logo no início do filme há uma cena muito elucidativa destas bases biológicas do comportamento humano que permeiam as relações sexuais humanas. Assim, Abby interessada em constituir um relacionamento marca um jantar com um parceiro em potencial que conheceu pela internet. Vendo que Abby estava pensando em desmarcar o encontro, sua colega de trabalho lhe diz *“já remarcou com esse cara três vezes, se cancelar hoje, ele vai embora. Olhe essa estrutura óssea, vai ser a estrutura óssea dos seus futuros filhos. Não quer que sejam simétricos?”*. Ainda sobre este mesmo homem,

Abby afirma que ele possui nove dos dez atributos necessários em sua lista, realizando um *check-list* dos atributos que lhe interessam. No geral, a lista de recursos buscados pela personagem em um parceiro romântico envolve, em suas palavras, um homem esperto, bonito, bem-sucedido em um emprego que tem importância, gosta de vinho, piqueniques, música clássica, cachorros e gatos.

Tendo isso em vista, um estudo realizado com casais norte-americanos por Buss e Shackelford (2008) revela que mulheres heterossexuais com alto valor de atratividade para observadores expressam maiores preferências por homens com traços considerados pela literatura como de bons genes (por exemplo, atratividade física), bons indicadores de capacidade de investimento (recursos financeiros, graduação universitária) e indicadores de bons pais e bons parceiros (gostar de crianças e ser um parceiro amoroso e gentil). Embora de acordo com a Psicologia Evolucionista tais preocupações e preferências por companheiros mudem de acordo com o ambiente e contextos pessoais (BUSS; SHACKELFORD, 2008).

Abby e sua colega de trabalho demonstram padrões elevados para indicadores hipotéticos de bons genes, habilidades parentais, características como parceiro e capacidade de investimento. Desse modo, as personagens demonstram preocupações tais como com simetria e inteligência, e o principal interesse romântico de Abby (Colin) possui graduação universitária em medicina, é considerado bonito e gentil (auxiliou a Abby quando esta caiu de uma árvore). Cabe ressaltar que nas interações interpessoais tais características são julgadas de forma subliminar (MLODINOW, 2013) e automática, fornecendo uma avaliação intuitiva que surge na forma de atração, interesse e paixão.

Amélio (2001) em o Mapa do Amor analisa diferentes comportamentos de flerte, verbais e não-verbais, dentre os

quais podemos observar alguns destes comportamentos na interação entre os personagens do filme, principalmente mais adiante na trama cinematográfica, quando Mike passa a auxiliar Abby a flertar com seu pretendente a fim de conquistá-lo. Isto posto, há uma cena em que Abby liga para Colin para marcar um encontro e, como um conselho de Mike, desliga o telefone antes de encerrar a conversa. Posteriormente, Colin vai até a casa de Abby, procurando saber se estava tudo bem e o motivo por ela o ter deixado sozinho ao telefone.

Amélio (2001) relata como um importante comportamento de flerte a tomada de iniciativa de contato, tal como Abby liga para Colin e estabelece um contato direto, isto é, sem justificativas que não a própria demonstração de interesse explícito. O comportamento de Colin também se mostra como uma iniciativa de contato, e ao se deslocar até o lugar em que a personagem se encontrava, colabora com a afirmativa do autor de que quanto mais afazeres pessoais a pessoa deixa de realizar para ir até o pretendente, maior é a demonstração de consideração pela pessoa de interesse.

Ao discorrer sobre o comportamento de paquera denominado “não ter pressa de terminar um encontro”, Amélio (2001, p. 262) diz “quando uma pessoa conversa com alguém que a atrai, todos os outros compromissos parecem de menor importância”. Como exposto na literatura, no momento em que Abby liga para Colin o convidando para sair pela primeira vez, Mike lhe diz para fazê-lo esperar ao telefone, pois para o personagem se Colin esperar por mais de 30 segundos então Abby possui uma chance com ele, visto que “ninguém espera por algo que quer dispensar”. Indo além, este momento e dica de Mike possui fundamentação na estratégia sexual denominada quente/frio, caracterizada por alternância de

momentos de demonstração de evidente interesse com situações de aparente desinteresse. A perspectiva de perda do parceiro incrementa a motivação de investimento na relação (AMÉLIO, 2001).

Outro comportamento de flerte relatado por Amélio (2001) e presente no filme é o de mostrar afetação pela presença da outra pessoa, sendo expressado pelo conselho de Mike *“faça algo para mostrar um pouco de interesse”*. Seguindo este conselho, durante um dos encontros com Colin, Abby balança a cabeça e com isso tenta se mostrar atenta às falas do médico. Além disso, o autor de *O mapa do amor* também ressalta tentar agradar a outra pessoa e procurar criar similaridades com o interlocutor como estratégias de flerte e conquista.

De forma geral, os conselhos de Mike envolvem essa dimensão como, por exemplo, ao dizer para Abby *“não o critique e ria do que ele disser”*, incluindo a dica relacionada a demonstração de interesse. O riso e sorriso indicam satisfação e confiança no interlocutor, sendo reconhecido como um indicador não verbal intercultural de paquera, um recurso utilizado mais por mulheres do que homens (OTTA, 1994). Rir de piadas ditas por possíveis parceiros também se caracteriza como uma estratégia utilizada amplamente por mulheres (BRESSLER; MARTIN; BALSHINE, 2006).

Seguindo as instruções de Mike, Abby ao tentar agradar a Colin e efetivar a conquista, passa a ressaltar semelhanças que possui com o par romântico e a omitir divergências com este. Para tanto, a personagem principal passa a mudar a sua aparência (faz uso de apliques no cabelo para o alongar e compra roupas novas), não realiza mais pedidos em restaurante de água gratuita (visto que o comportamento de pedir água da torneira do restaurante era considerado estranho pelos homens que se relacionou até então), e por fim, finge gostar das comidas que Colin lhe

oferece (como caviar). Colin da mesma maneira busca agradar Abby, dando-lhe de presente buquê de flores e planejando levá-la para viajar ao Lago Tahoe, nos Estados Unidos. Logo, Abby passa a não apenas ressaltar semelhanças, mas passa a criá-las a fim de manter o interesse e sentimento de afinidade no parceiro por um maior período de tempo.

Efetivamente, grande parte dos estudos sobre relacionamento amoroso evidencia a importância da similaridade entre os parceiros, tais como faixa etária, classe social, escolaridade, valores e religião, do que as diferenças. A esse pressuposto atribui-se o nome de *princípio da homogamia* na seleção de parceiros (AMÉLIO, 2001). Evidentemente tal princípio não é o único fator responsável pela escolha nos relacionamentos, interagindo com experiências anteriores e fatores culturais.

Ao longo do filme, aos poucos o próprio Mike passa a demonstrar interesse em Abby. Isto é visível em uma cena na qual Abby recebe um buquê de flores de Colin em seu trabalho, e Mike (que estava flertando com uma mulher neste momento) ao ver a animação de Abby com o presente, ignora a mulher com a qual estava interagindo e vira o corpo para Abby, focando toda a sua atenção na colega de trabalho. Para Amélio (2001) o comportamento de prestar atenção na outra pessoa (mesmo que a distância, como é o caso desta cena) é também um sinal de demonstração de interesse, englobando comportamentos como de parar de prestar atenção aos outros acontecimentos ao redor, cessação de atividades e orientação do corpo e face na direção da pessoa de interesse.

Como ilustrado, Mike demonstra todos esses comportamentos ao esquecer-se da mulher que estava flertando para observar Abby. Ainda sobre o interesse de Mike, em determinado momento este diz a Abby acreditar

que Colin possui o pênis pequeno. Para reter um uma pessoa de interesse, homens podem partir de diversas estratégias para alcançar este objetivo, como por exemplo, emitir comportamentos de críticas a um rival para a (o) parceira (o) em potencial, a fim de que o competidor passe a ser visto de uma maneira menos atrativa, estratégia denominada depreciação do competidor (STARRATT; ALESIA, 2014). Tomando posse deste estratagema, Mike oferece julgamentos depreciativos sobre Colin para Abby, a fim de que evitar que ela se interesse ainda mais por ele.

Em se falando de relacionamentos amorosos, é comum que a pessoa de interesse seja idealizada (assim como Abby idealiza Colin) ao mesmo tempo em que também somos idealizados, ponderando-se subliminarmente características positivas e negativas num possível pretendente, o que muitas vezes se reflete em atitudes apaixonadas aparentemente inexplicáveis (AMÉLIO, 2001). Referente a isso, há uma cena no filme em que Mike e Abby se beijam e em seguida seguem ambos para os seus quartos individualmente. Entre esse meio tempo, Colin aparece para fazer uma surpresa para Abby, aparecendo sem avisar.

Mike decide após se separar de Abby finalmente se declarar para ela, porém ao bater na porta do quarto de Abby quem a abre é Colin sem camisa, fazendo com que Mike desista de seus planos de declaração. Sobre não ter insistido no relacionamento dos dois neste momento, Mike diz a Abby: *“Não foi pânico, foi eu não querer competir com a lista ambulante na sua cama”*. Sobre isso, Lopes et al. (2018) afirmam que tendo conhecimento de que em relacionamentos amorosos as pessoas escolhem e são escolhidas, as expectativas do parceiro em potencial passam a ser levadas em consideração, havendo uma comparação entre aquilo que a pessoa acredita que pode oferecer e a

idealização deste parceiro, a fim de avaliar se são condizentes. Ainda segundo esses autores, o próprio contexto da escolha influenciará nesta, inclusive quando há competidores interessados no parceiro, como é o caso de Mike.

Ao final do filme, Abby desiste de omitir suas diferenças e criar semelhanças com Colin, terminando seu vínculo com este e entrando em um relacionamento com Mike. Fica-se com o questionamento: “Por que Abby prefere Mike se Colin possuía, em suas palavras, 10 dos 10 atributos de sua lista? ”. A despeito de ser um filme hollywoodiano de comédia romântica com finais previsíveis como este, podem-se apresentar algumas hipóteses para a escolha da personagem a partir do exposto sobre as estratégias sexuais. Assim sendo, ao longo da história Abby e Mike passam muito tempo juntos, conversando sobre sexo e desejos, criando relativa intimidade.

A interação entre os personagens vai ao encontro da afirmação de Amélio (2001) de que o ato de dividir informações pessoais auxilia na produção e fortalecimento de vínculos afetivos. Em conjunto a isso, Abby descobre semelhanças entre ela e Mike das quais precisa omitir de outros homens, como por exemplo, gostar de pedir água da torneira em restaurantes (visto ser a mesma água das garrafas, com a diferença de ser gratuita). Tal comportamento simples, na verdade evidencia alguns valores básicos dos indivíduos. Sobre essas semelhanças, para Amélio (2001) estas são de extrema importância quando as pessoas estão pensando em iniciar um relacionamento, pois mostrar-se ou notar-se semelhante ao outro é um recurso que aumenta a probabilidade de os indivíduos serem aceitos pelos seus pares, e acima de tudo, a similitude favorece o sentimento de afinidade entre os parceiros. Nesse sentido, visto que criou muitas semelhanças com Colin que não necessariamente

condizem com sua personalidade, estar com Mike passou a ser muito mais produtivo para a personagem, uma vez que criou um vínculo maior com ele e sente-se aceita por ser quem realmente é.

Embora tenha sido possível destacar todos estes aspectos do filme que remetem às estratégias sexuais e de flerte, ainda há outros elementos imprescindíveis para serem discutidos quanto aos papéis representados por homens e mulheres referente à sexualidade. Isto é, apesar de Abby ter conseguido conquistar Colin com as dicas de flerte oferecidas pelo colega de trabalho, até que ponto os comportamentos e discurso de Mike são éticos e adequados?

O próprio nome do filme (a verdade nua e crua) remete a falsa ideia de que os conselhos de Mike para Abby expressam a “verdade como ela é”, ou seja, que um homem “sem papas na língua” dirá para o público feminino em um programa televisivo como os homens pensam e agem de fato, tal como um postulado. Contudo, cabe salientar que, por mais que Mike apresente comentários que podem fazer sentido sobre as preferências sexuais masculinas, sua maneira de se comunicar é exagerada, simplista e muitas vezes machista.

Mike por muitas vezes faz comparações indevidas e acredita que elas apresentam respaldo na ciência. Como exemplo, pode-se citar a cena em que Mike compara o comportamento sexual de bonobos (*Pan paniscus*) com o de humanos, ao evidenciar nossa proximidade genética com este símio. De forma persuasiva, faz a pergunta se não deveríamos resolver nossas discussões e tensões sociais com sexo grupal, assim como fazem os bonobos. Esse tipo de exemplo, sinaliza o que Mike deseja esclarecer com o termo verdade nua e crua. Todavia, trata-se apenas de uma generalização indevida e mal compreendida de um comportamento de uma espécie próxima com a nossa

(WAAL, 2007). O fato de existirem homologias evolutivas, ou seja, características que descendem de um mesmo ancestral comum, não significa que podemos transpor diretamente o valor adaptativo de um comportamento de uma espécie para outra, sem levar em consideração fatores culturais e pessoais.

Por conseguinte, em diversas cenas Mike possui um discurso que majoritariamente expressa uma supremacia masculina heterossexual em detrimento da sexualidade da mulher. Assim, em diversos momentos na trama os sentimentos e a sexualidade de Abby são desprezados por Mike, que coloca o orgasmo masculino em primeiro lugar. Deste modo, em determinado momento, conforme as dicas de Mike sobre como conquistar Colin, Abby questiona Mike o motivo de somente ela ter que se preocupar em causar uma ereção no homem de interesse romântico, e a razão para Colin não ter que se preocupar com o mesmo referente a ela. Em resposta, Mike lhe diz para calar a boca. De acordo com Bercht e Costa (2018), a objetificação sexual da mulher (redução da mulher ou partes do corpo desta a um instrumento para uso sexual) é apresentada de diversas maneiras na mídia em geral, não sendo diferente em alguns dos diálogos estabelecidos entre Mike e Abby. Dessa maneira, na cena acima mencionada, para Mike o prazer sexual da mulher é negligenciado a favor do prazer masculino, sendo a mulher apenas um meio para tal.

Para hooks (2018, p. 133) “o respeito fundamentalmente mútuo é essencial para a prática sexual libertadora, assim como a convicção de que prazer e satisfação sexuais são mais alcançados em circunstâncias de escolha e acordo consensual”. Indo em concordância com a autora, sobretudo de que a sexualidade feminina não existe apenas para servir e satisfazer as necessidades sexuais masculinas, a Psicologia Evolucionista não pretende

atuar a favor de uma limitação da liberdade sexual feminina ou negligenciar o desejo de mulheres em obterem prazer em relações sexuais consensuais recreativas. Sendo assim, Valentova e Veloso (2018) salientam que mulheres não exercem um papel de passividade quanto às estratégias sexuais, na qual se anulariam emocionalmente ou sexualmente em prol da união com um (a) parceiro (a). Em concordância, e assim rejeitando este papel de passividade, Abby rebate aos conselhos de Mike de que só ela teria que se preocupar com o prazer de outrem.

Tal qual em uma relação de poder, como expressada pelo machismo, Mike ao chegar para trabalhar na emissora em que Abby é produtora, dirige-se a ela pela primeira vez e afirma "gosto de mulheres por cima". Em outro momento, o personagem diz para Abby dizer ao seu gato "agradeça a sua xaninha por mim". Essas falas ocorrem em um ambiente formal de trabalho, inclusive a primeira sendo proferida no meio de uma reunião com outros ouvintes presentes, o que configura a cena não só como uma situação de desrespeito como de assédio sexual no trabalho.

Desse modo, pode-se dizer que o filme *A verdade nua e crua* apresenta trechos que explicitam o machismo e a dominação masculina, mas de forma escamoteada com uma roupagem de humor que é típica do gênero de comédias românticas, o que facilita a reprodução do machismo como algo “natural” e velado. Como aponta Drumont (1980) há uma multiplicidade no interior da vida social de manifestações concretas do machismo. Tais manifestações oferecem modelos de identidade tanto para homens quanto para mulheres, pois, desde a infância meninos e meninas, independentemente de suas vontades, entram em determinadas relações assimétricas de poder.

Considerações Finais

Por fim, o que esse capítulo gostaria de salientar é a complementaridade das explicações, que juntas apresentam uma melhor precisão histórica do porquê agimos e como agimos. Afinal, segundo datações arqueológicas mais recentes, a espécie humana apresenta pelo menos 300 mil anos de existência no planeta (HUBLIN *et al.* 2017). Conhecer nosso passado evolutivo enquanto homínídeos e o contexto das mais variadas adaptações psicológicas é sobretudo, acrescentar mais uma camada de complexidade ao fenômeno. E se desvencilhar de velhas dicotomias que assombraram a história da psicologia, como inato versus aprendido e natureza versus cultura (BUSSAB; RIBEIRO, 1998).

Também objetivou-se ressaltar alguns equívocos muito comuns sobre a perspectiva evolucionista na psicologia. Dado que, o fato de existir alguma característica ou propensão humana de expressão filogenética não a torna moralmente aceitável (falácia naturalista) ou irreversível. Pelo contrário, como aponta Buss e Schmitt (2011) a psicologia evolucionista afirma que o comportamento humano é extremamente flexível e isso é proporcionado, em certa medida, porque apresentamos adaptações psicológicas evoluídas, as quais serviram no passado ancestral para resolver problemas adaptativos e podem ajudar a compor explicações sobre o machismo e o patriarcado nos agrupamentos humanos. Não só isso, inputs fisiológicos, sócio-culturais e ecológicos interagem, contextualmente, com esses mecanismos psicológicos para a produção do comportamento manifesto (BUSS; SCHMITT, 2011).

Portanto, não se trata apenas de um descompasso temporal entre adaptações e nosso tempo histórico, mas também de uma prontidão para aprender cultura, como descreve Bussab e Ribeiro (1998) somos biologicamente

culturais, ou seja, nosso desenvolvimento desde o nascimento só é possível porque apresentamos adaptações naturais para a interação social e para a vinculação de formações afetivas.

Referências

ADES, C. Um olhar evolucionista para a Psicologia. In: **Psicologia Evolucionista**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

AMÉLIO, A. **O mapa do amor**: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder. São Paulo: Ed. Gente, 2001.

BERCHT, A. M.; COSTA, A. B. Objetificação e Saúde Mental. In: VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO e SEXUALIDADE, 09, 2018, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Anais[...]**. Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14381/2/OBJETIFICACAO_E_SAUDE_MENTAL.pdf>. Acesso em: 20 mar. de 2021.

BRESSLER, E.R.; MARTIN, R.A.; BALSHINE, S. Production of humor as sexually selected traits. **Evolution and Human Behavior**, v.27, p. 121-130, 2006.

BUSS, D. M., ; SHAKELFORD, T. K. Attractive women want it all: Good genes, economic investment, parenting proclivities, and emotional commitment. **Evolutionary Psychology**, v. 6, jan, 2008, p. 134-146. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/147470490800600116>>. Acesso em 17 mar. de 2021.

BUSS, D. M.; SCHMITT, D. P.. Evolutionary Psychology and Feminism. **Sex Roles**, [S.L.], v. 64, n. 9-10, p. 768-787, 26 abr. 2011. Springer Science and Business Media LLC.

BUSS, D. M.; SCHMITT, D. P.. Sexual Strategies Theory: an evolutionary perspective on human mating. **Psychological**

Review, [S.L.], v. 100, n. 2, p. 204-232, 1993. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295x.100.2.204>.

BUSSAB, V. S. R.; RIBEIRO, F. J. L. Biologicamente cultural. In: **Psicologia: reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 3, 1980. p. 81-85. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108171/ISSN1984-0241-1980-3-81-85.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 mar. 2021.

GANGESTAD, S. W.; SIMPSON, J. A. The evolution of human mating: trade-offs and strategic pluralism. **Behavioral And Brain Sciences**, [S.L.], v. 23, n. 4, p. 573-587, ago. 2000. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1017/s0140525x0000337x>.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUBLIN, JJ., BEN-NCER, A., BAILEY, S. et al. New fossils from Jebel Irhoud, Morocco and the pan-African origin of Homo sapiens. **Nature**, v. 546, p. 289-292, 2017. <https://doi-org.ez87.periodicos.capes.gov.br/10.1038/nature22336>

IZAR, P. Fundamentos da Evolução do Comportamento. In: YAMAMOTO, M. E; VALENTOVA, J. V. (Orgs.). **Manual de Psicologia Evolucionista**. Natal: Editora Edufrn, 2018. p.56-74

LOPES, et al. Preferências Românticas e Sexuais, Escolha e Competição por Parceiros. In: YAMAMOTO, M. E; VALENTOVA, J. V. (Orgs.). **Manual de Psicologia Evolucionista**. Natal: Editora Edufrn, 2018. p. 329-363

MLODINOW, L. **Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

OTTA, E. **O sorriso e seus significados**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

POLIPPO, P. M.; FERREIRA, V. R. T.; WAGNER, M. F. Produção científica brasileira sobre psicologia evolucionista. **Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia**. [online]. v. 9, n.2 , p. 277-289, 2016 .

SOUSA, M. B. C.; HATTORI, W. T. Sexo, Diferenciação Sexual e Seleção Sexual. In: YAMAMOTO, M. E; VALENTOVA, J. V. (Orgs). **Manual de Psicologia Evolucionista**. Natal: Editora Edufrn, 2018. p. 272-302.

STARRATT, V. G.; ALESIA, M. N. Male Adaptations to Retain a Mate. In: SHACKELFORD, V. A. W; SHACKELFORD, T. K. (Orgs). **Evolutionary Perspectives on Human Sexual Psychology and Behavior**. New York: Ed. Springer, 2014. p. 197-205.

SCHMITT, D. P.; PILCHER, J. J. Evaluating Evidence of Psychological Adaptation: how do we know one when we see one? **Psychological Science**, [S.L.], v. 15, n. 10, p. 643-649, 1 out. 2004. SAGE Publications.

TRIVERS, R. L. Parental investment and sexual selection. In B. CAMPBELL (Org.), **Sexual Selection and the Descent of Man**, p. 1871-1971. Chicago: Aldine Publishing Company, 1972.

VARELLA, M. A. Mal-entendidos sobre a Psicologia Evolucionista. In: YAMAMOTO, M. E; VALENTOVA, J. V. (Orgs.). **Manual de Psicologia Evolucionista**. Natal: Editora Edufrn, 2018. p. 142-166.

VALENTOVA, J. V.; VELOSO, V. Estratégias Sexuais e Reprodutivas. In: YAMAMOTO, M. E; VALENTOVA, J. V. (Orgs.). **Manual de Psicologia Evolucionista**. Natal: Editora Edufrn, 2018. p. 303-328.

WAAL, F. **Eu, Primata**: por que somos como somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

YAMAMOTO, M. E. Histórico e Plano do Livro. In: YAMAMOTO, M. E; VALENTOVA, J. V. (Orgs.). **Manual de Psicologia Evolucionista**. Natal: Editora Edufrn, 2018. p. 29-54

Capítulo 10

COBRA KAI: ANÁLISE DOS EFEITOS DAS MASCULINIDADES

André Melo Rios
Gabriel Oliveira Mendes Correia
Rodolpho Antonio Rufino

Introdução

O presente capítulo visa analisar e discutir aspectos relacionados aos processos de estudo e compreensão sobre papéis de gênero, estruturas de poder e educação sexual, a partir do estudo das masculinidades, de forma que se encontre relacionado a uma tendência de que a masculinidade possa ser definida como o modo em que homens, de fato, se relacionam. Considerando as relações sociais e também a imagem dos corpos masculinos, buscando os significados sociais e culturais produzidos sobre homens e como esses significados permeiam suas relações de poder e de dominação sobre mulheres e sobre outros homens (CONNELL, 1995).

Porém é necessária ainda a problematização do termo “masculinidade”, de forma que, como salienta Connell (1995), os estudos relacionados ao gênero masculino, na década de 70, relacionavam-se com o “papel do sexo masculino”, voltavam-se a um conjunto de atitudes e expectativas que indicariam a masculinidade desejada. Tal conceito ainda está presente e refere-se a um local comum relacionado ao gênero masculino, porém esse conceito tornou-se insuficiente para o estudo das relações de poder,

da violência e da complexidade no interior das múltiplas formas de relações entre homens.

Dessa forma, o presente capítulo recorre ao termo “masculinidades”, no plural, pois concorda com o que salientam estudiosos da área e resume Vasconcelos *et al.* (2016), que a masculinidade deve ser compreendida de diferentes perspectivas relacionadas a diferentes enfoques contextualizados historicamente como: social, econômico, geracional e cultural. Contudo, ainda existem modelos hegemônicos de masculinidade que são amplamente aceitos e legitimados, com características como virilidade, heterossexualidade, força e potência no sentido em que são valorizados comportamentos antagônicos aos relacionados a ser mulher.

Alguns comportamentos expressos no percurso de exposição da masculinidade são o bullying e o cyberbullying, no qual os sujeitos representativos da masculinidade hegemônica perseguem aqueles que não se encaixam no mesmo padrão. Suas ações podem ser realizadas através de agressões físicas e psicológicas e além de estarem presentes no ambiente virtual, por meio de exposição vexatória, com o objetivo de ridicularizar os indivíduos desviantes, esses comportamentos serão explorados posteriormente na análise do filme.

Ainda é importante ressaltar, como Seffner (2013) destaca, que o modelo de masculinidade hegemônica está presente em diferentes meios, como a mídia, a escola, a igreja. Além de ser um modo prestigiado e fortalecido, corrobora a construção do ser homem e exercer ao seu ápice sua masculinidade, mas simultaneamente a isso há a experiência cotidiana de cada indivíduo de viver a masculinidade, representando outros modos de produzir sua própria expressão de gênero. Tal concepção é importante para entender a trajetória e construção dos

personagens que serão apresentados na série, de modo que são marcados por reproduções de padrões e pela sua quebra, exemplificando esse conflito entre o modelo hegemônico e a particularidade da experiência subjetiva.

Além disso é importante ressaltar que o presente capítulo também busca analisar as condições que mostram que a educação sexual, em seu sentido amplo, relacionando a padrões sociais e representações de gênero, extrapola o âmbito escolar (BORTOLOZZI, 2020). Sendo exercida em outros contextos, por exemplo, na obra analisada, o da relação com a figura masculina do Sensei, que volta os seus ensinamentos não só à prática das artes marciais, mas no “ser homem”, “ser mulher”, em padrões de relacionamento e comportamento.

Ademais, é necessário entender o período da vida em que estão os personagens aqui analisados, em sua maioria na adolescência, um importante período no desenvolvimento psicológico e que, segundo Maia (2015), deve ser analisado como um conceito cultural, que é relacionado a diferentes papéis sociais, com representações relacionadas ao grupo social ao qual o sujeito pertence e ao momento histórico em que vive.

Portanto, para a análise e apreensão conceituais busca-se a superação da análise de uma masculinidade como fenômeno único, mesmo entendendo que a sociedade em que vivemos ainda valida e reforça um tipo de padrão de comportamentos relacionado ao ser homem, busca-se também analisar inteirar-se sobre os produtos de uma socialização que ao mesmo tempo que gera privilégios, também gera prisioneiros e vítimas de uma representação dominante, além da dinâmica de diferentes modelos (PINHEIRO; COUTO, 2008).

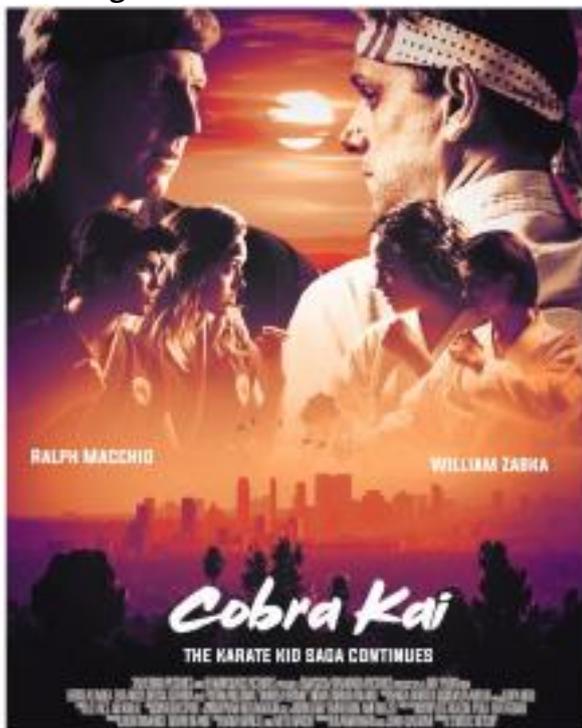
Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Cobra Kai</i>
Nome Traduzido	Cobra Kai
Gênero	Ação; Drama
Ano	2018-2021
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês
Duração	30 min por episódio (1ª temporada, 10 episódios)
Direção	Jon Hurwitz, Hayden Schlossberg <i>et al.</i>

Pensada como uma continuação da franquia *Karatê Kid*, *Cobra Kai* retorna aos dois rivais do primeiro filme, de 1984. Se antes eles eram adolescentes em idade escolar, agora o enredo gira em torno de sua vida adulta, com todas as consequências advindas dos acontecimentos dos filmes anteriores.

Daniel LaRusso (Ralph Macchio), antigo campeão regional de karatê, quando adulto ainda se utiliza da imagem de artista marcial para fazer o marketing da loja de automóveis da qual é o proprietário – o personagem é apresentado como rico, com uma bela casa, esposa e um casal de filhos. Johnny Lawrence (William Zabka), seu antigo rival, divorciado e ausente para sua ex-esposa e filho Robby (Tanner Buchanan), vive de trabalhos informais e leva uma vida solitária e sem dinheiro para as contas. Um acontecimento fortuito coloca ambos novamente em contato, a rivalidade entre eles é reacendida quando Johnny decide reabrir o dojo *Cobra Kai*, nesse momento Daniel sente-se ameaçado e decide combatê-lo, com isso o desenrolar dos acontecimentos move o enredo da série em sua primeira temporada.

Figura 1. Poster da série *Cobra Kai*



Fonte: Reddit, 2021.

Uma série de acontecimentos acaba por colocar Johnny na posição de sensei (instrutor de artes marciais) de Miguel Diaz (Xolo Maridueña), um garoto que sofre bullying na escola e que passa a ser o primeiro estudante da recém-aberta academia Cobra Kai de karatê.

Após uma briga pública em que Miguel vence os seus antigos *bullies*, muitos alunos que se sentiam marginalizados se matricularam no *Cobra Kai*, e a partir de então é adicionado um novo elemento ao enredo: o campeonato regional de karatê e a preparação dos novos alunos. Ao mesmo tempo surge um enredo paralelo em

que, para se vingar do seu pai, Robby procura Daniel LaRusso, inicialmente para trabalhar em sua revendedora de carros, mas após algumas situações passa a treinar caratê como rival de seu pai.

Ao longo de todo esse percurso a série retrata também as relações pessoais e os dilemas das personagens, como os relacionamentos amorosos, relacionamentos entre pai e filho, aluno e sensei, amizades, assim como as marcas que o passado deixou nos personagens que já são adultos.

Tudo isso culmina na luta final entre Miguel e Robby, em que mais fatores estão envolvidos, como o antigo duelo entre Johnny e Daniel, Cobra Kai e Caratê Miyagi, suas vidas profissionais e até mesmo suas relações sociais e familiares.

Análise crítica

O personagem Johnny Lawrence representa como a masculinidade hegemônica (VASCONCELO *et al.*, 2016) influencia as práticas sociais. Devido à forma na qual foi criado, Johnny acredita que para sobressair a outras pessoas, deve se impor sobre elas. Ele inicialmente utiliza-se da violência para resolver seus problemas pessoais e possui dificuldade para externar sentimentos positivos para os que estão à sua volta. No sexto episódio, é apresentado que na infância Johnny foi menosprezado, principalmente por seu padrasto Sid (Ed Asner), e como forma de preencher essa lacuna paterna encontrou no sensei Kreese (Martin Kove) alguém que pudesse usar como referência de masculinidade, porém os efeitos dessa relação o transformaram ainda jovem em uma pessoa com atitudes tóxicas e, na sua fase adulta, em alguém que não consegue resolver os seus problemas. Com a abertura do dojo, Johnny começa a transformar sua vida pessoal, mas

alguns vícios e atitudes prejudiciais são mantidos, como maltratar e agredir seus alunos, além de sempre se referir de forma pejorativa às mulheres.

O personagem Daniel LaRusso inicialmente se apresenta como um exemplo de masculinidade alternativa à hegemônica, porém com o desenrolar dos fatos e a sua competição individual com Lawrence, traços da masculinidade hegemônica surgem. Como o desejo de se impor, de eliminar seu rival e quando não consegue o consegue pelas vias oficiais, toma para si a missão de resolver o problema com suas próprias mãos e mobiliza o poder econômico para sobressair-se ao seu rival, utilizando-se de especulação imobiliária para que o aluguel do dojo Cobra Kai seja aumentado. Isso demonstra que apesar de representar o papel de "mocinho", LaRusso também apresenta elementos que o enquadram na masculinidade hegemônica. Como apresentado por Pinheiro e Couto (2008), podemos verificar que a dinâmica e diversidade dos modelos podem contribuir para o processo de desconstrução da masculinidade hegemônica, porém as pressões sofridas pelo personagem o faz recorrer aos padrões pré-estabelecidos em momentos de competitividade.

Conforme a discussão apresentada na introdução, com referência a Connel (1995), algumas discussões sobre masculinidade adotam uma perspectiva única e totalitária e não hegemônica de modo que os homens são moldados apenas por uma perspectiva de ser homem, em uma produção de conceito fixo e não histórico. Porém essa perspectiva deve ser colocada de modo em que a masculinidade hegemônica são produzidas juntamente e em relação com outras masculinidade, e mudanças provenientes de avanços sociais e discussões políticas (como o feminismo) de modo que o comportamento de Daniel, pode ser analisado como uma forma mais

sofisticada de uma masculinidade hegemônica, quebrando alguns padrões de violência, porém reproduzindo padrões de relações de poder (como o poder proveniente do aspecto financeiro) e a competição. Tal análise deve considerar fatores variados relacionados a instituições como o mercado de trabalho, hierarquização da sociedade baseada em poder econômico e forças culturais, como meios de comunicação, publicidade e concepções de família tradicional e desejada.

O primeiro discípulo e principal representante do *dojo Cobra Kai* é Miguel Diaz. Recém-chegado à cidade, sofre bullying e sente-se ameaçado por um grupo de alunos da sua futura escola. Inicialmente Miguel é carinhoso com sua mãe e sua avó, além de se aproximar dos alunos “excluídos”. Em vários momentos, Miguel tenta demonstrar a Johnny que suas atitudes machistas e violentas são inadequadas e prejudicam os demais e a si mesmo. Com o desenrolar da primeira temporada, porém, Miguel passa a ter comportamentos diferentes do início, age de maneira violenta e com atitudes machistas junto à namorada Samantha (Mary Mouser). Podemos então verificar que ele assimilou algumas características da masculinidade hegemônica e isso inicialmente trouxe benefícios, como deixar de sofrer bullying e adquirir confiança para se aproximar de sua pretendente, mas com o tempo também apresentou atitudes tóxicas, usando da virilidade em detrimento dos demais.

Robby é filho de Johnny Lawrence, mas desde o início da série é mostrado que não possui contato com o seu pai. Após não comparecer à escola por um certo período, Johnny é chamado na escola para resolver a situação e não é reconhecido como sendo responsável pelo filho. Após uma tentativa de reaproximação feita inicialmente pelo pai e rejeitada pelo filho, Robby decide procurar Lawrence e o

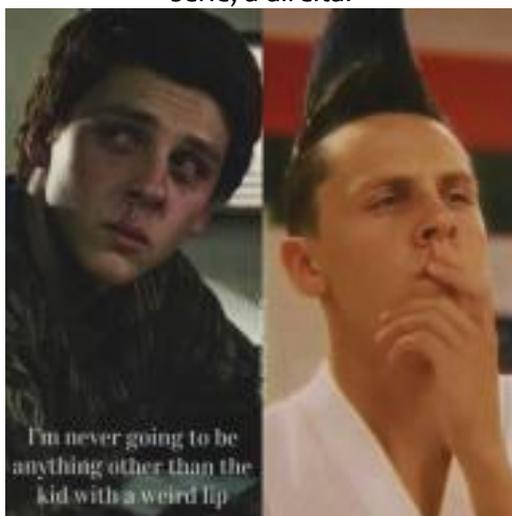
encontra demonstrando carinho a Miguel, algo que nunca encontrou em sua relação com ele. Após esse episódio Robby decide se aproximar de Daniel LaRusso como forma de provocação e vingar-se pelo abandono que ele sentia. Na aproximação com a família LaRusso, Robby muda sua perspectiva sobre as relações pessoais e, como um exemplo, se nega a auxiliar os antigos comparsas em um roubo à revendedora de carros na qual passa a trabalhar, além de passar a ser menos agressivo, utilizando-se do caratê apenas como forma de defesa pessoal, e também de aprender a falar sobre seus sentimentos e expectativas. Essa relação, porém, se mantém baseada em mentiras, pois ele não revela sua real motivação às pessoas que lhe acolheram.

Dentre os personagens da série, Eli Moskowitz (Jacob Bertrand) é o que apresenta uma maior transformação. Inicialmente sofre bullying como outros personagens, porém o estigma do resultado da cirurgia de lábio leporino é sempre ressaltado pelos seus opressores. No início de suas atividades no Cobra Kai é questionado pelo sensei Lawrence se era "retardado" e para se justificar diz que médicos constataram traços do Espectro, fazendo referência ao Transtorno do Espectro Autista. Após uma aula no dojo em que é novamente humilhado por sua cicatriz, Eli abandona a aula e volta no dia seguinte com um novo penteado, um moicano, comportamento reforçado pelo seu professor, que afirma que Eli acaba de mudar o roteiro de sua vida.

A partir desse momento, Eli passa a se autodenominar Hawk (Falcão) e a incorporar traços da masculinidade hegemônica, como proposto por Connell (1995), como confiança e virilidade, o que colabora para o desenvolvimento de sua comunicação com as demais pessoas. Além de favorecer a sua aproximação com a personagem Moon (Hanna Kepple) e o estabelecimento de

uma relação amorosa com ela. Essa mudança primária que trouxe benefícios também apresenta efeitos colaterais, como exemplo, temos sua atitude de não manter o controle e agredir de forma desleal Robby na semifinal do campeonato, o que causou a sua eliminação.

Figura 2. Eli Moskowitz no início (à esquerda) e ao final da série, à direita.



Fonte: *pinterest*, 2021.

A personagem Aisha (Nicole Brown) é mais uma que sofre bullying na escola e procura no dojo Cobra Kai uma forma de defesa. Após um episódio em que sofre cyberbullying, espera que sua amiga Samantha a acolha, porém isso não acontece e elas rompem relações. Ao procurar o Cobra Kai inicialmente é rejeitada pelo sensei, pois ali não seria lugar de meninas, o que demarca Seffner (2013) a masculinidade se impõe em diversos ambientes, porém ao ser convencido por Miguel, Lawrence aceita Aisha e esta passa a desenvolver principalmente a

confiança, o que pode ser exemplificado no episódio no qual confronta sua algar Yasmine (Annalisa Cochrane) em uma festa, porém ao revidar a provocação acaba gerando um novo episódio de cyberbullying contra quem a oprimia, mostrando que essas provocações acabam gerando um ciclo de violência. No episódio final da temporada, Aisha restabelece relações com Samantha e em um diálogo importante a informa que é necessário que mais mulheres participassem desse contexto de artes marciais.

Demetri (Gianni DeCenzo) apresenta-se como um personagem que estaria à margem das discussões sobre masculinidade, pois rechaça qualquer tentativa de aproximação a comportamentos violentos, é muito comunicativo, expõe seus sentimentos. Na verdade, ele vive um conflito, pois mesmo que deseja se aproximar das personagens femininas para uma interação amorosa, ele inicialmente refuta qualquer tentativa e afirma que não se sente seguro para realizar qualquer aproximação. Quando a maioria de seus amigos vão fazer uma aula experimental no Cobra Kai, Demetri até participa, mas devido ao comportamento agressivo do sensei Lawrence rejeita essa experiência e se retira da aula, apresentando alguns argumentos de como aquela abordagem era feita de maneira indevida e fora dos contextos atuais. Demetri é um personagem que não tem muito desenvolvimento ao longo da série, não apresenta mudanças substanciais, e acaba servindo de ponto de comparação entre alguém pouco masculino (no atual estereótipo dominante) e seus amigos, agora mais masculinizados e realizados.

A personagem Samantha, filha de Daniel LaRusso, diferente dos demais personagens, inicialmente demonstra possuir confiança e determinação, porém busca popularidade e para isso junta-se ao grupo de Yasmine e Moon. A contradição e a procura de aceitação, apresenta-

se como uma questão nessa personagem, pois ao ver sua amiga de infância sofrer cyberbullying não se posiciona de forma veemente junto ao seu novo grupo. Outro acontecimento que gerou uma questão ética ocorreu quando Yasmine provocou um acidente de carro e Samantha não comunicou a seus pais este fato, com medo das consequências. Como visto em Maia (2015), a adolescência é um período de incertezas e influencias bastante Samantha, isso fica evidente nessa personagem ao tentar esconder de seus pais que Miguel, seu namorado, fazia parte do Cobra Kai, tentando evitar o conflito, pois sabia que Daniel seria contra, mesmo acreditando que inicialmente isso não teria influência em sua decisão de se relacionar com ele.

Amanda LaRusso (Courtney Henggeler), esposa de Daniel, é para ele, ao mesmo tempo, uma auxiliar e uma figura de referência. Quanto à carreira, ela trabalha junto com seu marido, administrando a loja de automóveis. Mas as situações onde ela se destaca são aquelas em que exerce uma função de mediadora dos efeitos de competição, gerados pela masculinidade de seu esposo, e como consequência envolvem dúvidas e dilemas, nas quais ela aparece como a voz da razão, calma e equilibrada, sempre com conselhos razoáveis. Os quais seu marido, agindo de forma inflexível, muitas vezes não segue, e acaba se dando mal. Sendo assim, apesar de por um lado parecer um personagem secundário, por outro Amanda tem certo destaque como uma figura madura e não sujeita aos mesmos dramas dos demais.

Os personagens em geral não são estereotipados, apresentando contradições que ficam evidentes durante o desenvolvimento do enredo, como Lawrence, que apesar de ter sido ensinado a “ser homem”, a certa altura percebe que essa postura prejudicou a si e aos outros ao longo de toda a

sua vida, mas não conseguindo abandonar atitudes há muito arraigadas, luta (agora metaforicamente) para conseguir dar um passo de cada vez na direção do desenvolvimento de uma identidade menos agressiva e dominante.

Enfim, como observado em personagens como Miguel, Hawk e Aisha, a narrativa implícita durante o seriado parece ser aquela que advoga por um pretenso ponto de equilíbrio ao adquirir características consideradas masculinas. Se a inicial ausência dessas características nos personagens aparece juntamente a um estado de infelicidade, inadequação social e à posição de vítima de opressão, no meio da temporada eles parecem ter alcançado um certo ponto em que tais traços não eram prejudiciais, mas apenas benéficos e por fim, quando os mesmos traços aparecem de forma exacerbada, novamente os personagens se veem em uma situação de inadequação social, mas, desta vez, no papel de opressores.

Assim, apesar de o final da primeira temporada da série deixar a impressão de algum tipo de crítica à masculinidade tóxica (exemplificada pelos excessos de alguns personagens e explicitando as consequências ruins, em vários âmbitos, resultantes dessas ações), vemos que durante todo o desenvolvimento do enredo esse problema é tratado como algo da esfera individual, desde os problemas iniciais como a timidez até as agressões finais, de forma que a mensagem passada, ainda que implicitamente, é a de que questões de gênero devem ser trabalhadas individualmente, fora do âmbito das políticas públicas e das ações coletivas.

Dessa forma, a presente análise visa realçar a importância das discussões acerca da pluralidade em ser homens, visto que junto aos estudos de gênero, raça e masculinidade (interseccionais), tem-se mostrado um

movimento que visa refletir sobre violência, agressividade e papéis de gênero. Em âmbito acadêmico, deve-se

propor políticas públicas e culturais, sobre questões importantes na nossa sociedade. Inclusive refletindo sobre a complexidade de relações, por exemplo, no estudo de masculinidades negras e a invisibilização de vários marcadores sociais presentes quando se trata de homens como um grupo único e hegemônico (FAUSTINO,2019).

A partir da fomentação de estudos, pode-se pensar perspectivas de educação sexual, partindo da visão crítica aos comportamentos provenientes da citada e explicada masculinidade hegemônica, como forma de prevenção a aspectos relacionados à violência, tanto de homens com mulheres, quanto com outros homens. Além disso, a partir dessas discussões surgem, por exemplo, grupos de homens autores de agressão e autuados pela Lei Maria da Penha”, que visam quebrar esse ciclo de violência, um exemplo que será explicitado nessa análise, é o modelo do curso de Flávio Urra (2016), “E agora José?”, um grupo que tem caráter reflexivo e socioeducativos com homens, e debate sobre temas de violência física e sexual, a partir da perspectiva de aprendizado social e histórico de divisões de tarefa, de “ser homem”, processos de discriminação, racismo estrutural, além de outros temas.

Considerações finais

O cinema em suas diversas formas é hoje uma das principais formas de entretenimento de grande parte da população. Seja por meio de filmes, desenhos animados, séries ou outros tipos de conteúdo em vídeo, somos expostos a uma enorme quantidade de representações de papéis de gênero, grande parte delas, infelizmente, apenas reproduzem padrões irreais, inalcançáveis, quando não prejudiciais (GOODALL, 2012).

A exposição desse tipo de material a pessoas que, pela pouca idade ou pouca instrução, não têm o ferramental para olhá-lo de forma crítica acaba por ser um dos meios com que as representações dominantes se reproduzem e se perpetuam.

Dessa forma, amparados pela visão de que as expressões de gênero são produtos sociais, podemos relativizar o conceito de masculinidade, hoje hegemônica, como o que ela é em sua realidade: uma construção, fruto de determinados fatores históricos e sociais e, como tal, está sujeita (senão fadada) a ser superada e substituída por representações mais adequadas aos tempos atuais. Ainda assim tal substituição não se dará passivamente, nem necessariamente em direção a uma maior igualdade entre gêneros e à erradicação da opressão, de forma que cabe a nós promover um ambiente de livre expressão, de forma que surjam novos modelos, e continuar a desconstruir os antigos estereótipos.

Referências

- CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Educação & Realidade**. v. 20, n. 2, p. 185-206 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671> Acesso em: 27 de março 2021.
- MAIA, A. C. B. Reflexões sobre a sexualidade na adolescência. **Rev. Psicopedagogia on line- Educação & Saúde**, s/p, 2015.
- OLIVEIRA, P; MENDES, S. P. Adolescências na educação sexual emancipatória. In: BORTOLOZZI, A. C. (Org.). **Educação sexual com e para adolescentes: aspectos teóricos e práticos**. Araraquara, Padu Aragon, 2020.

PEDRO AMBRA, P. A. et al. Dossiê Cartografias da Masculinidade. **Revista Leia Cult**, São Paulo, n. 242, p. 52, fev. 2019.

PINHEIRO, T. F.; COUTO, M. T. Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica. **Cad. hist. ciênc.**, São Paulo, v. 4, n. 1, 53-67, jun. 2008. Disponível em <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342008000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31/03/2021.

SEFFNER, F. **Derivas da Masculinidade**: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. **Tese de Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRGS**, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725> . Acesso em: 28/03/2021.

URRA, F., PECHTOLL, M. C. P. Programa “e agora, josé?” Grupo socioeducativo com homens autores de violência doméstica contra as mulheres. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 25, n.54, p.112-116, 2016. Disponível em: <<https://revista.nps.emnuvens.com.br/nps/article/view/168>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

VASCONCELOS, A. C. et al. *Eu virei homem!:* a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva. **Saude soc. [online]**. v.25, n.1, p.186-197, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-129020161455555>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

GOODALL, H. Media's Influence on Gender Stereotypes. **Media Asia**, v. 39, n.3, p. 160-163, 2012.

Capítulo 11

A GAROTA DINAMARQUESA: CONSIDERAÇÕES ANALÍTICO-COMPORTAMENTAIS ACERCA DA TRANSFOBIA E A TRANSIÇÃO DE GÊNERO

Marcos Vinicius Santos Alencar
Tainá Aparecida Pereira da Silva

Introdução

O fenômeno da cultura e do comportamento humano de forma geral vêm sendo abordados e analisados por diversos teóricos, sendo um deles o responsável pela inauguração da filosofia denominada como Behaviorismo Radical, que sustenta o corpo teórico da Análise do Comportamento: B. F. Skinner (SÉRIO, 2005). Ao referir-se à cultura e às espécies, Skinner (1969) afirma que ambas estão “além do indivíduo” (p. 212), por não serem somente responsáveis por ele, mas sobreviverem à existência que compõe a vida de determinado organismo.

Além disso, o autor afirma que “[...] nem uma cultura tem existência em separado daquela das pessoas que a praticam. É somente pelos efeitos nos indivíduos que as práticas são selecionadas ou planejadas.” (p. 212). É nesse âmbito de discussão, que o fenômeno da transexualidade e os concomitantes estigmas e preconceitos correlacionados serão analisados por meio do filme *A Garota Dinamarquesa* (HOOPER, 2015), fatores esses entendidos como práticas culturais, à luz dos aspectos teórico-experimentais da análise do comportamento.

O conceito de identidade de gênero tem sido discutido e apresentado por diversos estudos na literatura científica, e, por exemplo, de acordo Green e Mauer (2015) diz respeito à manifestação e ao entendimento que uma determinada pessoa apresenta sobre si mesma, e que não tem relação inexorável com o sexo biológico, o que significa que essa identificação pode ou não ter relação com a genitália que a mesma pessoa possui ao nascer. Por sua vez, a transexualidade caracteriza-se pela não identificação com o sexo biológico que um indivíduo apresenta, podendo identificar-se com o gênero destinado ao sexo oposto, ou com nenhum gênero — sendo essas pessoas consideradas não-binárias (LAU, 2020).

Mussi e Malerbi (2020) argumentam que a realidade de pessoas transgêneros é preocupante e alarmante a nível global. Um dos elementos estruturante de diversas culturas é a tomada como modelo insubstituível “cisgênero”, cuja pessoa que se reconhece como “cisgênero” identifica-se com o gênero determinado culturalmente relacionado ao sexo biológico; há, portanto, uma norma ou modelo comportamental de gênero posto como adequado — o cis ao invés do trans, em que o primeiro caracteriza-se pela identificação do gênero culturalmente associado ao sexo biológico (LAU, 2020); e, nesse sentido, não é inesperado o dado alarmante de transexuais expulsos de caso no contexto brasileiro: frequentemente aos 13 anos de idade deixam suas casas (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019).

O fato de haver situações de conflito e de não aceitação localizados em diversos ambientes sociais, como o ambiente familiar (principalmente para comportamentos que não sigam o modelo cisgênero), torna a questão problemática, porque todo esse contexto favorece e contribui com os altos índices de mortalidade da população transgênero (HECK, 2017; MUSSI; MALERBI, 2020). A título de exemplo, no Brasil,

37% do que foi veiculado pela mídia jornalística acerca das mortes envolvendo transexuais não respeitaram a identificação de gênero dos mesmos (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2019). Como afirma Sidman (1989):

Se a sociedade pretender ter uma abordagem construtiva para o problema de ganhar de volta seus membros perdidos, particularmente seus jovens, um primeiro passo necessário é admitir que o comportamento de desistir é esquivo. Compreender as origens da esquivia iria nos levar a examinar nosso próprio ambiente. Então poderemos identificar os choques que tornam as barras de 'desistir' efetivas. A falha corrigível não está na aparente atratividade dos alternativos, mas na relativa coercitividade da linha de base 'normal'. Em vez de perguntar 'para onde foram os desistentes?', devemos perguntar 'de onde eles vieram?'(p. 168).

O estudo realizado por Mussi e Malerbi (2020) identifica que a forma de controle considerada aversiva (como contingências de reforçamento negativo, ou punição positiva e negativa) faz parte da vida dos transgêneros, ressaltando — por meio de análises de relatos dessa minoria — diversas variáveis aversivas responsáveis por essa realidade. Ainda de acordo com os autores, a Ciência do Comportamento pode favorecer o bem-estar desses indivíduos, oferecendo possibilidades ao reforçamento negativo e à punição, que caracterizam o que se denomina controle aversivo (MUSSI; MALERBI, 2020).

Alguns teóricos da Análise do Comportamento têm problematizado a utilização do controle aversivo, pelas diversas implicações envolvidas no uso da punição, como enfatiza Sidman (1995), apontando, a título de exemplo, a falta de inserção em determinadas áreas sociais — tais como o ambiente escolar e interação com outras pessoas que frequentam esses meios — por parte dessa minoria,

haja vista que diversas contingências aversivas são endereçadas para esses indivíduos. Na esteira da problematização a respeito do uso do controle aversivo pelo homem, Skinner (1990) argumenta

Três grandes exemplos históricos [de coisas desagradáveis] às quais a espécie humana tem sido exposta são a fome intensa, doença e trabalho exaustivo. A espécie fez grandes progressos ao lidar com elas. Por meio da descoberta da agricultura e de maneiras de armazenar e transportar alimento, a humanidade (em parte, pelo menos) escapou de padecer de inanição. Por meio da medicina e do saneamento, escapou de muitos dos sofrimentos de doenças e de morte prematura. Por meio da tecnologia física ela tem escapado de padecer com trabalho exaustivo. Os únicos sofrimentos aos quais muitos membros da espécie humana estão ainda expostos são aqueles que nós infligimos uns sobre os outros (p. 98).

Nesse sentido, Mussi e Malerbi (2020) afirmam que os direitos relacionados à população trans vêm sendo alvo de políticas públicas e dos veículos de comunicação de forma geral, e, feita essa consideração, constata-se que essa configuração atual representa um primeiro passo rumo à equidade entre as pessoas. Carrara (2016) argumenta que para o analista do comportamento é condição *sine qua non* para ser considerado como tal o envolvimento com mudanças contextuais e consequentes do comportamento.

Indo além, o pesquisador (2016) pontua que a justiça social deve ser instalada e consolidada por meio de alternativas às contingências presentes em determinada cultura. Nesta seara argumentativa, as práticas culturais vinculadas à discriminação de qualquer indivíduo membro de uma determinada cultura são condições não somente passíveis de mudança, mas como modificações cruciais para

o objetivo almejado de justiça social por seus membros, e obviamente legitimada pelos analistas do comportamento.

Portanto, nota-se que todo o sofrimento pelo qual as minorias sociais enfrentam faz parte de um conjunto de práticas sociais criadas pelo processo histórico de constituição das culturas, que se modificam e são selecionadas enquanto práticas de determinado grupo, e que, por questões éticas e pelo propósito de formação de uma sociedade mais justa, deveriam ser modificadas, a fim de trazer bem estar para essa parte da população, garantindo não somente maior coesão social, mas também respeitando eventuais diferenças que só contribuem para a pluralidade de uma sociedade, proporcionando, por conseguinte, uma sociedade menos desigual e feliz.

Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>The Danish Girl</i>
Nome Traduzido	A Garota Dinamarquesa
Gênero	Drama pseudo-biográfico
Ano	2015
Local de lançamento e Idioma original	Britânico-americano, Inglês
Duração	1h59min (119 minutos)
Direção	Tom Hooper

O filme *A Garota Dinamarquesa* é um drama estreado no ano de 2015, cujo diretor foi Tom Hooper, que teve como base e inspiração o romance de David Ebershoff. O filme recebeu diversas premiações, e foi indicado ao Oscar em 4 categorias, sendo elas em (1) “melhor ator”, em que Eddie Redmayne protagonizou Einar e, posteriormente, Lili; (2) “melhor atriz coadjuvante”, com Alicia Vikander assumindo

o papel de Gerda, categoria vencedora; (3) “Melhor Direção de Arte”; e, por fim, na categoria (4) “Melhor Figurino”.

O enredo da história ocorre no período compreendido pela década de 1920, na cidade de Copenhagen, na Dinamarca, onde um casal de pintores — Einar e Gerda Wegener — vivem e trabalham como tais, sendo ele mais reconhecido no meio artístico do que a sua companheira, o que a faz (durante o percurso do filme) tentar consolidar-se na área artística. Ao longo da trama, observa-se uma aproximação sucessiva por parte de Einar com elementos que culturalmente são endereçados às mulheres, como na cena em que o mesmo toca o tecido das vestes de Gerda, e encanta-se; e esse movimento em direção à transição de gênero intensifica-se com o passar do tempo, principalmente em virtude dos desdobramentos da história.

Foi através de um momento de descontração que a personagem de Lili vem à tona, *a priori* para que Gerda pudesse desenhar com maior precisão a figura de uma mulher; em outros momentos Lili torna-se uma alternativa para que Einar torne-se uma suposta prima sua. Mas todo o envolvimento de Einar com a transformação em Lili passa a assumir cada vez mais necessidade e importância em sua vida, até o ponto em que Einar já não quer mais existir enquanto tal, e transformar-se definitivamente em Lili. A transição de gênero não é o único elemento presente, mas a expressão da homossexualidade também é manifesta, como em cenas de beijo de Lili e um homem. O estigma acentuado à época com relação a LGBTs é visível em momentos que a mesma sofre agressões verbais e físicas no desenrolar do filme.

Uma questão importante que aparece nos desdobramentos do enredo, é o caráter dominante que Gerda possui na relação com Einar, exemplificado, por exemplo, nos momentos de interação sexual entre os dois,

que pode ser interpretado como também uma transição de gênero, uma vez que essa postura é esperada pelos homens em determinadas culturas.

E, dado esse cenário da trama, Lili decide mudar de sexo biológico, para que sua transição de gênero se completada. Para isso, é uma das primeiras pessoas a realizar um procedimento médico de mudança de sexo, o que a expõe a circunstâncias incipientes no meio médico, haja vista que se tratava de um processo inusitado; isso leva-a a sofrer complicações com a mudança, e no final do filme Lili acaba não resistindo, e morre.

Análise crítica

O filme *A Garota Dinamarquesa* lança luz ao tema da transexualidade vivida na década de 20, momento histórico em que as questões relacionadas ao assunto estavam em seus primórdios, tendo sido citado pela primeira vez em 1910 pelo médico Magnus Hirschferdl, com nomenclatura de “transexualipsíquico” (CASTEL,2001). Apesar de ser um tabu, tanto para época quanto, infelizmente, na atualidade, o drama aborda diversos aspectos da vida de Einar, que ao longo do enredo nos apresenta sua transição para Lili.

Esta análise se atentará às questões da estigmatização do fenômeno da transexualidade para época, cujo filme traz um enredo representativo de como era vista a transexualidade, e como a mesma era recepcionada pelas pessoas próximas, pela sociedade e pela medicina, bem como algumas questões que esclarecem o fenômeno da transexualidade em si.

O início do filme nos introduz aos personagens Einar casado e apaixonado pela esposa Gerda, cujo relacionamento mostra-se feliz e sexualmente ativo, porém com tentativas frustradas de engravidar. Ambos são

pintores, Einar pinta paisagens as quais refletem memórias do local que viveu em sua infância, enquanto Gerda pinta retratos de pessoas, sendo ambos excelentes profissionais; entretanto, apenas Einar tem reconhecimento profissional. Com o caminhar da história alguns pontos começam a surgir.

Gerda solicita que Einar vista meia calça, calce um sapato e posicione um vestido sobre si para que ela possa dar andamento a pintura de um retrato de uma amiga bailarina, que naquele dia não poderia posar como modelo. O pintor, a princípio, recusa-se e mostra-se envergonhado. A recusa inicial caracteriza-se por uma resposta de esquiva, que tem a finalidade de evitar uma situação possivelmente aversiva que ainda não aconteceu (CATANIA, 1999). Pois, pessoas com pênis que se vestiam e portavam-se como mulher, comumente, sofriam punições no ambiente social. Assim, por meio de controle aversivo, os sujeitos respondem com esquiva diante de ambientes potencialmente punidores e conseqüentemente, ao se esquivarem, têm o comportamento reforçado negativamente (SIDMAN, 1995; CATANIA, 1999).

Durante a encenação da postura solicitada, Einar aprecia com o toque detalhes do vestido e é visível em seu rosto a satisfação. A caracterização, supostamente, fez sentir-se uma mulher, uma bailarina com aquelas belas vestimentas. Neste momento, ele é pego daquela maneira pela dona do vestido, que de maneira alguma o recrimina: muito pelo contrário, dá àquela figura feminina que ele estava representando o nome de Lili. O que é curioso nesta cena, é o fato de que pareceu um ambiente seguro para aquela expressão, entretanto, a aceitação podia estar relacionada, supostamente, mais ao entretenimento, ou seja, à figura de uma Drag Queen, que são homens vestidos e montados como mulheres que fazem representações artísticas teatrais desde a Grécia antiga, onde a figura

feminina trata-se de uma personagem construída e batizada com nome feminino, porém não está relacionada a questões de preferências, identificações e orientação sexual (AMANAJÁS, 2015). Todavia, a falta de conhecimento, tanto à época, quanto atualmente, estigmatiza tanto transexuais, quanto expressão artística que são Drag Queens.

Após esse fato, em uma noite, a camisola que a esposa está utilizando chama a atenção de Einar, que pede para que ela permaneça vestida com a peça enquanto eles têm relação sexual. Na noite seguinte, após uma festa, quando vão se deitar, ao despi-lo, Gerda vê que o marido está vestido com a camisola elogiada no corpo dela na noite anterior. A princípio ela se surpreende, porém logo entram em um entrelace sexual em que ela o toca levantando a barra da camisola, buscando provocar em Einar uma sensação conhecida por ela. Nesta cena, Einar parece testar a esposa, procurando averiguar qual a aceitação dela diante da situação que o configura, em parte, como uma mulher. Como ela aceita bem e inclusive recompensa-o com carícias diferenciadas, podemos dizer que houve um esquema de reforçamento positivo.

A performance vai além, e decidem travestir Einar como mulher por completo: roupa, cabelo e maquiagem para irem a uma festa. Escolhem minuciosamente o sapato e treinam nas ruas o andar no salto alto. Entretanto, sempre que se deparam com um pedestre, disfarçam e dissimulam o treino, possivelmente por receio de serem julgados, hostilizados, pois “quando essas pessoas passam a se comportar de uma forma não esperada, parece que a comunidade tenta ‘corrigir’ os ‘desvios’, e geralmente isso é feito utilizando práticas punitivas” (MUSSI; MALERBI, 2020, p. 141).

Quando a festa chega, Gerda o apresenta como Lili, uma prima de Einar, a anfitriã, a amiga bailarina e

“batizadora” de Lili, logo percebe e aceita o que o casal propõe desde o início tratando Lili como Lili. Naquele momento Einar entra no até então personagem, porta-se timidamente e percebe que recebe olhares de outros homens. Um rapaz convida Lili para dançar, porém ela se esquivava e sai do ambiente, eles vão para um ambiente mais reservado e diante conversa e galanteios é visível que Einar quase já não está ali, salvo alguns comportamentos de esquivava, porém Lili se senta e beija o rapaz. Gerda vê a cena do beijo e apesar de enfurecida vê Lili/Einar se questionando se haviam percebido quem era, se viviam Einar vestido de Lili, ou se viam apenas Lili. Gerda ainda solicita que acabem com Lili, porém seu marido diz que tentará.

Diante desses fatos, o que se pode analisar-se é que Lili, ou, pelo menos, a identificação de Einar com o comportamento endereçado ao gênero feminino, vem desde a infância ou até mesmo de antes da memória ser capaz de recapturar. E que ao comportar-se como uma menina diante do pai, foi castigada, bem como seu amigo e enamorado que a beijou a reconhecendo com tal. Entretanto, tal punição, bem como a exercida pelo ambiente social, nesse momento, não são mais eficientes para impedir Einar de se comportar como uma mulher, ou melhor, de ser quem realmente é. Segundo Skinner (1953) os efeitos da punição têm supressão temporária, mesmo quando a punição é rigorosa, ao ser retirada do ambiente, a frequência de respostas volta a aumentar, até o mesmo nível anterior à ocorrência da punição.

Gerda mostra-se enciumada, confusa e insegura, frisa para Einar que era apenas uma brincadeira. Apesar de muitos sentimentos envolverem a vivência da personagem, o filme traz uma reflexão importante e atual, que é, como transvestir um homem de mulher é tratado com leviandade e diversão sem compromisso, que reforça a visão

equivocada e preconceituosa de que se for para o circo, para o carnaval, para chacota está tudo bem, mas é algo vetado se fizer parte de quem o sujeito é.

A reação da esposa e a situação de confusão e repressão parece eliciar respostas emocionais em Einar, que começa sentir dores de cabeça, dificuldades em trabalhar. Assim, um mesmo evento ambiental pode influenciar de maneiras diferentes, diferentemente selecionando e eliciando as mesmas ou distintas classes de respostas no mesmo indivíduo (SKINNER, 1953).

Com esses sintomas físicos e com o sofrimento resultante da confusão de Einar, o casal procura ajuda médica, cujo ao profissional além dos sintomas físicos é informado sobre a dificuldade que o casal está tendo para conceber e o comportamento do pintor em estar se vestindo de mulher. O médico não parece surpreso, afirma que já havia se deparado com casos similares e explica possíveis causas fisiológicas para o comportamento. O que se destaca como marcas da estigmatização e patologização do fenômeno tanto da transexualidade quanto da homossexualidade, é a fala do médico que procura tranquilizar seu paciente informando que se seu diagnóstico estiver correto, o que o acomete tem cura. No final do século XIX e início do século XX questões relacionadas a homossexualidades estavam sob a tutela da médica, psicologia e psiquiatria, que seguiam uma tendência de higienização social, no qual buscou produzir uma patologização para comportamentos sexuais diferentes dos aceitos como normais para a época (ALDEMAN, 2000).

Einar/Lili procurou respostas consultando diversos profissionais, que fizeram os mais diversos diagnósticos, dentre eles problemas com fertilidade, perversão e provavelmente esquizofrenia/psicose, já que precisou fugir

pela janela do consultório, pois percebeu, certamente, que seria internado em uma instituição psiquiátrica. Não obstante, além dos diversos diagnósticos se submeteu a diversos tratamentos, dentre eles radiação aplicada na genitália e eletrochoques, comuns para época.

Apesar de Lili ter sido agredida por dois homens em praça pública, pode-se dizer que a esfera médica/saúde foi a que o personagem mais teria sofrido preconceitos diante do posicionamento patologizante do fenômeno. Apesar de ser sabido que se tratava do entendimento a respeito do assunto para a época, Carvalho e Oliveira (2017) já que maneiras de coibir a sexualidade dos sujeitos tem a função de reprimir, diminuir e eliminar as práticas sexuais tidas como desviantes da norma da heterossexualidade e modelo de família nuclear burguesa.

Quanto as demais questões referenciadas à transexualidade no filme, mostra-se de maneira leve e não estereotipada a vivência deste fenômeno, pois a mulher transexual diz respeito a uma pessoa que nasceu com o aparelho reprodutor masculino, porém se identifica como mulher culturalmente determinada, sendo sexo biológico não sinônimo de identidade de gênero (SALEIRO, 2013; LAU, 2020). Esta representação pode ser observada em dado momento do filme, que após um mal-estar, Einar sai de casa e vai para o teatro de apresentações, mais especificamente para um local parecido com um vestiário, onde se posiciona a frente de um espelho e ali, caracterizado com vestimentas masculinas, visivelmente não se reconhece. De imediato tira toda a roupa e observa o corpo, posiciona o pênis para trás e assim, ao esconder o órgão, consegue vislumbrar uma figura menos masculina, cujo estímulo visual gera satisfação.

Inclusive, em certo momento Lili, ao ser vista por Gerda caminhando de braços dados com um rapaz, esclarece a

pintora que não se trata de um relacionamento amoroso, pois o rapaz é homossexual. Ou seja, nesta explicação é possível entender que, ela, enquanto mulher, não seria objeto de desejo para o rapaz, se tratando de uma relação apenas de amizade. Segundo Saleiro, 2013 a homossexualidade está relacionada a orientação sexual do sujeito, tendo ligação com a maneira de viver a sexualidade, enquanto a transexualidade tem relação a respeito da percepção de si.

Diante destas questões de identificação, Lili finalmente encontra um médico que possa ajudá-la enquanto Lili e não mais como o já sepultado Einar. Apesar dos riscos que a cirurgia de remoção do pênis e posteriormente criação de uma vagina ofereciam, Lili aceita o desafio, mas infelizmente não resiste à última cirurgia e morre.

Considerações finais

O filme trabalhou o assunto da transexualidade de maneira a fazer o telespectador enxergar pelas lentes daqueles que assim o são, mostrando as dificuldades de se olhar no espelho e não se identificar com a imagem que ali se apresenta. Bem como teve a função de contar a história da primeira pessoa a realizar a cirurgia de mudança de sexo.

As dificuldades vividas pelo personagem, nos mostram o quão difícil a sociedade pode tornar a sobrevivência de uma pessoa que apenas deseja ser quem é. Diversas áreas da vida cotidiana, que em tese deveriam colaborar com a minimização do sofrimento, só aumentaram. Alicerçando-se em estruturas preconceituosas, estigmatizantes e heteronormativas, buscando extinguir a todo custo os comportamentos ou aqueles que fugiam à regra estabelecida, arbitrariamente. Lili buscava a si, buscava o autoconhecimento, entretanto,

todos em seu caminho procuraram eliminá-la, como se ela fosse uma doença, um parasita que sugava a vida de Einar.

O filme nos permite observar o quanto um sistema social punitivo e repressivo foi capaz de deixar Lili latente por tanto tempo, e como valor reforçador de se encontrar motivou Lili a nunca mais se esconder. Como, mesmo com o tempo perdido com Einar, não foi capaz de que ela aprendesse os detalhes de ser uma mulher.

Entretanto, deve-se dar crédito também ao papel do ambiente neste contexto, pois talvez, se não tivesse havido um meio permissivo, tais estímulos, provavelmente, não teriam desencadeado o ressurgimento de Lili, pois podemos entender que se comportar como Einar, tratava-se da resposta de esquiva deste sujeito que, assim evitava a punição que desviar da norma lhe exporia e ao mesmo tempo recebia o reforçamento negativo de comportasse relativamente com o que se esperava.

Sabe-se que este é um filme renomado e premiado, que além da história contada de maneira a desmistificar e humanizar as pessoas transexuais, é interpretado por excelentes atores e atrizes, entretanto chama a atenção que, em um projeto artístico com esses predicados, o ator que interpreta uma pessoa transexual não é transexual.

Há diversos atores e atrizes transexuais no mercado hollywoodiano à espera de uma oportunidade de trabalho. E a questão não é apenas sobre a escolha do ator, mas também sobre como essa escolha foi feita, se pessoas transexuais foram cogitadas, ou selecionadas para fases de testes de elenco. Assim, não está se dizendo que não haver uma pessoa trans anulou a obra ou suas reflexões que ela traz, mas causa estranheza, como se fosse uma mensagem ambígua e contraditória em que nos diz, de maneira errada, o que é o certo.

Referências

ADELMAN, M. Paradoxos da identidade: A política de orientação sexual no século XX. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba. N, 14, p. 163-171, jun, 2000.

AMANAJÁS, I. Drag quen: Um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. **Revista Belas Artes**. v. 6, n. 16, p. 1-23, 2015.

BENEVIDES, B.; NOGUEIRA, S. N. B. **Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**, 2019. Recuperado de: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dosassassinatos-e-violencia-contrapessoas-trans-em-2018.pdf>>. Acesso em: 3 mar 2020.

CARVALHO, G, P; OLIVEIRA, A. S. Q. Discurso, poder e sexualidade em Foucault. **Revista Dialectus (Dossiê Michel Foucault)**, n. 11, p. 100-115, ago-dez 2017.

CASTEL, P-H. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001.

HECK, N. C. Group psychotherapy with transgender and gender nonconforming adults: evidence-based practice applications. **Psychiatric Clinics of North America**, v. 40, n. 1, p. 157-175, 2017. doi:10.1016/j.psc.2016.10.010

CARRARA, K. Ecos da “revolução de Holland” na contemporaneidade: práticas culturais, ética e compromisso social. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, vol. XVIII, p. 84-94, 2016.

LAU, H. D. **Pelo Direito e Orgulho de ser Heterossexual no Terceiro Domingo de Dezembro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

MUSSI, S. V.; MALERBI, F. E. K. Análise de contingências a partir dos relatos de pessoas transgênero em um livro autobiográfico. **Psicologia Revista São Paulo**, v. 29, n. 1, p. 134-156, 2020. doi.org/10.23925/2594-3871.2020v29i1p134-156.

SALEIRO, S. P. **Trans Gêneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de gênero.** Tese. Doutorado, Sociologia. ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, 2013.

SERIO, T. M. de A. P. O behaviorismo radical e a psicologia como ciência. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 247-262, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 mar 2021.

SIDMAN, M. **Coerção e suas Implicações.** Campinas: Editorial Psy, 1989.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior.** New York/London: The Free Press, 1953.

SKINNER, B. F. **Contingências de reforço: Uma análise teórica.** São Paulo: Editora Abril, 1969.

Capítulo 12

POSE: UM OLHAR SOBRE A AFETIVIDADE TRANS-CIS

Camila Silva Berto
Larissa Neves da Costa
Sarah Fernandes Mascarenhas de Souza

Introdução

Tem-se tornado cada vez mais comuns discussões, nos mais diversos âmbitos, sobre transexualidade, sendo possível dizer que sua visibilidade constitui um fenômeno contemporâneo (SANTOS, 2011). Tendo como finalidade discorrer sobre a personagem de uma série, cuja identidade corresponde a uma mulher trans, faz-se necessário a realização de alguns apontamentos sobre as noções de corpo, gênero e sexualidade.

É comum que esta última seja compreendida e representada como um fenômeno natural, inato e existente *a priori*, um tipo de instinto ou ímpeto sobre o qual um controle deve ser exercido. No entanto, contestando essa concepção recorrente, Michel Foucault (1999) nos apresenta a sexualidade enquanto um dispositivo histórico. Conceito central na obra do francês, um dispositivo pode ser compreendido como uma rede que se estabelece entre um conjunto heterogêneo de “práticas discursivas e não discursivas, instituições, leis, enunciados científicos, filosóficos e morais (que) incidem sobre a constituição das pessoas” (SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019, p. 5) e conferem racionalidade a determinados campos (SANTOS, 2011).

A sexualidade deixa, portanto, de ser pensada como natural, e torna-se análoga a uma rede de saberes e poderes, com caráter histórico e contigencial, envolvendo um objeto que, até então, vinha sendo abordado pela religião: o sexo. Se antes os discursos sobre esse tema eram abordados pela moral, a partir do século XVIII o sexo é tomado pela racionalidade: desse momento em diante, torna-se um objeto a ser gerido e regulado (FOUCAULT, 1999). Assim,

A sexualidade é o nome que pode se dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (FOUCAULT, 1999, p.100).

Nesse contexto, a medicina emerge como saber privilegiado, estabelecendo uma espécie de “ortopedia do sexo” ocupada em medicalizar os corpos e comportamentos considerados desviantes, os quais passam a integrar a categoria das “perversões” (FOUCAULT, 1999; SANTOS, 2011). Se em um primeiro momento a homossexualidade foi a principal representante dessa categoria, ao longo do tempo a transexualidade foi-se constituindo como um objeto particular, alvo de um conjunto teórico e prático que a colocou dentro do campo da medicina e, mais especificamente, da psiquiatria (SANTOS, 2011).

É assim que, na década de 50, começam a surgir os primeiros estudos realizados por médicos voltados à compreensão do “fenômeno transexual” e, posteriormente, na década de 70 a transexualidade passa a ser tratada como “disforia de gênero”. Dentre seus objetivos, esses estudos

iniciais pretendiam caracterizar e diferenciar a transexualidade em relação à homossexualidade, objetivo que acaba atingindo uma maior concretude em 1980, quando a transexualidade é inserida tanto no Código Internacional de Doenças (CID), quanto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) sob a categoria de “Transtornos de Identidade de Gênero” (BENTO; PELÚCIO, 2012; SANTOS, 2011).

O CID incluiu, durante muito tempo, outros diagnósticos além do “transtorno da identidade sexual”, como o “travestismo” e o “transtorno de identidade sexual na infância” (BENTO; PELÚCIO, 2012; SANTOS, 2011), e apenas recentemente, em 2018, deixou de considerar a transexualidade um transtorno, passando a incluí-la na categoria de Condições Relativas à Saúde Mental (SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019). Os critérios utilizados giram em torno de uma forte identificação com o gênero oposto ao designado no nascimento, bem como um desconforto em relação ao próprio corpo, sendo possível dizer que se encontram fundamentados na noção de uma suposta coerência entre corpo, gênero e sexualidade. Consequentemente, qualquer forma de deslocamento do gênero em relação ao sexo biológico assume o significado patológico (BENTO; PELÚCIO, 2012).

Desse modo, tais manuais apresentam o dimorfismo e a heterossexualidade como norma, seja porque concebem a diferença sexual a partir de uma perspectiva binária, segundo a qual os atributos masculinos e femininos seriam complementares, ou porque o sexo é entendido como a essência ou substância sobre a qual o gênero se desenvolve, podendo ou não estabelecer uma suposta relação de linearidade (BENTO; PELÚCIO, 2012).

É esta suposta relação de linearidade ou coerência entre genitália, performance, desejo e práticas eróticas que

caracteriza aquilo que Judith Butler denomina como gêneros inteligíveis: aqueles gêneros cujas experiências são reconhecidas como legítimas. De forma contrária, aqueles gêneros caracterizados por sua não conformidade a esse arranjo determinado, são excluídos do campo da inteligibilidade, tornando-se existências ou identidades abjetas (BENTO; PELÚCIO, 2012; FIRMINO; PORCHAT, 2017).

Em oposição a essa perspectiva naturalizante, Butler compreende ambos, sexo e gênero, como efeitos de discurso (FIRMINO; PORCHAT, 2017). Isso porque, para a filósofa estadunidense, não há corpo que exista pré-discursivamente, que não esteja desde o princípio submetido aos significados culturais, de forma que somente após, e devido à, sua inserção no discurso, o corpo passa a ser investido pela ideia de um sexo natural (FIRMINO; PORCHAT, 2017; SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019). Quanto ao gênero, este é apreendido através do conceito de performatividade: é comum a ideia de que nos comportamos e nos expressamos de determinada maneira em decorrência do gênero ao qual pertencemos, isto é, da nossa identidade. Butler realiza uma torção neste pensamento, demonstrando que, na verdade, é porque agimos e nos expressamos de determinada maneira que “pertencemos” a um determinado gênero. Portanto, são os “atos, gestos e atuações (que) produzem o efeito de um núcleo ou substância. Esses atos são performativos, no sentido de que a identidade que pretendem expressar é fabricada por eles” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 57).

Cabe indicar, ainda, que a forma como aprendemos esses atos e gestos chegam a nós na forma de um imperativo. Há um conjunto de normas sobre como devemos agir, nos expressar e a quem devemos desejar, as quais nos são apresentadas a depender do nosso sexo. Por isso, Butler nos fala de um contexto caracterizado por uma

heteronormatividade e heterossexualidade compulsória, em que a complementaridade entre feminino e masculino nos é apresentada como um fato natural, e a linearidade entre pênis/masculino/atração-por-mulheres ou vagina/feminina/atração-por-homens como única experiência válida (LORMANDO; NARDI, 2013; PORCHAT, 2017). Na esteira desses apontamentos, Silva, Souza e Bezerra (2019) também apontam para uma cisgeneridade compulsória, evidenciando a forma como as construções sobre sexualidade incidem sobre as identidades de gênero.

O termo cisgeneridade pode ser utilizado em contraposição à noção de transgeneridade: enquanto este designa a experiência das pessoas cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo designado no nascimento em função de sua genitália, aquele caracteriza a experiência das pessoas cuja identidade e sexo biológico se encontram dentro da linearidade estabelecida. Contudo, o termo cisgeneridade também pode ser utilizado como uma maneira de evidenciar a arbitrariedade e a artificialidade dos padrões de gênero e sexualidade estabelecidos. Dessa forma, ao invés de enfatizar as experiências trans, tomando-as como diferentes ou diversas, pretende demonstrar que ambas, cisgeneridade e transexualidade, representam identificações de gênero, não sendo uma mais natural do que a outra (SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019).

Ademais, a utilização do termo cis também possibilita a percepção da enorme desigualdade existente entre as pessoas desse “grupo” e as pessoas trans, principalmente no que toca às violências cotidianas que acometem essa segunda população: desde a expulsão e/ou exclusão dos mais diversos ambientes (familiar, escolar, de saúde), a dificuldade para inserção no mercado de trabalho formal, chegando à morte simplesmente por serem pessoas que não se enquadram nos padrões cisnormativos. Em

contrapartida à noção de cisgeneridade, a transgeneridade emerge como um conceito que reúne diversas formas de experiências e identidades: pessoas travestis, transexuais, transgêneros, intersexo, entre outras (SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019).

Se, em conformidade com Butler, compreendemos que o gênero não corresponde a uma identidade substancial, um núcleo pré-definido, causa de nossos desejos e comportamentos, mas sim como efeito de práticas executadas reiteradamente e, para além disso, que essas práticas não são escolhidas livremente, mas se fazem imersas em um contexto de heterossexualidade compulsória, nos questionamos se, e de que forma, as ações e os papéis sociais assumidos em relações afetivas e de conjugalidade podem contribuir ou romper com os padrões de feminilidade e masculinidade. Mais especificamente, pretendemos refletir aqui, como os padrões de feminilidade e masculinidade podem fazer-se presentes nas relações entre mulheres trans e homens cis.

Um estudo realizado por Zampiroli (2018) demonstrou que se a família é uma instituição que vem sofrendo desinvestimento nos últimos anos, quando se trata de homens e mulheres trans, ela continua sendo visualizada como um objetivo ideal a ser conquistado. Isso porque para essas pessoas, que muitas vezes não têm sua própria existência reconhecida e que desde muito cedo se veem privadas de espaços e afetos, fazer parte de uma família pode significar “a cristalização de seu pertencimento a uma rede maior e hegemônica de afetos positivos” (ZAMPIROLI, 2018, p. 150). Mais especificamente no caso de mulheres trans, o autor aponta como a vontade de viver um relacionamento dentro do modelo romântico-monogâmico indica uma contiguidade existente entre o “ser esposa” e o “ser mulher”. Ademais, não podemos deixar de considerar

que, como aponta Pelúcio (2006) a busca pela vivência de relações em conformidade com os arranjos considerados legítimos, representados pelo modelo hegemônico de família nuclear, heterossexual e monogâmica indica uma expectativa de que suas relações ganhem “contornos inteligíveis” e possam, finalmente, serem reconhecidas dentro e fora da rede social do casal.

Pode-se perceber que nas relações entre mulheres trans ou travestis e homens cis os padrões e os estereótipos do que se supõe masculino e feminino permanecem: no que toca ao modelo de masculinidade hegemônica, um “homem de verdade” continua sendo aquele provedor e protetor, representado por uma figura fria e racional, tendo a posse do corpo de sua parceira, um corpo marcado pela feminilidade e sensibilidade. O ciúme também emerge como ponto de destaque nas relações, estando relacionado à dinâmica de cuidado-controle e, algumas vezes, significando a possibilidade de “ser amada” (PELÚCIO, 2006; ZAMPIROLI, 2018), o que possibilita a compreensão de que “amor, ciúmes, cuidado e controle são afetos generificados, expressos, praticados e atualizados de acordo com papéis de gêneros já estabelecidos” (ZAMPIROLI, 2018, p. 155).

Dessa forma, a reprodução de padrões heteronormativos nas relações e a exigência de certos estereótipos de gênero por parte das(os) parceiras(os), atuam como uma forma de assegurar uma posição identitária aos sujeitos, seja em relacionamentos cis, trans ou cis-trans (LORMANDO; NARDI, 2013). Há, contudo, particularidades nessa dinâmica para sujeitos trans: mesmo reproduzindo modelos hegemônicos legitimados, suas relações continuam desestabilizando a normatividade, simplesmente por incorporarem corpos e identidades consideradas abjetas, permanecendo, assim, em um espaço

social não definido ou um não-lugar (PELÚCIO, 2006; ZAMPIROLI, 2018). Evidencia-se, então, um paradoxo, já que na base dessas relações encontra-se o desejo por aceitação social, mas “conseguí-la negando a norma parece tão difícil e desafiador quanto logrará-la dentro desta mesma norma” (PELÚCIO, 2006, p. 532). Além de produzir uma tensão constante nos relacionamentos cis-trans, esse paradoxo emerge como gerador de ansiedade para os sujeitos trans e travestis (LORMANDO; NARDI, 2013).

Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Pose</i> (1º temporada, episódios 1 a 4)
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Drama
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês
Duração	52 min por episódio
Direção	Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals

Pose é uma série televisiva do ano de 2018 que narra a vida da população LGBTQIA+ numa Nova York dos anos 80 e 90, mais especificamente dentro do contexto cultural dos chamados “bailes”. Os bailes configuraram-se como espaço de reuniões, competições e celebrações desses grupos, idealizados pela comunidade LGBTQIA+ como uma maneira de viverem seus sonhos numa época marcada por lutas pela sobrevivência, contra o preconceito e a AIDS.

A série retrata, principalmente, a dinâmica de vida de homens gays e mulheres trans, membros dessa comunidade. Ademais, é comum a organização dessa população em “casas”, o equivalente a núcleos familiares

liderados geralmente por mulheres trans com experiência dentro da cultura dos bailes, onde estas acabam sendo reconhecidas como “mães”. Blanca Evangelista, uma mulher trans dominicana, se torna mãe ao fundar a Casa Evangelista e acolher em seu lar pessoas como Damon e Angel, suas “crianças”. Damon é um jovem gay negro que foi expulso de casa pelos pais devido a sua paixão pela dança e sua sexualidade, tendo como destino a rua. Já Angel é jovem uma mulher trans porto-riquenha que se prostitui no píer local como meio de sobrevivência, configurando-se como uma das figuras centrais no presente capítulo.

Análise Crítica

A presente discussão pretende compreender os fatores sociais e psicológicos percebidos dentro da dinâmica relacional entre Angel, uma mulher trans, pertencente à cultura dos bailes de Nova York e a famílias compostas por pessoas LGBTQIA+ e, nesse caso, lideradas por mulheres trans, e Stan, um homem cis de Nova Jersey, casado e com dois filhos, que se tornou executivo na empresa de Donald Trump, iniciando seu próprio sonho americano.

Os dois se conhecem após a admissão de Stan na nova empresa quando para comemorar, depois de passar repetidamente no mesmo lugar, ele decide parar em um dos locais do píer que concentra garotas de programa, dentre as quais encontra-se Angel. Após breve conversa, eles se dirigem a um hotel onde se apresentam, ouvem música e conversam, até que Stan pede que Angel tire a roupa e eles comentam sobre partes de si que gostariam de mudar: Angel por fora, Stan por dentro.

Ao despir-se, Angel diz que está guardando dinheiro para a chamada cirurgia de redesignação sexual,

demonstrando a vontade de ter ainda mais aspectos femininos e ir em direção a um gênero inteligível, apresentando uma coerência entre gênero, sexo desejo e prática sexual (FIRMINO; PORCHAT, 2017).

Deitados juntos enquanto olham para o teto, Stan pergunta:

Stan: Você. Conte-me sobre você. O que quer da vida?

Angel: Nunca me perguntaram isso antes. Quero minha própria casa. Quero uma família, quero cuidar de alguém e quero que alguém cuide de mim. Quero ser tratada como qualquer outra mulher. Esse é meu sonho.

A fala de Angel é significativa desde seu princípio, pois ao dizer que ninguém havia perguntado isso para ela, demonstra um ato pequeno, porém humanizador de Stan que demonstra interesse não apenas pelo seu corpo, mas também pelos seus desejos e planos. E então, ao falar sobre seus sonhos, podemos pensar que Angel indica a crença de que sua posição subalterna será revista a partir do modelo familiar hegemônico e da relação heterossexual, dois componentes que afirmam sua opressão, mas que são buscados com o intuito de que, através deles, seja construída uma rede de afetos positivos a que ela enfim pertença (ZAMPIROLI, 2017, 2018). Sendo assim, seu desejo de constituir uma família emerge especialmente porque essa família é também um modo de se afirmar como mulher e negar um papel de inferioridade e exclusão. Assim, Angel sonha com a possibilidade de que a companhia e a construção de uma família junto de um homem a afirmem como mulher.

Portanto, essa cena demonstra a corrida longa e incessante que pessoas trans e travestis enfrentam em busca da inteligibilidade e afirmação de seu gênero através das mudanças corporais e da busca pelo papel de esposa, que as introduz num cenário de legitimidade,

pavimentando seu lugar social (ZAMPIROLI, 2018). Ainda assim, de acordo com Pelúcio (2006), isso tende a ser insuficiente, visto que a cisheteronormatividade não atribui coerência a essas relações e oferecem a elas um não-lugar, demonstrando, assim, que a norma não pode ser alcançada por esses sujeitos, pois esta existe em detrimento deles, minando seus espaços de legitimidade.

Na situação que antecede a próxima cena analisada, Angel trabalha no Show World, um lugar destinado ao público adulto composto por salas privativas onde o cliente coloca uma ficha e pode ver uma mulher dançar através de um vidro. Stan vai até o lugar à procura de Angel, coloca a ficha e eles conversam enquanto ela dança para ele.

No diálogo evidenciam-se fatores importantes como a curiosidade e o ciúme de Stan acerca do trabalho de Angel, o qual ela rebate dizendo que *“pareço uma concubina para você? Uma concubina estaria em um apartamento alto em Riverdale com a geladeira cheia de compras e um casaco de vison no closet”*. Stan ainda demonstra uma espécie de obsessão desenvolvida por ela, afirmando não conseguir parar de pensar na moça. Angel se mostra incomodada com seu comportamento, visto que mal se conheciam e há muito não se viam. Além disso, afirma que o local proporciona segurança, já que consegue um bom dinheiro sem que ninguém a toque, diferentemente de quando se prostituía no píer local. Assim, deixa claro que, apesar de qualquer insegurança e ciúme de Stan, ela precisa de sustento.

Com isso, compreendemos que Angel concebe o ciúme de um par válido apenas se acompanhado da segurança e proteção que ele pode proporcionar, como por meio de uma casa, por exemplo. Essa é uma noção importante para a compreensão da cena que analisaremos, em que, logo após conversarem no Show World, os dois se encontram em uma lanchonete do bairro no intervalo de Angel:

Stan: *Não gosto de outros homens tocando você.
Quanto ganha por semana?*
Angel: *Está tentando me controlar, amor?*
Stan: *Desculpe, não quis dizer dessa maneira.
E se eu conseguisse um lugar para você?*

Aqui observamos um movimento em conformidade com a concepção de Zampiroli (2017) de que são genericados afetos como o amor, ciúmes, cuidado e controle, sendo expressos, praticados e atualizados em consonância com os papéis de gênero pré-estabelecidos. Assim, o cuidado vem pela parte de Stan, que oferece à Angel uma casa e dinheiro para que largue a prostituição. Esse cuidado vem motivado pelo amor que acredita ter desenvolvido por Angel, mas também pelo grande ciúme que sente pela sua exposição a outros homens. Com isso, Stan garante não apenas a segurança de Angel, o que é seu dever como homem protetor, mas também sua purificação, a retirando de um espaço onde seu corpo é público e o tornando privativo, já que é o papel de Angel, enquanto mulher, manter-se limpa, ou como ela mesma diz “uma concubina”.

Ainda na mesma cena, Stan enfatiza a Angel os limites de sua proposta:

(...)
*Mas não posso deixar a minha esposa, ou prometer que posso te ver todo dia.
Não posso te ajudar se eu não continuar com minha vida.*
Angel: *Eu deveria recusar, não é? Exigir compromisso.
Mas também aprendi a manter minha dignidade, mesmo quando estou rastejando por migalhas debaixo da mesa. O que eu sei é que terei um teto, pouco dinheiro para gastar com roupas para os bailes, e minhas chances de não ser morta na sarjeta aumentam consideravelmente. Estou satisfeita com isso por enquanto.*

Observamos, na cena como um todo, a linha tênue entre o cuidado e controle sobre a qual discorre Zampiroli (2017), constituindo um modo operacional para a “manutenção do modelo de conjugalidade afetivo monogâmico e de não equidade nas permissões “oficiais” de afetividade e sexualidade” (ZAMPIROLI, 2017, p.3). Nesse sentido, Angel deve abandonar a prostituição, e como consequência, sua autonomia financeira, sob a promessa de purificação, dando exclusividade afetiva e sexual à Stan. Contudo, Stan não abandonará sua esposa como Angel abandonará a prostituição, trazendo como justificativa o fato de esse ser o único meio possível de que ele a ajude.

Assim, Angel fará mais concessões da ordem afetiva e sexual do que Stan para a manutenção da relação, configurando uma relação não equânime. No entanto, a barganha feita por Stan encontra fundamentação para além do desejo de controle sobre Angel, já que atribuir à relação com Angel um caráter público configura-se como desestabilizador das normatividades, uma vez que integra um corpo considerado abjeto pela ordem hegemônica constituída na família (ZAMPIROLI, 2018). Dessa forma, podemos pensar que, caso Stan realmente viesse à público com sua relação com Angel, uma mulher trans, muito provavelmente ele não manteria seu status, sua família, seu emprego, e conseqüentemente, o estilo de vida que o possibilita oferecer à Angel uma vida longe da prostituição.

É com isso em mente que Angel, apesar de compreender a subalternidade da posição que lhe é oferecida na vida de Stan, aceita as condições, uma vez que é simultaneamente uma posição de segurança e cuidado, aspectos sempre muito raros em sua vida, demonstrando a complexidade da relação. Nesse sentido, fica claro como “a incessante negociação de fronteiras simbólicas e corporais

é um locus agonístico na malha do dia-a-dia do casal” (ZAMPIROLI, 2018, p. 150).

Decorrido algum tempo desde a última situação, a cena seguinte se passa no dia em que Stan leva Angel para conhecer o novo apartamento:

*Angel: Isso é tão lindo. Meu Deus. Eu não sei o que dizer.
Sinto-me tão segura aqui. Como se nada pudesse me machucar.
Pode me prometer algo?
No Natal, sei que você tem filhos e tal. Mas se pudesse vir à noite, mesmo que só por uma hora. Para um copo de gemada ou qualquer coisa.
Faria esse lugar parecer um lar para mim.
Stan: Claro que virei.*

A potência contida na cena se revela na fala de Angel, que faz um pedido à Stan, demonstrando a importância de o seu novo apartamento “parecer um lar” para ela. O desejo de construir uma noção de família para que a casa ganhe o status de lar, ilustrado por Zampiroli (2017), não se configura como desejo de conformidade aos moldes tradicionais, como pode parecer, mas sim como recusa à posição subalterna. Assim, por meio dessa fala, Angel faz uma reivindicação ao direito do qual também goza - ou deveria gozar -, de ter uma família e ser amada plenamente por um homem, uma reivindicação ao direito de pertencer.

Ainda é possível pensar que, uma vez que “um dos requisitos fundamentais do marido (e da manutenção da relação conjugal) é, pois, a garantia do desempenho ativo” (SEFFNER; MÜLLER, 2012, p.290), Angel reivindica que o papel de Stan, como homem da casa, é estar presente no Natal, mesmo que “só por uma hora”. Dessa forma, Angel reforça em si o papel feminino de quem o aguarda com um copo de gemada, colocando-a dessa vez em um papel de

passividade e cuidado, como a esposa típica, já que ao tornar-se esposa, Angel avançaria mais uma etapa na construção de si como mulher (ZAMPIROLI, 2018). Tal demarcação, própria de uma conjugalidade heteronormativa, permite-nos concluir a relevância de papéis de gênero bem delimitados na relação entre pessoas cis e trans (SEFFNER; MÜLLER, 2018).

A última cena da qual iremos tratar acontece no apartamento de Angel, ela e Stan se divertem dançando e bebendo, porém ao começarem a transar, Stan tem dificuldades para conseguir uma ereção e acredita que isso ocorre por conta da bebida. Angel passa a ficar desconfiada, acreditando que isso está acontecendo pois Stan perdeu o desejo por ela ou porque sente mais desejo pela sua esposa, que é mais curvilínea. Angel se mostra confusa sobre o motivo pelo qual Stan a procurou, já que não se sente mais tão desejada, Stan explica que estava curioso e amedrontado, mas que não pôde se conter e buscou por ela no píer, ao que Angel responde:

Angel: Fui um experimento para você.

Stan: Não pense que é um experimento.

Angel: Como que da última vez que estávamos curtindo, você demorou para se excitar e você foi brincar com meu pau? E daí ficou feito pedra.

Stan: Fiz aquilo por você. Deu para ver que você estava gostando. Pensei que você gostaria.

Angel: Eu já disse, não gosto disso! Fiz isso por você! Você é gay?

Stan: Não! Não sou gay.

Angel: Já saiu com homens antes?

Stan: Não. Nunca. Não tenho interesse nisso. De jeito nenhum. Já falei isso. Não pense que nunca pensei a respeito. Apenas gosto de você. Não sei por quê, só gosto.

Angel: Ainda ia me querer se eu fizesse mudança de sexo?

Stan: Quero que faça o que quiser, mas sim.

Tal diálogo demonstra diversos aspectos que podem estar presentes numa relação ente um homem cis e uma mulher trans. Angel demonstra insegurança sobre seu corpo, acredita que ele não é do agrado dos homens, que gostam de corpos mais avantajados, sentimento que ganha forças quando descobre que a esposa de Stan passou a ter outro formato de corpo após a gravidez. De acordo com Seffner e Müller (2012) a questão do corpo para mulheres trans está diretamente relacionado à sua imagem de mulher, mas também prescreve a sua relação com seus afetos, pois a demonstração de sua feminilidade afirma a masculinidade de seu companheiro, e vice-versa.

Com a sua feminilidade em cheque por ter poucas curvas e pela suposta falta de desejo de Stan demonstrada pela dificuldade de ereção, Angel passa a duvidar da heterossexualidade de Stan, lembrando-se da ocasião em que Stan se demonstrou excitado após manipular o órgão genital dela. Tal visão demonstra que o modelo de conjugalidade trans pode estar baseado num ideal heteronormativo, delimitando com afinco quem é o “homem” e a “mulher” da relação para que sejam estabelecidos os parâmetros que levariam à suposta inteligibilidade (PELÚCIO,2006).

Sendo assim, também é posto em discussão a questão dos atos performativos, trazidos por Butler, como produtores da identidade visada e mantenedores de uma desejada unidade estável que regulariza a sexualidade dentro da binaridade de gênero e na heterossexualidade compulsória (FIRMINO; PORCHAT, 2017).

Isso significa que há uma busca incessante por uma performatividade que vá de acordo com a norma, retirando a possível maleabilidade da expressão de gênero na vivência e também minando as possibilidades durante o sexo, momento em que as unidades homem-másculo-ativo

e mulher-feminina-passiva devem ser reafirmadas (LORMANDO; NARDI, 2013) em razão de uma busca por ajustamento ao que é considerado correto e natural: a relação heterossexual (PELÚCIO, 2006), que se expressa desde a adaptação e modificação dos seus corpos e comportamentos, perpassando questões financeiras e chegando à sexualidade exercida pelo casal.

Considerações Finais

Em um contexto de aumento do debate de temas em torno do sexo e da sexualidade, *Pose* se destaca por trazer uma narrativa sensível e representativa sobre diversos temas como: homossexualidade, transexualidade, corpo trans, homoafetividade, afetividade trans, HIV e outros, trazendo um ponto de vista pioneiro na história da televisão e dos serviços de streaming. O trato sensível trazido pela produção dá visibilidade a esses temas, sem deixá-los cair em um estereótipo, e é por essa riqueza narrativa e de produção que a série já recebeu dois outros capítulos da Coleção Sexualidade & Mídias, um no volume I e outro no volume VII da coleção, que tratavam sobre educação sexual e homossexualidade e sobre o corpo trans, respectivamente.

Atualmente, um dos aspectos de grande valor em qualquer obra é a possibilidade de dar visibilidade a vivências e perspectivas não hegemônicas de modo sensível, e este é um dos méritos de *Pose*. A humanização de personagens tão negligenciados num momento tão sensível quanto o final dos anos 80 nos Estados Unidos, permite o desenvolvimento de muitos movimentos de conhecimento, reconhecimento e compreensão da alteridade nos telespectadores, provocando processos importantes de desvelamento de uma realidade vista como tabu.

É assim que nos deparamos com as pormenorizações da realidade de uma relação cis-trans, trazida à tona exatamente por suas especificidades, tanto nas suas diferenças em relação à afetividade cisheteronormativa quanto nas suas aproximações. A cena de Angel e Stan deitados na cama juntos, já no primeiro episódio, demonstra a série de diferenças representada por quem são, ela, uma mulher trans porto-riquenha que tira o seu sustento da prostituição, e ele, um homem cis branco que simboliza o sucesso do sonho americano: casa própria, esposa dedicada, filhos e emprego numa grande empresa, simbolizando-os como dois extremos e sinalizando que essa combinação trará suas idiosincrasias.

Sendo assim, ao longo dos quatro episódios analisados acompanhamos esses dois personagens na construção de uma relação afetiva que, desde o princípio, é permeada por contradições na medida em que, ao mesmo tempo que nega a cisheteronormatividade, também reproduz padrões de relações heterossexuais bastante fixos em estereótipos de gênero. Longe de pretendemos realizar uma culpabilização ou individualização da questão, ou de desconsiderar a transfobia vivenciada no cotidiano que pode funcionar como "catalisador da reificação das polaridades de gênero como solução" (LORMANDO; NARDI, 2013, p. 500), na verdade buscamos indicar como as diversas normas estabelecidas no campo da sexualidade perpassam todos os modelos de relações, constituindo formas de desejo, práticas e, em última instância, os próprios sujeitos.

Nesse sentido, visualizamos na discussão aqui empreendida, a potencialidade de questionarmos a cisgeneridade e a heterossexualidade compulsória, a fim de pensarmos modos de conjugalidade com práticas e regras

menos fixas e rígidas e, portanto, mais livres, seja em relações cis, trans ou cis-trans.

Referências

BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568, Aug. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de mar. 2021.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51–61, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819>. Acesso em: 19 mar. de 2021

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

LOMANDO, E.; NARDI, H. C. Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 493-503, Sept. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042013000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PELUCIO, L. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 522-534, Sept. 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 de mar. de 2021.

SANTOS, M.F.L. A invenção do dispositivo da transexualidade: produção de “verdades” e experiências trans. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 117-130, Dez. 2011. Disponível em https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaem_pauta/article/view/2937/0#:~:text=Objetivo%20central%20consiste%20em,%20da%20transexualidade%20uma%20patologia. Acesso em 20 de mar. de 2021.

SEFFNER, F.; MÜLLER, M. I. Quem ama sofre, quem sofre luta, quem luta vence: da conjugalidade entre travestis e seus maridos. **Sociedade e Cultura**, v. 15, n. 2, p. DOI: 10.5216/sec.v15i2.22397, 5 fev. de 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/22397/13409>>. Acesso em: 20 mar. 2021

SILVA, F. C.; SOUZA, E. M. F.; BEZERRA, M. A. (Trans)torcendo a norma cisgênera e seus derivados. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54397, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000200210&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ZAMPIROLI, O. Amores subterrâneos: família e conjugalidades em trajetória de prostitutas trans-travestis. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO O GÊNERO & 13th WOMEN’S WORLD CONGRESS, 2017, Florianópolis. **ANAIS**. Florianópolis, 2017. Disponível em <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498860980_ARQUIVO_AmoresSubterraneos-OswaldoZampiroli\(FG\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498860980_ARQUIVO_AmoresSubterraneos-OswaldoZampiroli(FG).pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ZAMPIROLI, O. Tornar-se esposa, fazer-se mulher: o casamento estabelecendo gênero nas relações conjugais de mulheres trans/travestis. **Teoria e Cultura**, v. 13, p. 143-160, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrj.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12401>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)

Alexandre Rimar Cintra. Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Membro do Laboratório de Análise do Comportamento e Neurociências - LACEN. Bolsista FAPESP. Áreas de atuação: Dependência de Jogos Eletrônicos, Comportamento Impulsivo.
E-mail: alrcintra@gmail.com

Amanda Novaes Rosa. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Coordenadora Discente do Cursinho Pré-Universitário Gratuito Primeiro de Maio da UNESP.
E-mail: amanda.n.rosa@unesp.br

Ana Lígia Alcaras. Graduada em Relações Internacionais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP Marília. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru.
E-mail: ana.ligia@unesp.br

Ana Luiza Zana Martins de Castro. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Bolsista de extensão do projeto “Da identificação de estudantes com indicadores de superdotação e suas áreas de interesses ao enriquecimento curricular: uma proposta interdisciplinar”. Líder na área de gestão de pessoas no projeto de extensão Centro de Voluntariado Universitário (CVU), Bauru-SP. Estagiária em Psicologia Escolar e Inclusão, Psicologia Social e Psicoterapia com crianças.
E-mail: ana.l.castro@unesp.br

Bianca Silva Augusto. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participação no Projeto Extensão Ativa

Parkinson da UNESP Bauru. Pesquisadora de iniciação científica (Bolsa CNPq) Áreas de atuação: psicólogo hospitalar, grupos reflexivos e comportamento verbal.
E-mail: bianca.augusto@unesp.br

Bianca Stangherlin. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Criação de projetos de empreendedorismo social, atuação em treinamento, desenvolvimento, gestão de projetos e gestão de pessoas e grupos por meio da Interage Empresa Júnior de Psicologia, Enactus Bauru, extensão de Grêmios Estudantis e Biblioteca Falada. Estagiária de Psicologia Clínica na abordagem da Análise do Comportamento e em Psicologia Social Comunitária.
E-mail: bianca.stangherlin@unesp.br

Bruna Letícia Seles Souza. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Foi bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET - Saúde/Interprofissionalidade. Participação do Projeto extensão “Educação Permanente na Área da Saúde” e do cursinho pré-vestibular Primeiro de Maio vinculado à UNESP-Bauru/SP como professora voluntária.
E-mail: bruna.leticia@unesp.br

Camila Silva Berto. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participa dos grupos de pesquisa Gênero, Psicanálise e Sexualidade (GPS) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC). Estagiária em clínica psicanalítica, educação sexual e psicologia social. Áreas de atuação: psicanálise, gênero, sexualidade e psicologia social.
E-mail: camila.berto@unesp.br

Elen Fernanda Sciensa. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Foi bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e integrante bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde)/Interprofissionalidade. Bolsista de extensão do projeto Ativa Parkinson. Membro do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) da UNESP Bauru. Estagiária em Educação Sexual, Psicologia Social e Psicoterapia com crianças.
E-mail: elen.sciensa@unesp.br

Gabriel Oliveira Mendes Correia. Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Orientação Profissional e de Carreira, clínica analítico comportamental infantil e masculinidades e violência.
E-mail: gabriel.correia@unesp.br

Gabriel Ribeiro Cabral. Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Psicologia Clínica, Psicologia Organizacional e do Trabalho.
E-mail: gabriel.cabral@unesp.br

Gabrielli Aparecida da Silva. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Psicologia clínica, Psicologia escolar e Orientação profissional.
E-mail: gabrielliaps@gmail.com

Giovana Maschieri Bicudo. Graduanda do Curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participa da Interage Empresa Júnior de Psicologia. Estagiária de Psicologia Clínica na abordagem da Análise do Comportamento e em Psicologia Social Comunitária.
E-mail: giovana.maschieri@unesp.br

Guilherme Jacob Cintra. Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiário de Psicologia Clínica: Clínica Psicanalítica de Adolescentes, Psicologia e Trabalho: Orientação Profissional e para o Trabalho e Psicologia Social: Saúde Mental, Grupos e Instituições
E-mail: guilhermejcintra@hotmail.com

Isabella Janini Misson. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Psicologia Comportamental, Psicologia experimental e Psicologia Clínica. Bolsista de iniciação científica (FAPESP).
E-mail: isabella_1000@hotmail.com

Lara Sorita Contarin. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Membro do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial - NTAPS. Áreas de atuação: Análise do Comportamento aplicada à Clínica e Formação de Terapeutas Analítico-Comportamentais.
E-mail: laracontarin@outlook.com

Larissa Angelocci. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participou do projeto extensão Educação Permanente na Área da Saúde. Atua no Acolhimento do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial da UNESP. Participa do cursinho pré-vestibular Primeiro de Maio vinculado à UNESP-Bauru/SP como professora voluntária.
E-mail: larissa.angelocci@unesp.br

Larissa Neves da Costa. Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participa do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura - GEPESSEC. Estagiária em Clínica Comportamental. Áreas de interesse: análise do

comportamento, educação sexual, relacionamentos interpessoais.

E-mail: neves.costa@unesp.br

Marcos Vinicius Santos Alencar. Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Membro do Laboratório de Aprendizagem, Desenvolvimento e Saúde (LADS), e do Laboratório de Análise do Comportamento e Neurociências (LACEN). Foi Gerente de Qualidade da Interage Empresa Jr de Psicologia.

E-mail: alencar-marcos@hotmail.com

Paloma Bonato Sponchiato: Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. É membro do setor de Gestão de Pessoas da Equipe PAC Baja, projeto de extensão universitária de Engenharia Mecânica. Faz parte do projeto de extensão “Identificação de estudantes com indicadores de superdotação e suas áreas de interesses ao enriquecimento curricular: uma proposta interdisciplinar”. Estagiária em Psicologia Clínica através de abordagem Comportamental, Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano.

E-mail: paloma.sponchiato@unesp.br

Rafael Edgar da Silva. Dançarino profissional. Graduando do Curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET Saúde - Interprofissionalidade). Professor de filosofia e Sociologia no Cursinho Ferradura.

E-mail: rafael.edgar@unesp.br

Raphael Mendonça Francisco. Graduando do Curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Membro do grupo de pesquisa

“Psicanálise: Clínica, Teoria e Cultura”. Áreas de atuação: Psicanálise, cultura, música, arte.
E-mail: raphael.francisco@unesp.br

Rodolpho Antonio Rufino. Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Áreas de atuação: Estagiário de Educação, Orientação Profissional e para o Trabalho, e Clínica Psicanalítica Infantil.
E-mail: rodolpho.rufino@unesp.br

Sandro Caramaschi. Biólogo. Mestrado e Doutorado em Psicologia Experimental. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Epistemologia da Psicologia e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC). Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Comunicação Não Verbal. Relacionamentos Interpessoais.
E-mail: sandro.caramaschi@unesp.br

Sarah Fernandes Mascarenhas de Souza. Graduanda do Curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Clínica Hospitalar e Orientação Profissional. Áreas de atuação: psicologia hospitalar, dependência química, vulnerabilidades, mediação de conflitos, justiça restaurativa, psicologia organizacional e do trabalho.
E-mail: sarah.mascarenhas@unesp.br

Tainá Aparecida Pereira da Silva. Graduanda do Curso de Psicologia da UNESP, Bauru.
E-mail: tainaps89@gmail.com

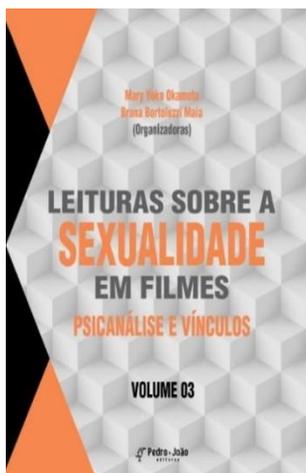
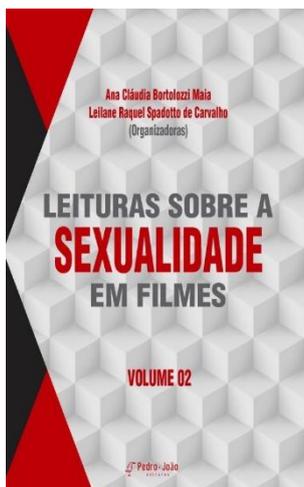
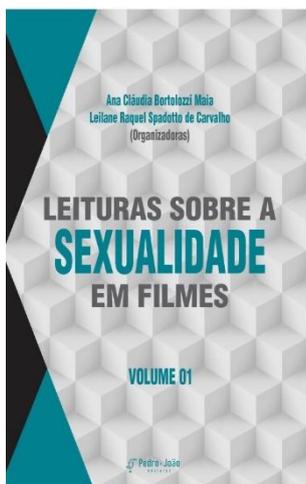
SOBRE AS ORGANIZADORAS

Ana Cláudia Bortolozzi. Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.
E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

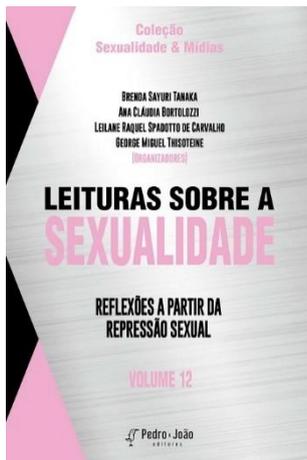
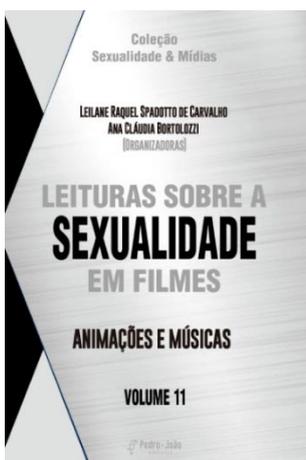
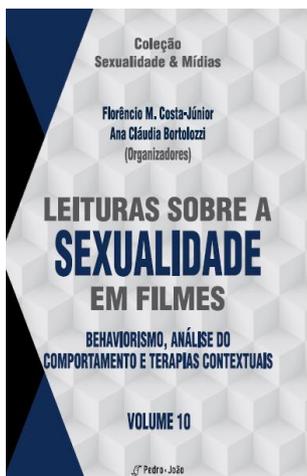
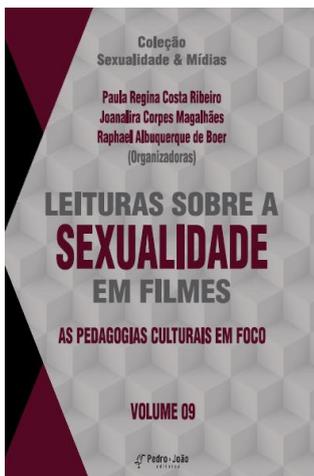
Brenda Sayuri Tanaka. Graduanda no Curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GEPESSEC). Estagiária em Clínica Psicanalítica, Educação Sexual e Orientação Profissional. Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP.
E-mail: brendastanaka@gmail.com

Leilane Raquel Spadotto de Carvalho. Psicóloga. Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da UNESP/Bauru. Docente no curso de Psicologia da Faculdade Eduvale de Avaré. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC). Áreas de atuação: Psicologia do Desenvolvimento Humano, Sexualidade, Educação Sexual e Inclusão.
E-mail: leilane.spadotto@hotmail.com

OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS







Neste Volume 13 da **Coleção Sexualidade & Mídias** o que os capítulos têm em comum são os relacionamentos amorosos, práticas sexuais e questões de gênero ao longo do desenvolvimento humano, tratando de temas específicos como iniciação sexual, diálogos sobre sexualidade, masculinidades, amores lésbicos, relacionamentos virtuais, relações amorosas, adversidades como deficiências, machismo, transfobia, violência, dentre outros.



ISBN 978-65-5869-464-9



9 786558 694649 >